

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer

Renata Cristina Simões de Oliveira

DIVERSÃO E JUVENTUDES EM FINAIS DO SÉCULO XIX:
histórias registradas por memorialistas diamantinenses

Belo Horizonte

2022

Renata Cristina Simões de Oliveira

**DIVERSÃO E JUVENTUDES EM FINAIS DO SÉCULO XIX:
histórias registradas por memorialistas diamantinenses**

Tese apresentada ao Curso de Pós- Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Estudos do Lazer.

Orientador: Prof. Dr. Cléber Dias

Belo Horizonte

2022

O48d Oliveira, Renata Cristina Simões de
2022 Diversão e juventudes em finais do século XIX: histórias registradas por memorialistas diamantinenses. [manuscrito] / Renata Cristina Simões de Oliveira – 2022.
100 f.: il.

Orientador: Cleber Augusto Gonçalves Dias

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.
Bibliografia: f. 96-100

1. Lazer – Aspectos sociais – Teses. 2. Jovens – Teses. 3. Diversões – Teses. I. Dias, Cleber Augusto Gonçalves. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Sheila Margareth Teixeira Adão, CRB 6: nº 2106, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS DO LAZER

ATA DA 89ª DEFESA DE TESE DE DOUTORADO

RENATA CRISTINA SIMÕES DE OLIVEIRA

Às 09h00min do dia 16 de dezembro de 2022 reuniu-se de modo Online a Comissão Examinadora de Tese, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho “*Diversão e Juventude em Finais do Século XIX: histórias registradas por memorialistas diamantinenses*”, requisito final para a obtenção do Grau de Doutora em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Cleber Augusto Gonçalves Dias, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para o candidato, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovado	Reprovado
Prof. Dr. Cleber Augusto Gonçalves Dias (Orientador)	X	
Prof. Dr. Fábio Santana Nunes (UEFS)	X	
Prof. Dr. José Alfredo de Oliveira Debortoli (UFMG)	X	
Prof. Dr. Ronaldo Flaviano de Souza Junior (UFVJM)	X	
Prof. Dr. Vitor Lucas de Faria Pessoa (UFMG)	X	

Após as indicações a candidata foi considerada: **APROVADA**

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para a candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente **ATA** que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 16 de dezembro de 2022.

Assinatura dos membros da banca examinadora:



Documento assinado eletronicamente por **Jose Alfredo Oliveira Debortoli, Professor do Magistério Superior**, em 31/03/2023, às 08:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vitor Lucas de Faria Pessoa, Professor Magistério Superior-Substituto**, em 31/03/2023, às 16:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cleber Augusto Gonçalves Dias, Chefe de departamento**, em 01/04/2023, às 13:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ronaldo Flaviano de Souza Junior, Usuário Externo**, em 17/01/2024, às 09:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fábio Santana Nunes, Usuário Externo**, em 18/01/2024, às 09:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1968987** e o código CRC **B0F83E2A**.

Aos que não medem esforços
para apoiar e ver a felicidade em
quem depositam um amor incondicional:
Renato Aires e Maria Ercília. Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Laços afetivos podem vir a definir uma família. Que sorte a minha, pois, tenho uma família construída por uma multiplicidade de gentes, formadas em diferentes momentos e com uma base em comum: afeto e cuidado. Chegar até aqui não seria possível sem apoio, sem conselho, sem alerta e motivação. Maria Ercília e Renato Aires, mãe e pai, que sofreram juntos em muitos momentos, mas que em nenhum deles deixaram de acreditar em mim e de dedicar-me todo amor, apoio e motivação que é possível, minha eterna gratidão e amor!

Meus irmãos Aires e Ameline, e seus respectivos filhos, Henry e Hemanuel, Miguel, e meus afilhados Luis e Manu. Quanta alegria vocês me trouxeram. No choro, pude parar para sorrir. Na alegria pude vibrar ao abraçá-los. Obrigada por tanto! À “Tia Marlene”, sua família, Sofia e Sueli por toda parceria e acolhimento, gratidão por me darem um lar e uma nova família.

Meus irmãos Naldinho, Eminho e Joyce Furona. Irmãos que a academia me proporcionou e do qual fazemos o nosso “quarteto fantástico” onde ninguém solta a mão de ninguém! Que presente ter vocês em minha trajetória.

Meus tios e irmãos da vida: os primos, os meninos de Izani, as Coelhas, Chico, Carol e toda turma dos “goxtosos”. As amigas que a pandemia permitiu: Carlinha, Cabeça e Nati. A loucura que é o encontro com vocês é sem igual e de muita renovação para encarar a vida.

Ao Clebão por toda parceria, amizade e confiança. Um companheiro desde 2014 que tenho para vida. Gratidão por tudo! A equipe do Hisla por compartilhar tanto conhecimento e humanidade. Que saudade dos encontros presenciais. Cláudia, obrigada por todo acolhimento em nossas seções e por toda a amizade que se criou desde então. Áthila, imensa gratidão por todo incentivo, motivação e por acreditar em mim, mesmo quando minhas crises queriam me convencer do contrário.

A FAPEMIG, o PPGIEL, a EEEFTO e a UFMG que tornaram esse projeto de vida e de profissional possível. Uma agência e uma universidade que fizeram toda diferença não só em minha vida, mas na história de uma família inteira. Vida longa as Instituições Públicas!

RESUMO

Essa pesquisa busca identificar os modos que os jovens diamantinos nascidos nas décadas finais do século XIX se divertiam, observando, entretanto, semelhanças e distanciamentos entre eles e na descrição de práticas de divertimento difundidas nas fontes periódicas. A tese aqui perseguida é a de que: de que forma os ideários sobre a modernidade que foram projetados pela elite diamantina, influenciaram o imaginário e a escrita dos memorialistas e literatos, principalmente no que diz respeito aos aspectos culturais ligados aos divertimentos. As fontes principais da pesquisa foram os memorialistas *Ciro Arno*, *Helena Morley* e *Aristides Rabello*. Como fontes de apoio, periódicos das duas últimas décadas do século XIX e primeiras do XX, e outras memórias publicadas. São abordados o contexto diamantino e as questões da pesquisa. Em seguida há a apresentação dos três memorialistas considerando a formação e o contexto familiar ao qual pertenciam. Na sequência é feita uma separação entre os espaços de divertimentos encontrados nas memórias dos autores. Primeiro, os divertimentos realizados nos interiores das residências. As salas de jantar, a cozinha, o pátio e o quintal, eram espaços residenciais que por vezes se ocupava por festas com fartura de comidas e bebidas e embalado por orquestras ou bandas de música, revelando que práticas corriqueiras do interior da casa influenciava também nas práticas de divertimento fora do lar. E também os divertimentos da rua. Os comércios de bebidas, os armazéns, os bilhares, o teatro e a utilização da rua como espaço de ocupação pela elite e pelos menos favorecidos. Os campos e os rios da cidade como locais de contemplação e de reuniões festivas. Foi revelado que os memorialistas sofreram influências dos ideários projetados à Diamantina, mas, se permitiram colocar seus pontos de vista e os divertimentos que tiveram contato, mesmo aqueles recriminados na imprensa local. As fontes revelaram ainda, que as mulheres eram essenciais para a organização e realização dos divertimentos, no entanto, estas eram censuradas em participar livremente em alguns deles, assim como as negras e negros que vivam na cidade naquele período.

Palavras-chave: Divertimentos; Memorialistas; Diamantina; Primeira-República; Mulheres.

ABSTRACT

This research seeks to identify the ways in which young people from Diamantina born in the final decades of the 19th century had fun, observing, however, similarities and differences between them and in the description of entertainment practices disseminated in periodical sources. The thesis pursued here is that: how the ideas about modernity that were projected by the Diamantina elite influenced the imagination and writing of memoirists and writers, especially with regard to cultural aspects linked to entertainment. The main sources of the research were memoirists *Ciro Arno*, *Helena Morley* and *Aristides Rabello*. As sources of support, periodicals from the last two decades of the 19th century and the first of the 20th century, and other published memoirs. The Diamond context and research questions are addressed. Then there is the presentation of the three memoirists considering their background and the family context to which they belonged. Next, a separation is made between the entertainment spaces found in the authors' memories. First, the entertainment held inside homes. The dining rooms, the kitchen, the patio and the backyard were residential spaces that were sometimes occupied by parties with plenty of food and drinks and filled with orchestras or music bands, revealing that common practices inside the house also influenced the fun practices outside the home. And also the entertainment on the street. The liquor stores, the warehouses, the billiards, the theater and the use of the street as a space for occupation by the elite and the less privileged. The city's fields and rivers as places of contemplation and festive gatherings. It was revealed that the memoirists were influenced by the ideas projected at Diamantina, but they allowed themselves to express their points of view and the entertainment they had contact with, even those criticized in the local press. The sources also revealed that women were essential for organizing and carrying out entertainment, however, they were censored from participating freely in some of them, as were black women and men living in the city at that time.

Keywords: Entertainment; Memorialists; Diamond; First-Republic; Women.

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

Tabela 1 - Distribuição dos grupos de ocupação no distrito sede de Diamantina	24
Tabela 2 – Elementos da modernização urbana em Diamantina.....	25
Tabela 3 – Fontes de apoio	26
Tabela 4 – Fontes de apoio – Periódicos	27
Figura 1 – Corografia de Diamantina em 1921	33
Figura 2 – Genealogia dos Fernandes Brandão	34
Figura 3 – Apresentação dos Capítulos - Joaquim Felício dos Santos.....	36
Figura 4 – Apresentação dos Capítulos – Ciro Arno.....	37
Figura 5 – Genealogia dos Caldeiras Brant.....	40
Figura 6 – Genealogia dos Brant e Matta Machado	45

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Cenário Diamantinense	22
2 MEMORIALISTAS DE SUA JUVENTUDE	29
2.1 Ciro Arno	31
2.2 Helena Morley	39
2.3 Aristides Rabello	44
3 A CASA	51
3.1 Os Quintais e as Brincadeiras	51
3.2 Os Banquetes e os Jogos	58
3.3 O Dinamismo Feminino	65
4 A RUA	72
4.1 O Entrudo e as Festas de Santo	72
4.2 Os Passeios e as Serenatas	78
4.3 Os Espetáculos	85
CONSIDERAÇÕES DA PESQUISA	91
REFERÊNCIAS	96

1 INTRODUÇÃO

A escrita dessa tese não poderia ser iniciada senão pela descrição de sua própria história:

Em 2018 reingressei no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer – PPGIEL, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. O tema que pretendia discutir aqui era de uma continuação temporal de minha dissertação, buscando compreender até que ponto a chegada da ferrovia à cidade de Diamantina em 1914 poderia ter modificado e/ou influenciado nos modos dos divertimentos dos diamantinenses nas décadas seguintes. A partir da conclusão dos créditos obrigatórios já no segundo semestre de 2019, passei a me dedicar à pesquisa e escrita do projeto de tese para apreciação em sala de aula e qualificação pelos pares.

Existe uma máxima reverberada nos corredores das pós-graduações, a qual diz que “o processo de pesquisa é bastante solitário”. Esse referido afastamento social acontece mesmo quando você está rodeado de pessoas, como no meu caso que, além do convívio com familiares e amigos, estava iniciando um namoro. Com isso, ressalto que apesar da distinção entre trabalho, formação, família e amores, estas relações são indissociáveis, principalmente porque, muitas vezes, o combustível para a pesquisa advém desses atores.

O ano de 2020 foi ainda mais desafiador. O mundo vivencia nesse momento um dos cenários mais marcantes de sua história: a pandemia advinda pelo COVID-19. O cenário incomum somado às pressões advindas da pós-graduação, da bolsa de estudos, acabei ficando distante da academia e do turismo, minha formação da graduação, e mais do que isso, me vi interessada em saber sobre o ofício do educador físico influenciada pelo ambiente acadêmico em que estava inserida, o Departamento de Educação Física da UFMG, e pelo relacionamento amoroso que estava vivenciando.

Um novo ano se inicia. Em 2021 envio meu projeto para a qualificação e logo fico acamada. O novo coronavírus havia me infectado. Dores no corpo, dores de cabeça incessáveis, queda de cabelo, perda de memória, dificuldade cognitivas, sentidos olfativos revertidos, dentre outras, descreveram os seis primeiros meses de 2021. Minha família estava no interior e eu vivendo na capital mineira, desde 2018.

Os outros seis meses do ano em questão foram cruciais para minha constatação de que eu não estava isolada das pessoas apenas no período da pandemia da Covid-19. Eu havia me isolado desde o início do meu relacionamento amoroso. Estava vivendo um relacionamento abusivo. Descobrir essa realidade foi algo desorientador, perturbador e acima de tudo, doloroso. Busquei ajuda psicológica, tentei sair do relacionamento inúmeras vezes, até que tomei a decisão de renunciar ao que construí em Belo Horizonte para voltar a ter minha liberdade, minha alegria de viver e me redescobrir. Eu havia perdido boa parte da minha própria identidade.

Este relato não para por aqui, pois antes de ingressar no assunto ao qual esse trabalho se direciona, sinto a necessidade de expor o processo construtivo dele, pois foi exatamente essa história que me levou a escrever essa outra história dos divertimentos de Diamantina, sob uma perspectiva distinta da pretendida inicialmente. Ressalto que diante de uma sociedade, em que somente recentemente as mulheres têm galgado a liberdade para falar sobre suas dores, tenho chances de ser julgada sob diversos aspectos e ser interpretada como alguém que está buscando se vitimizar ou até mesmo que me enxerguem a partir de um prisma de fragilidade ou de coitadismos.

Ainda assim, espero com isso contribuir para as narrativas de mulheres, que assim como eu passaram por processos de silenciamento, ampliar as vozes femininas e principalmente encorajar outras a se expressarem e fundamentalmente se libertarem. Sim, eu me tornei uma militante pelos direitos das mulheres.

Retomando à minha trajetória, me vi em meados de 2021 sem identidade e apenas com um projeto qualificado. As perturbações psicológicas do relacionamento abusivo em conjunto com as sequelas da Covid-19 haviam me bloqueado a seguir na pesquisa há alguns meses, mas em nenhum momento deixar o doutorado foi uma opção para mim.

No mês de dezembro juntei minhas coisas e voltei de “mala e cuia”, como se diz aqui em Minas, para a casa dos meus pais no interior. Eles ainda não sabiam o que realmente estava acontecendo, mas logo minha reação nada “amigável” iria revelar toda a dor e vergonha que eu sentia. Somava-se a esse misto de sentimentos a raiva e o pavor que sentia daquele que eu julgava previamente ser um dos combustíveis para o meu progresso.

Me sentia no fundo do poço, mas com a ajuda dos meus pais, irmãos, sobrinhos, amigos e outros parentes, continuei o tratamento psicológico iniciado há

pouco e busquei também o apoio psiquiátrico. O Cléber, meu orientador, me deu total apoio, e pude contar também com o apoio de grande parte dos docentes do Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGIEL/UFMG) nessa batalha de voltar a viver e entregar uma tese bem escrita e fundamentada.

É preciso ressaltar que o processo não foi fácil, e o momento em que escrevo estas palavras, permanece permeado por dificuldades. É perturbador, é inconstante, mas incluindo este trabalho é parte de um processo de aprendizado não somente acadêmico, mas de saber respeitar o próprio tempo, as minhas emoções e a reestabelecer vínculos. Isso tudo reflete diretamente no desempenho de minhas leituras, observações e questionamentos.

Retomei às fontes e tabulações de pesquisa realizadas em 2014 e 2015, obtidas em decorrência da realização do meu mestrado. Estudei novamente alguns memorialistas, teses, artigos e dissertações e um livro que acabara de ser lançado sobre a história da cidade: *Desafinado: das cinzas da Acayaca à bossa-nova* de autoria do Diamantinense Wander Conceição (2022). Esse conjunto de informações me fez querer aprofundar nos divertimentos diamantinos das décadas finais do Século XIX sob a narrativa de quem viveu em Diamantina nesse período, mas que tentou registrar essa história conforme suas lembranças. Reencontrei meu caminho...

Assim, tomo como fontes de pesquisa três memorialistas diamantinos nascidos na década de 1880, a fim de conhecer os divertimentos por eles praticados/vivenciados.

Os estudos históricos dos divertimentos pelo interior do Brasil têm ganhado impulso, sobretudo, com a criação do PPGIEL/UFMG, como nos aponta Nunes (2021) em sua tese de doutorado. Neste mesmo programa, foram defendidas um total de 19 teses e dissertações sobre as práticas de diversão no período compreendido como Primeira República¹.

No entanto, dentre as 19 pesquisas, apenas quatro não utilizam os periódicos da época como fonte principal de pesquisa, sendo eles: Bibbó (2017), que investigou os divertimentos na cidade de Ouro Preto no final do século XX por meio

¹ Essas informações foram obtidas pelo banco de teses e dissertações do site oficial do PPGIEL <http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/pos_graduacao/estudos_do_lazer_mestrado_doutorado/defesas> buscando pelos trabalhos defendendo na linha 2 – História e memória do Lazer, sendo selecionados os que compreendiam os anos da Primeira República do Brasil. O acesso foi feito em: 25 set 2022.

de fontes da Câmara Municipal do município; Santos Júnior (2017) que buscou identificar as sociabilidades do divertisse na região suburbana de Bangu, no Rio de Janeiro entre 1895 e 1929 a partir de múltiplas fontes de pesquisa, entre elas “dados censitários, os recenseamentos de 1906 e 1920, o Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro, a imprensa suburbana, obras literárias, entre outros” (*ibid.* p. 20); Mota (2017), analisou a revista *Semana Ilustrada* a fim de compreender o lazer em Belo Horizonte; e Martini (2010), que utilizou-se de múltiplas fontes, como variados impressos periódicos e documentos oficiais, para estabelecer uma história da dança de salão em Belo Horizonte entre os anos de 1897 e 1936.

Em minha pesquisa de mestrado (Oliveira, 2016), defendida também no Programa de Pós-graduação em Estudos do Lazer da UFMG, estudei os divertimentos da cidade de Diamantina a partir dos periódicos locais entre os anos de 1888 e 1915. Nesse estudo, foi constatado um destaque oriundo dos colunistas dos jornais da época, para que a população fosse ao teatro e posteriormente ao cinema. Analisando meu trabalho, assim como os demais que laçaram mão dos periódicos como fonte de pesquisa principal para análise dos divertimos nos anos da Primeira República do Brasil, nota-se uma similaridade nos discursos focados na preocupação com os divertimentos úteis e modernos.

Em Diamantina, o contexto histórico da cidade torna legítimas as “indicações” aos divertimentos apresentados como modernos e civilizados, visto que estes faziam parte do que José Moreira de Souza, em 1993, veio a chamar de “processo de cidadania” (p.20) iniciado pela elite diamantinense ainda nas primeiras décadas do século XIX. Pode-se dizer que a referida cidadania, nesse contexto, é entendida como uma espécie de afirmação regional. Ao longo do mesmo século, houve também o desenvolvimento do projeto liberal do “Norte de Minas”, que de acordo com Souza (*id.*, p.85) visava “ensino livre, abolição da guarda Nacional, liberdade religiosa, eleição direta, fim da Monarquia”.

O Norte de Minas na metade do século XIX abrangia “áreas das bacias do São Francisco, Jequitinhonha e Mucuri, chegando às fronteiras da Bahia, Goiás e Espírito Santo (Martins, 2014, p. 364). Ressalta-se também que após a crise dos diamantes enfrentada na segunda metade do século XIX, a elite diamantinense buscou novos caminhos para ampliar seu comércio, investindo em fábricas, na lapidação de diamantes, na comercialização de diferentes produtos, na produção agrícola e na modernização dos divertimentos.

No último terço do século XIX, Diamantina tornou-se o centro mais ativo do comércio e da indústria no Norte de Minas, recebendo o cognome de “grande empório do Norte”. Ponto final da chamada “Estrada Geral do Norte”, Diamantina era passagem obrigatória para os viajantes e as tropas de comércio que demandavam de Ouro Preto ou Rio de Janeiro. (Martins, 2014, p. 367)

A esse respeito, Marcos Lobato Martins reuniu seus estudos sobre a história da economia e da política diamantinense em uma única obra: “Breviário de Diamantina – uma história do garimpo de diamantes nas Minas Gerais (século XIX). No relato do desenvolvimento local, o referido autor dá continuidade ao processo do qual Souza (1993) havia apontado. O projeto liberal foi abraçado pelos irmãos Felício dos Santos, com destaque à Joaquim Felício dos Santos (1825-1895), líder do partido liberal-republicano. Ademais, houveram projetos do partido conservador, tendo como principal referência o Conselheiro João da Matta Machado (1850-1901), e o “Projeto da Cidade Católica”, encabeçado por religiosos e pelo professor, jornalista e funcionário público José Augusto Neves (1875-1955).

O projeto liberal republicano visava a libertação da nação perante Portugal; defendia a igualdade de direitos, libertação dos escravizados; era contrário à intervenção estatal na vida das pessoas e modo de gastar o Fisco; defendia reforma dos impostos; investimentos na qualificação profissional; desenvolvimento de tecnologia para a produção; melhorias nos meios de comunicação e de transportes, sobretudo nas regiões mais ao norte; e apoio ao setor industrial.

Os Matta Machado, no entanto, eram favoráveis à investida na agricultura e na pecuária, sendo percursoros da indústria de lapidação. Contestavam por uma educação primária e por escolas técnicas profissionalizantes que pudessem contribuir com o entendimento da agricultura. Defendiam também melhorias no transporte fluvial e inserção no transporte ferroviário, bem como a criação de bancos de crédito para apoiar agricultores e pecuaristas. Esses ideais foram amplamente divulgados nos periódicos *A Idea Nova* e *Cidade Diamantina*.

O projeto da cidade Católica, conforme Martins (*idem*, p. 388) era “agrarista, benevolente, moderadamente reformador”, ao passo que lutava contra o que entendiam por “excessos liberais-republicanos”. Os pretextos de laicizar a população, a liberdade de valores sociais e a inserção de práticas “modernas” eram constantemente repudiados pelos intelectuais católicos. Essas ideias foram escritas

por José Augusto Neves e publicadas em 1899, a fim de difundir na cidade e na região esse projeto “reformador” do catolicismo local.

Os ideários propostos por Souza e Martins puderam se confirmar em alguns estudos sobre a cidade, entre eles: meu estudo supracitado: *O Teatro e algumas diversão em Diamantina – uma história registrada pela Imprensa (188-1915)*; A dissertação de mestrado em História de Caroline Paulino Alcântara, 2015: *Princesa do Norte: contradições da modernidade em Diamantina (1889-1930)*, cuja análise centrasse nos discursos difundidos pelos periódicos locais e seus ideários de modernidade; o estudo de Ronaldo Flaviano de Souza Júnior, 2020, *Santificado seja o Vosso Tempo Livre – a influência do catolicismo nas práticas de divertimento em Diamantina (1903-1930)* que abordou as interferências do catolicismo institucional nos lazeres em Diamantina em sua tese de doutorado.

Nos trabalhos escritos por Dayse Lucide Silva Santos, seja em sua dissertação “Entre a Norma e o Desejo: estudo das tensões na vida conjugal diamantinense no processo de mudança social. (1863 a 1933), 2003”; ou tese “Cidades de Vidro: a fotografia de Chichico Alkimim e o registro da tradição e da mudança em Diamantina: 1900 a 1940, 2015”, são expostos aspectos da vida cotidiana associadas às normas imposta à sociedade diamantinense.

Mais recentemente, o diamantinense Wander Conceição, 2022, em sua obra *Desafinado – das cinzas do Acayaca à bossa-nova*, buscou contextualizar a cultura diamantinense e seus desdobramentos políticos e econômicos a fim de estabelecer possíveis relações de trocas vivenciadas pelo músico João Gilberto, quando de sua estadia em Diamantina na década de 1950. E também, nos meus estudos dos periódicos diamantinenses da época: *O Jequitinhonha* (1868-1906); *Cidade Diamantina* (1893-1903); *O Município* (1893-1903) e *A Idea Nova* (1905-1912), foi possível apreender sobre os projetos de cidade que defendiam as elites letradas.

Nos estudos pela abordagem da História Cultural pode se observar que a partir da declaração da independência do Brasil, a elite letrada sentiu necessidade de se libertar de Portugal também no aspecto intelectual. Para isso era necessário consolidar uma história própria, desse modo

estes escritores encontraram no Romantismo europeu as características necessárias para a escrita nacional. Passaram a valorizar a fauna e a flora brasileira, assim como também passaram a buscar um representante que pudesse ser visto como o fundador do Brasil (Gaffo, 2013, p. 4).

Os intelectuais de Diamantina expressaram em suas publicações essa valorização nacional como os demais romancistas. Ademais, Joaquim Felício contribuiu com a obtenção do primeiro prelo de madeira que possibilitou a circulação, em 1860, do primeiro número do jornal *O Jequitinhonha*.

“O *Jequitinhonha*, visando o retorno dos assuntos liberais às conversas, publica, em folhetins, as obras mais importantes que formulam o novo projeto de nível regional e o vinculam ao contexto “nacional”. Começa pelo romance *Acayaca*, prossegue com as *Memórias do Distrito Diamantino da Comarca do Serro Frio*, reproduz o *Libelo do Povo*, obra assinada por Timandro, que interpreta a luta pela nacionalidade, do ponto de vista do projeto liberal, e termina com as *Páginas da História do Brasil Escritas no ano 2000* (Souza, 1993, p.83).

“Sem venda avulsa, sem matéria paga, com as colunas franqueadas, gratuitamente, as publicações de interesse coletivo, contando apenas com o produto de minguidas assinaturas” (Neves, (?), *apud* Santos, 1978, p. 25). Além de sócio do jornal, nele publicou seus romances e memórias com a finalidade de colocar em evidência as lutas históricas e os fundamentos político-econômicos que preconizava à Diamantina e região.

Os primeiros textos publicados em folhetins por Joaquim Felício foram divulgados em livro ao longo da segunda metade do XIX, além do romance futurista publicado em livro no ano de 1957. No romance *Acayaca 1729*, veiculado no periódico *O Jequitinhonha* entre 1862 e 1863 por Joaquim Felício dos Santos, se insere no âmbito do Indianismo. O autor conta a lenda do *Acayaca*, que tenta justificar os diamantes presentes no solo da região, ao mesmo tempo que apresenta uma maldição a quem os detém, os quais estariam fadados ao fracasso. Num segundo momento da obra, relata a Diamantina do século XIX.

Na obra seguinte, “*Memórias do Distrito Diamantino da Comarca do Serro Frio*”, Joaquim Felício dos Santos narra os conflitos e lutas dos diamantinenses, sustentando as perspectivas de continuidades para uma cidade industrial, moderna. Já na obra “*Páginas da História do Brasil Escritas no ano 2000*”, ele lança mão de um texto futurista, projetando os anseios e conquistas do período e suas contribuições para os diamantinenses do futuro.

Estes ideários, no entanto, causavam não só projeções à futura Diamantina, como também possibilitou o medo do “novo”, um temor à perda dos costumes. Lendas surgiram, reportagens de órgãos conservadores expressavam o

quão desastroso poderia ser as novidades que se desejava à diamantina, periódicos católicos censuravam costumes, festas, manifestações culturais num conflito constante entre o novo e os costumes consolidados.

A década de 1880 trouxe à sociedade brasileira mudanças significativas ao formato de sociedade e política até então estabelecidas. A promulgação da Lei Aurea em 1888, e a Proclamação da República em 1889, gerou incertezas em todas as esferas sociais, foi também sentida e registrada pelos diamantinenses. Em 1887, a população escrava local somava em 2.605 pessoas, representando 6,1% da população total. Em 1832, um ano após o reconhecimento enquanto município, esse percentual era de 53,6%, de acordo com Martins (2015).

Na virada do século XIX para o XX, surgiram vários memorialistas na cidade de Diamantina na tentativa de resguardar seus costumes e expressar seus receios, afirmar seus ideários, ou mesmo na intencionalidade de resguardar a história local a partir do entendimento daqueles que as narravam.

Nascidos na década de 1880, Aristides Rabelo (1886/1941), Ciro Arpino Caldeira Brant (1880/1972) – que utilizava o pseudônimo de Ciro Arno e Alice Dayrell Caldeira Brant (1880/1970) – com o pseudônimo de Helena Morley, vivenciaram os anos iniciais da república, as modificações sanitárias e de costumes, foram testemunhas das mudanças referentes aos escravizados e da fome que atingiu o norte de Minas Gerais no início da década de 1890, assim como a passagem do século XIX para o XX. Todos eles seguiram os intelectuais da segunda metade do século XIX, e publicaram suas memórias da infância e da juventude em Diamantina.

Na leitura dos textos desses jovens memorialistas, é percebido que eles tinham um notório afeto pela cidade natal, os quais viam as mudanças que nela aconteceram. O uso mais literário em suas escritas não era distante dos textos publicados nas páginas dos jornais: com ideais difundidos, medos e projeções. Entretanto, na escrita desses memorialistas pode-se notar uma maior sensibilidade para os acontecimentos que vivenciaram, os modos com os quais os entendiam e de que forma a sociedade se organizava.

Tendo em vista estas obras produzidas, pergunta-se se é possível identificar outras práticas de diversão em Diamantina para além daquelas descritas nos jornais locais, como as apontadas em minha dissertação de mestrado e na tese de doutorado Souza Jr (2020)? Ademais, o fato de o foco de uma investigação

histórica se basear principalmente em uma fonte não poderia colocar o processo historiográfico num “perigo de uma história única”, como nomeia Adichie (2019)?

Trabalhar diferentes fontes em uma pesquisa requer uma metodologia específica, implicando em uma demanda maior de recursos que nem sempre são possíveis no tempo institucionalizado da pesquisa e dos recursos financeiros e tecnológicos acessíveis. Como solução, diferentes pesquisas, com foco em fontes díspares poderia tornar possível que as histórias de um lugar fossem compreendidas de modo ampliado?

Tais questionamentos me motivaram a buscar identificar os modos que os jovens diamantinenses das décadas finais do século XIX se divertiam, observando, entretanto, semelhanças e distanciamentos na descrição de práticas de divertimento com aquelas anteriormente estudadas em minha pesquisa de mestrado com foco nas fontes periódicas.

A tese aqui perseguida é a: de que forma os ideários sobre a modernidade que foram projetados pela elite diamantinense, influenciaram o imaginário e a escrita dos memorialistas e literatos, principalmente no que diz respeito aos aspectos culturais ligados aos divertimentos.

Por se tratar de um estudo cujas fontes principais são obras literárias, se faz necessária uma discussão acerca da literatura como fonte da pesquisa histórica. Conforme os estudos de Sandra Jatay Pesavento,

consideramos a literatura como uma representação escrita da história permeada pela imaginação do autor, influenciado pelo meio em que vive. Como fonte histórica é legitimada pois tem a capacidade de lançar uma luz em áreas não contempladas por outras fontes. A literatura como fonte auxilia na compreensão do ambiente sociocultural do período referente à obra, pois a transfiguração da realidade e sua transposição para a ficção traz em si significados para o entendimento da sociedade de homens e mulheres de seu tempo (2004, p. 110).

No contexto da História Cultural há uma busca pelas representações do passado com a pretensão de extrair dela sensibilidades e de investigar o mundo de forma significativa, acreditando que a literatura possui aspectos que possibilitam essa construção. A literatura não está isenta de intencionalidades, mas ao mesmo tempo, não abre mão da crítica e da reflexão do tempo em que é escrita. A percepção do tempo e do espaço social permeiam a escrita e a faz dialogar, portanto, com a realidade.

Para Santos (2015), o estudo do passado implica em ambiguidades. Estudar o período aqui pretendido se torna mais ambíguo visto que este é “marcado pela tradição e pelo desejo do moderno. Estudar a cidade no período proposto implica, sobretudo, compreender os ideais de modernização em curso” e também da permanência de valores conservadores, por vezes conflitantes.

Estas ambiguidades se apresentam também na escrita do literato, pois este pode se utilizar de fatos históricos para criar um enredo, mesclando ou não com suas experiências práticas e/ou criando ficção. No entanto, a experiência vivida contribui para uma visão e interpretação da realidade para a escrita das narrativas. A história e a cultura se tornam uma possibilidade de resgate de

representações, que se incumbe de construir uma representação sobre o já representado, e certo modo, portanto a literatura fixa-se como uma fonte produtiva que permite aos historiadores ampliar seu universo e recheiar suas produções a partir de significados e representações que são elementos disponíveis em abundância nas obras literárias. Considera-se ainda que a literatura entrelaça-se com o tempo, com o espaço e com as condições socioculturais onde a mesma é construída (Pesavento, 2004, p. 52).

Todo documento é uma construção pautada em regras de escritas, seja ele oficial ou não. O documento imprime o lugar social e profissional de quem o produz, “a partir daí que se cria um real em conformidade com a historicidade dessa produção e à intencionalidade dessa escrita, tanto o literato quanto a literatura, a linguagem e a sociedade, estão aprisionados nas teias da cultura e do tempo” (Borges, 2010, p.99). Assim, o documento apresenta representações de um lugar social entremeado de individualidades e de aspectos coletivos.

A literatura torna-se fruto de um processo social, seja “nos gêneros crônica, conto ou romance, apresenta-se como uma configuração poética do real, que também agrega o imaginado, impondo-se como uma categoria de fonte especial para a história cultural de uma sociedade” (*id.*, p.108). Também o “diário íntimo pode ser visto como uma das formas da literatura autobiográfica, em que fazem parte também as confissões, o ensaio autobiográfico, o autorretrato, as memórias e o romance autobiográfico” (Furtado; Tabak, 2017, p. 5).

No entanto, é importante evidenciar o contexto com o qual o literato escreve seu texto, a posição que ocupa na sociedade e as possíveis referências de vida e sociedade. Assim, a seguir apresento um panorama da sede do município de Diamantina nas décadas finais do século XIX, bem como no capítulo 1, um relato

sobre a vida e obra dos memorialistas elencados como fonte principal dessa pesquisa.

1.1 Cenário Diamantinense

Conforme descrito na primeira parte dessa introdução, na segunda metade do século XIX a crise nos preços dos diamantes fez com que a elite diamantinense buscasse novas formas de empreender. Deste modo, “em 23 de agosto de 1873, ocorreu a inauguração da primeira fábrica de lapidação de diamantes em Diamantina, no bairro da Palha, cujo maquinismo era movido pelas águas do Rio Grande” (Conceição, 2022, p. 234-5). A fábrica pertencia ao diamantário Serafim Moreira da Silva. Dois anos depois foi instalada uma segunda fábrica no Sítio da Formação. Ambas em regiões periféricas da cidade.

Além da ourivesaria, surgiram “fundições, curtumes, torrefação de café, indústria pirotécnica e farmacêutica, olarias, fábricas de sabão, selarias, calçados, móveis, macarrão, cerveja, cigarro, chapéus e uma diversificada indústria vinícola” (Fernandes; Conceição, 2005, p. 121)

Outro setor de investimentos na região foi a de indústrias têxtil. Ao passo que já se conheciam a qualidade do algodão do Norte de Minas, sendo produto de exportação para a Inglaterra, as fábricas de tecidos contribuíram para fomentar também o cultivo desse produto.

“No município de Diamantina, especificamente, foram instaladas quatro fábricas de tecidos de algodão, a saber: Fábrica de Biribiri, no sítio do mesmo nome, próximo da sede (1876); Fábrica de São Roberto, no então distrito de Gouveia (1877); fábrica de Santa Bárbara, no distrito de Curimataí, atual cidade de Buenópolis (1886); e Fábrica da Perpétua, próxima da sede (1890), todas elas financiadas por capitais acumulados por meio da mineração e comercialização de diamantes” (Conceição, 2020, p. 238).

A Fábrica de Biribiri pertencia aos irmãos Felício dos Santos. Dentre eles, Dom João Felício dos Santos, então arcebispo da arquidiocese de Diamantina. Esse tratou de empregar jovens órfãs formadas no Colégio Nossa Senhora das Dores, a fim de lhes garantir alguma perspectiva de vida e de casamento. No entanto, haviam normas a serem cumpridas e o comportamento das mesmas era determinado por meio de fitas coloridas colocadas em seus braços. Conforme Souza (1993, p. 144) “a fábrica não é em primeiro lugar, uma empresa capitalista. Seu objetivo principal é o

de moralizar as relações, preservando as moças das tentações através da educação pelo trabalho”.

Também por ação da igreja católica houve a “iniciativa de se introduzir em Diamantina a indústria vinícola” (Conceição, idem, p. 244). A presença dos padres lazaristas no seminário diocesano, permitiu que a vinicultura fosse adiante, chegando a ser produzido em 1911 onze mil garrafas de vinhos. A venda desses vinhos era convertida em renda para a conclusão das obras do seminário. Segundo Fernandes (2005) em meados de 1914 o seminário e mais três produtores de vinho local, chegaram a comercializar duzentas mil garrafas de vinho nas casas comerciais de Minas, Bahia e Rio de Janeiro.

“No oitocentos, o crescimento urbano da sede municipal resultou da fixação de contingentes de pessoas ligadas aos trabalhos administrativos (civis, militares e eclesiásticos), à prestação de serviços (profissionais liberais, ofícios mecânicos), à comercialização de gêneros do país e mercadorias importadas e à produção local de manufaturas” (Martins, 2014, p. 226).

Após a criação do bispado em Diamantina, esta instituição passou a exercer imposições às irmandades, ficando estas últimas subordinadas à Instituição. Essa alteração na liberdade de funcionamento das irmandades implicou em mudanças sociais e também na atividade dos músicos locais.

Os músicos profissionais das Irmandades, próprios do século XVIII, vão, paulatinamente, tornando-se amadores ao longo do século XIX. Foram várias razões que levaram a esse processo, mas, indubitavelmente, a razão principal deve ser buscada na alteração da estrutura de regulamentação da ordem pública local. Agora não mais as irmandades têm o papel de mantenedoras da ordem, uma vez que o próprio Estado passou a impor limites legais de comportamento público, culminando, para afirmar sua autoridade, com a criação do 4º Corpo Policial de Minas Gerais, em 1890, na cidade. O próprio Bispado, de forma centralizadora, passou também a se interessar muito mais pelo caráter formativo racional do homem – instrução e devoção, do que, propriamente, pela indicação de sua conduta político jurídica de subserviência aos moldes do Estado Português setecentista. Interessava muito mais a construção de uma ordem moralizadora e homogeneizadora dos costumes, de combate à magia e à feitiçaria, do que, propriamente, uma ordem separatista social, própria da ação das Irmandades (Fernandes; Conceição, 2003, p. 41).

A partir de então, os músicos tiveram de se reinventar, criando ainda em meados da década de 1850 a primeira banda organizada do que já se reconhecia como “moldes modernos”. A banda *Corinho*, cujo regente era Antônio Efigênio de Souza, conhecido como maestro Paragay. A banda *Corinho* e as demais que surgiram em Diamantina após esse período, passaram a tocar em teatros, banquetes, saraus,

encontros no campo, nas ruas em dias de descanso. Os músicos diamantinos fizeram a cidade se sonorizar ao final do século XIX.

Outro som importante na cidade era o do quartel. Às nove horas da noite ele tocava, anunciando o horário de recolhida da população, enquanto os sinos das igrejas enunciavam os horários das missas, o horário do almoço às dez horas da manhã e do jantar, às quatro horas da tarde. Revelando um controle dos tempos sociais da cidade de Diamantina à época.

Com a instalação do Batalhão de Polícia na década de 1890, houve também a instalação da Banda de Música do Batalhão, que muito contribuiu para os lazeres da cidade de Diamantina.

O período compreendido nesse trabalho, conhecido com a Primeira República, abarca também a transição entre o escravizado e o liberto. Como lembrou Ramos (2022, p. 35) “as mudanças em quaisquer campos da atividade humana não são processadas da noite para o dia, ninguém dorme escravizado e acorda como escravizado”. Esta construção de uma nova “mentalidade coletiva” estava em curso junto ao novo regime político. Demandando, por tanto, um olhar para essa transformação nas análises propostas. Cada lugar e cada população tem seu ritmo, seu tempo de mudança. Qual teria sido esse tempo em Diamantina?

Em 1899 havia no núcleo central do município diamantinense 8.272 pessoas. Em 1920 esse número teve um declínio para 7.750 devido a migração para regiões mais dinâmicas do sudeste brasileiro. A porcentagem entre homens e mulheres nesse período era de aproximadamente 50% de ambos os sexos. O número de edifícios, por sua vez, se manteve estimado em 1000 durante os anos de 1858 à 1920, com poucas variações.

A tabela seguinte, que ilustra as ocupações à época, foi elaborada por Martins (2015), tendo como base os estudos de Souza (1993) e do recenseamento de 1920. Havia outras ocupações e ou mais de uma ocupação por pessoa, no entanto, o senso considerou apenas as que estavam bem definidas à época.

Tabela 1 - Distribuição dos grupos de ocupação no distrito sede de Diamantina

Ano	Liberais	Comércio	Lavras	Lavoura	Manuais	Industriais
1876	11,8	27,7	32,0	0,8	21,6	6,2
1920	7,2	21,3	23,3	14,2	-	30

Fonte: retirado de Martins, 2015, p. 228.

Ao analisar os números apresentados na tabela 1, pode-se observar que ao longo da Primeira República a atividade nas lavras foram sendo substituídas pela indústria e pela lavoura, atividades estas relacionadas aos projetos dos Felício dos Santos e dos Matta Machado, respectivamente. Já a tabela 2, também retirada dos estudos de Marcos Lobato Martins, marca os principais melhoramentos ocorridos na sede urbana ao longo dos anos de 1875 e 1910.

Tabela 2 – Elementos da modernização urbana em Diamantina

1875	Reorganização da Biblioteca Municipal, fundada em 1866 (acervo de 1500 volumes)
1876	Inauguração da Fábrica de Tecidos do Biribiri
1879	Instalação da Escola Normal pelo governo provincial
1885	Inauguração do telégrafo em Diamantina
1890	Instalação do 4º Batalhão de Polícia
1891	Início da construção do Hospício de Diamantina Fundação da União Operária Beneficente
1895	Inauguração da Subadministração dos Correios
1901	Inauguração do Hospital da Saúde
1902	Início da construção do Pão de Santo Antônio, a primeira casa de pobres da cidade
1906	Instalação do primeiro cinema na Rua Campos Carvalho (Ramos Guerra & Araújo)
1907	Inauguração por João Pinheiro do Primeiro Grupo Escolar
1910	Inauguração da luz elétrica na administração do Coronel Augusto Caldeira Brant

Fonte: baseado em Martins, 2015, p. 247-8.

No âmbito dos divertimentos, Diamantina detinha espaços públicos e privados destinados a representações cênicas. Dentre eles o Teatro Santa Isabel, inaugurado em 1841; o salão do Externato; o salão da União Operária Beneficente; o salão da Escola Normal; o Largo da Cavallhada Nova, o qual recebia circos, companhias equestres e de bonecos.

As festas religiosas preenchem o calendário anual de celebrações festivas na cidade. As principais conforme os periódicos da época e estudiosos do período em questão eram as festas: do Divino Espírito Santo; do Rosário; Semana Santa; e o mês de Maria. As festividades eram organizadas com novenas, missas cantadas, procissão, participação de bandas de música, jantares.

O carnaval era um dos divertimentos que despertavam conflitos entre a elite local e a população em geral. Nos anos finais do século XIX, as elites entendiam que o tradicional entrudo, era um divertimento ultrapassado e que feria a imagem de Diamantina como cidade civilizada.

De origem ibérica, esta manifestação foi trazida para o Brasil pelos portugueses, na qual os foliões atiravam entre si limões de cheiro, água, ovos e farinha, e os transeuntes eram muitas vezes pegos de surpresa, sendo obrigados a resignar-se com as roupas molhadas ou sujas pelos foliões. O objetivo era molhar e sujar o outro (Soares; Cunha Jr., 2010, p. 15).

Recorrente eram as publicações nos periódicos pedindo pela extinção do divertimento na cidade e de movimentos para a reformulação do carnaval. No entanto, a população continuava a ir para as ruas a atirar limões de cheiro umas as outras.

Além do entrudo e dos desfiles pelas ruas, o carnaval passou também a ser realizado no Teatro Santa Isabel por particulares a partir dos chamados bailes de máscara, os quais reuniam a sociedade em torno do maxixe e polcas, tradicionais no período. Aos domingos, a banda de música do Batalhão de Polícia se dirigia ao Parque Municipal para apresentações de música para as famílias diamantinenses.

O centro urbano era o mais mencionado nos jornais como local de diversões da elite diamantinense, entretanto o subúrbio era também utilizado para passeios ao ar livre e organizações de piqueniques regados a bebidas, comidas e banda de música. As casas particulares recebiam reuniões noturnas, as chamadas *soirées*, organizadas com antecedência, nas quais as pessoas declamavam poemas, dançavam, comiam e bebiam até a madrugada.

Os clubes de leituras e a biblioteca Municipal foram outros espaços de divertimento praticado pela elite letrada de Diamantina. Com a chegada de personalidades importantes na cidade, era comum a realização de banquetes na casa do anfitrião, normalmente organizado com presença de banda de música. Em datas comemorativas, o centro da cidade se iluminava e era feito o convite para participarem de missa cantada, desfiles pelas ruas e jantares.

Feita uma breve contextualização das características da população diamantinense e dos principais modos de divertir-se da elite local nos anos finais do século XIX, cabe destacar quais outras literaturas de memorialistas da cidade foram utilizadas como fontes de apoio a essa pesquisa.

Tabela 3 – Fontes de apoio

AUTOR	TÍTULO DA OBRA	ANO DE PUBLICAÇÃO
ASSIS, Anatólio Alves de	Milagre em Diamantina	1974
CARVALHO, Celso de	D. JOAQUIM: Primeiro Arcebispo de Diamantina	1935
COUTO, Soter	Vultos e Fatos de Diamantina	1954
FERNANDES, Augusto	Tipos Populares de Diamantina	1929

FERNANDES, Douglas Koschy	Diamantina, uma saudade	2002
MACHADO FILHO, Aires da Mata	Dias e Noites em Diamantina	1972
MINAS GERAIS, Coordenadoria de Cultura	Sesquicentenário de elevação do Tijuco a Vila Diamantina, 1831-1981	1983
MOURÃO, Paulo Kruger Correa	Sementeira de Valores – O Seminário de Diamantina de 1867 a 1930	1971
SANTOS, Joaquim Felício dos	_Memórias do Distrito Diamantino _Acayaca, 1729	_1978 _2004
SOUZA, José Moreira de	CIDADE: Momentos e Processos – Serro e Diamantina na formação do Norte Mineiro no século XIX	1993

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Além das fontes principais e das fontes de apoio, essa pesquisa também utilizou a tabulação de periódicos das duas últimas décadas do século XIX, e duas primeiras décadas do século XX. Estes periódicos fazem parte do acervo da Biblioteca Municipal Antônio Torres; e do Museu Tipografia gerido pela Associação Pão de Santo Antônio, ambos sediados em Diamantina. A tabulação foi realizada em 2014 e 2015 e atualizada em 2022. Sua utilização nesse trabalho teve o objetivo de dialogar com o contexto em que os jovens memorialista cresceram e dos divertimentos que foram registrados na imprensa, e mencionados por eles.

Tabela 4 – Fontes de apoio - Periódicos

Jornal	Anos de Edições Analisadas
O Jequitinhonha	1868-1906
Sete de Setembro	1886-1889
Cidade Diamantina	1893-1903
O Município	1893-1903
A Estrella Polar	1903-1916 / 1922
A Idea Nova	1905-1912
O Norte	1906-1909
Pão de Santo Antonio	1906-1913 / 1915-1922

Fonte: Elaboração Própria, 2022.

Dentre os principais periódicos e que mais estiveram à frente dos projetos de cidade pretendidos à Diamantina, tem-se que: 1886, o partido conservador e a maçonaria colaboraram para estabelecer o jornal *Sete de Setembro*, com Antônio Eulálio de Sousa como diretor. Em 1894, a câmara municipal lançou um periódico oficial de governo, publicado semanalmente, para relatar suas atividades até 1903. A

Igreja Católica também usou jornais para divulgar suas ações em Diamantina e arredores, criado em 1903, por Dom Joaquim Silvério de Souza, Bispo Coadjutor de Dom João, *A Estrella Polar* para divulgar oficialmente as atividades do clero, encerrando-se em 1941. Esses periódicos eram distribuídos semanalmente e de alcance regional.

Outro jornal religioso, liderado por José Augusto Neves, surgiu em 1906, vinculado à Pia União de Santo Antônio, estabelecida em 1901, e manteve-se ativo até 1933. Inicialmente, era um boletim mensal, circulando de 1906 a 1913, destacando principalmente as atividades e eventos da Pia União do Pão de Santo Antônio. Entre 1913 e 1915, passou a ser quinzenal e, posteriormente, semanal, abordando uma variedade de assuntos relacionados à cidade e à região até 1935.

Também foram utilizadas demais pesquisas dos divertimentos pelo interior do país nas décadas em questão que serão apresentadas ao logo da tese. Deste modo, este trabalho se organiza da seguinte forma.

O capítulo 2 contempla a apresentação dos três memorialistas diamantinenses elencados nessa pesquisa como fontes principais. Foi considerada a formação dos jovens e o contexto familiar ao qual pertenciam. Os capítulos 3 e 4 por sua vez, relata os modos de divertimento encontrados nos textos dos memorialistas.

O capítulo 3 apresenta os divertimentos realizados nos interiores das residências. As salas de jantar, a cozinha, o pátio e o quintal, eram espaços residenciais que por vezes se ocupava por festas com fartura de comidas e bebidas e embalado por orquestras ou bandas de música, revelando que práticas corriqueiras do interior da casa influenciava também nas práticas de divertimento fora do lar.

O capítulo 4 apresenta os divertimentos da rua. Os comércios de bebidas, os armazéns, os bilhares, o teatro e a utilização da rua como espaço de ocupação pela elite e pelos menos favorecidos. Os campos e os rios da cidade como locais de contemplação e de reuniões festivas. Deslindando que a rua também influenciava no divertir-se dentro de casa. Em seguida são apresentadas as considerações da pesquisa com uma breve retomada dos objetivos e do que os memorialistas revelaram de seus lazares juvenis.

2 MEMORIALISTAS DE SUA JUVENTUDE

Ao pesquisar a cidade de Diamantina em obras publicadas em livro, o pesquisador se depara com um volume expressivo de abordagens, autores e gêneros. Abílio Barreto, o mesmo que dá nome ao Museu Histórico da capital mineira, era diamantinense, nascido na década de 1880. Dentre seus trabalhos, publicou no ano de 1942 o romance histórico *A Noiva do Tropeiro*, remetendo aos anos iniciais do século XX em que o tropeiro abastecia a cidade de Diamantina e região do norte de Minas. Conforme Pinto (2016), Abílio Barreto teve um trabalho relevante na articulação de políticas públicas de preservação do patrimônio histórico em Minas Gerais, e seu romance fez parte desse processo.

Outro diamantinense reconhecido por seus trabalhos em prol da preservação da história, é o já mencionado neste trabalho, Joaquim Felício dos Santos. Além dos romances publicados nos periódicos locais que depois foram editados em livro, e da criação do primeiro jornal diamantinense, Santos produziu o *Projeto do Código Civil Brasileiro* em 1882, e foi o primeiro Presidente do Senado Federal durante a República Velha.

Anatólio Alves de Assis major da Polícia Militar de Minas Gerais, natural de Caetanópolis, publicou livros que remetem à história de sua corporação policial. Em 1991 a revista da polícia mineira, *O Alferes*, reconheceu seu trabalho com uma das “Maiores Epopeias da História do Brasil” (p.52,1991). Publicou também *Milagre em Diamantina* (1974), em que homenageia os voluntários combatentes na Guerra do Paraguai, com destaque aos diamantinenses. Foi professor de História na cidade de Diamantina, sendo reconhecido, posteriormente, com o título de Cidadão Diamantinense.

Paulo Krüger Corrêa Mourão reuniu publicações do periódico *A Estrela Polar*, publicado em Diamantina de 1903 a 1926 e, juntamente a pesquisas relacionadas, publicou o livro *Sementeira de Valores: o Seminário de Diamantina de 1867 a 1930* (1971) resgatando os nomes dos padres, professores e alunos que fizeram parte do seminário de Diamantina no período por ele estudado.

Dentre os estudos da mocidade diamantinense do século XIX, tem-se a tese de doutoramento de Helder Moraes de Pinto, defendida em 2015, que relata a

mocidade em diferentes perspectivas. O que também nos traz a questão: o que era ser jovem no período aqui abordado?

Desde os tempos antigos até os dias atuais, a juventude, por vezes utilizado o termo adolescência, tem sido um período de transformações significativas, tanto para os indivíduos quanto para a sociedade em geral. Ao longo dos séculos, a forma como os jovens são vistos e tratados mudou drasticamente, refletindo as mudanças culturais, sociais e econômicas que ocorreram ao longo do tempo (Schoen-Ferreira, T.H; Aznar-Farias, M.; Silvaes, E. F. M, 2010).

Na antiguidade, os adolescentes muitas vezes eram vistos como adultos jovens, prontos para assumir responsabilidades e contribuir para suas comunidades. No entanto, com o passar dos séculos, a percepção da adolescência começou a mudar. No século XIX, por exemplo, surgiram novas preocupações em relação aos jovens, com a sociedade reconhecendo a adolescência como um período de transição e descoberta.

Durante esse período, ocorreram importantes mudanças sociais, como o fortalecimento dos Estados Nacionais, a redefinição dos papéis de gênero e o avanço da industrialização. Esses eventos tiveram um impacto significativo na vida dos jovens, influenciando suas experiências e expectativas, conforme estudo de Áries, 1978.

Iniciado na Europa e replicado no Brasil, houve um duplo movimento nas relações entre pais e filhos: um investimento crescente no filho como o futuro da família e uma visão da filha como objeto de amor. Isso se reflete no primeiro, como o que se estende entre a primeira comunhão e o bacharelado, e na menina, da primeira comunhão ao casamento. Para elas a criação de escolas para meninas, onde recebem uma educação intelectual, religiosa e moral para se tornarem mães dignas e capazes de ensinar seus filhos (Sarat & Sarat, 2007. Áries, 1978).

Esta percepção a partir das sociabilidades com as quais a juventude era moldada na sociedade brasileira, é percebido nas narrativas dos memorialistas tratados nessa tese. Aristides Rabello e Ciro Arno logo que se formaram no Seminário em Diamantina, foram para cidades mais desenvolvidas a fim de continuarem os seus estudos e se formarem bacharéis. Helena Morley, no entanto, teve seus estudos concluídos na escola para normalistas em Diamantina. Esta, entretanto, como veremos ao longo deste capítulo, relatou alguns de seus questionamentos a respeito do seu papel na sociedade.

Os estudos de Pinto (2015), em que demonstram sociabilidades e divertimentos da juventude diamantinense - sobretudo da elite branca; me provocou algumas inquietações: A) os jovens Rabello, Arno e Morley nasceram na década de 1880; tomaram nota de acontecimentos no período da juventude na cidade; no entanto, só vieram a publicar seus escritos décadas depois; o que mais de comum poderia haver entre esses jovens? B) quais semelhanças e distanciamentos apresentaram no modo de se divertirem? C) a que se deve essas diferenças?

Deste modo, este capítulo aborda quem são os jovens memorialistas diamantinenses, contextualizando o parentesco, posição social, e aspectos da vida de cada um para além da juventude contada em suas obras. Os três jovens não utilizaram seus nomes completos nos livros publicados. Cícero Arpino Caldeira Brant utilizou pseudônimo de *Ciro Arno* nas três obras analisada para este trabalho: *Memórias dum Estudante: 1885 – 1906* (1949); *Os Enteados: cenas da vida norte – mineira (?)*; e *Os Jatobás: cenas da vida norte – mineira* (1951). Alice Dayrell Caldeira Brant publicou seu diário, *Minha Vida de Menina*, escrito nos anos de 1893 a 1895 com o pseudônimo de *Helena Morley* (1942); e Aristides Corrêa Rabelo assinou *O Hóspede* (1921) ocultando o Corrêa do nome.

Importante destacar que neste estudo, utilizei as edições de *Minha Vida de Menina* de 1998 e de *O Hóspede*, a de 1978. As de *Ciro Arno* são as primeiras edições de *Memórias dum Estudante* (1949) e *Os Jatobás* (1951), e sem data de produção. Na sequência, analiso os três memorialistas individualmente.

2.1 *Ciro Arno*

Cícero Arpino Caldeira Brant nasceu em Diamantina por volta de 08 de março de 1880. Cícero era filho de Augusto Afonso Caldeira Brant e Maria Augusta Fernandes Brandão. Possuía seis irmãos, sendo eles: Augusto Mário Caldeira Brant (1876-1968); João Edmundo Caldeira Brant (1878-1967), ambos mais velhos que Cícero; Leónidas Bertino Caldeira Brant (1881-1979); Maria Hermínia Caldeira Brant; Maria Ilda Caldeira Brant; e José Aristides Caldeira Brant. Não foram encontradas informações sobre o ano de nascimento e morte dos três últimos irmãos.

A história da família de Cícero remete ao Cadete de Itaipava e aos tempos da Intendência dos Diamantes. Em 1739 foi estabelecido que a exploração das lavras

diamantíferas seria feita pelo regime de contratos. O primeiro contrato, arrendado pelo período de 1739 a 1743, foi adquirido por João Fernandes de Oliveira em sociedade com Francisco Ferreira da Silva. Ao final do período contratado, os mesmos resolveram por renovar a contratação, se mantendo até dezembro de 1747. O terceiro contrato, no entanto, foi arrendado pelos irmãos Caldeira.

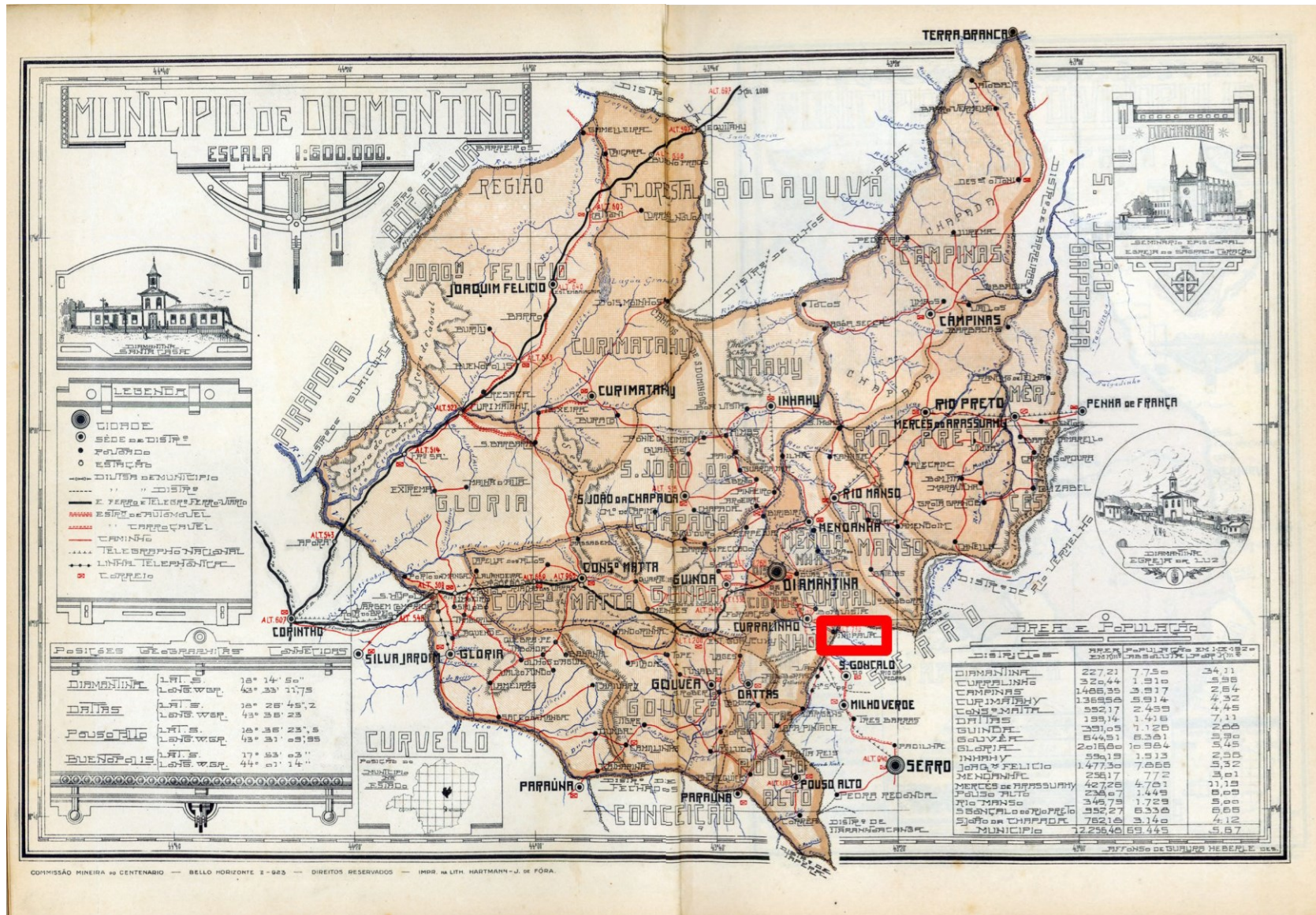
De acordo com Santos (1978, 113) “Felisberto Caldeira Brant era o arrematante ostensivo, o único responsável à fazenda real; particularmente se associava com seus três irmãos, Sebastião, Joaquim e Conrado Caldeira Brant”. Felisberto havia minerado em Goiás, onde adquiriu significativa fortuna e criou desavenças com a população, partindo em 1744 para Paracatu, em Minas Gerais. Nesta localidade “cada um de seus trabalhadores dava-lhe diariamente dezessete oitavas de ouro” (*id.*, 114). Mas ambicionando mais riquezas seguiu para o Tijuco arrendando o terceiro contrato de exploração dos diamantes.

Felisberto possuía quatrocentos escravizados em suas lavras pelo Tijuco, e mantinha duzentos na região de Goiás. Agindo de modo oposto aos dois primeiros contratos, ele não perseguia os garimpeiros, atitude que possibilitou que o Arraial se desenvolvesse em volume populacional e concentrasse posses. Os Caldeiras preocuparam em garantir que o Arraial fosse abastecido com a moda e os costumes do que eram praticados na metrópole. Não tardou, os boatos sobre o que se passava no Tijuco chegaram à Corte, que prontamente nomeou um novo Intendente, Sancho de Andrade Castro e Lanções. Após novas restrições estabelecidas, Felisberto acabou preso, foi enviado para o Rio de Janeiro e posteriormente para Lisboa. Seus bens foram confiscados, e sua mulher e filhos expulsos da casa onde residiam, a casa dos Contratos (Santos, 1978).

Os irmãos de Felisberto constituíram família no Tijuco. Dentre eles, Sebastião Caldeira Brant que se casou com Senhorinha Jesuína Fernandes e tiveram dois filhos, Francisco Xavier e João Caldeira Brant. Este último se tornaria anos depois, avô paterno de Cícero Arpino Caldeira Brant, o Ciro Arno.

Natural da cidade de Serro, João Batista de Melo Brandão (? – 1875), o cadete de Itaipava, como ficou conhecido, casou-se com a diamantinense Theresa Jesuína Fernandes, nascida em 16 de dezembro de 1810. Eram pobres, possuidores de poucos escravos. Foram morar na região mineradora de Itaipava, pertencente ao distrito de Curralinho, como destacado na figura 1.

Figura 1 – Corografia de Diamantina em 1921



Fonte: Album Chorographico Municipal de Minas Gerais, 1927.

Conforme **Ciro Arno**,

Após longo período de trabalhos infrutíferos e de privações, o Cadete de Itaipaba descobriu no leito do Jequitinhonha tão grande quantidade de diamantes, que adquiriu enorme fortuna, apesar da baixa momentânea do valor do produto. Seis meses após a época em que vendeu os diamantes na Corte, teria obtido um lucro três vezes superior!

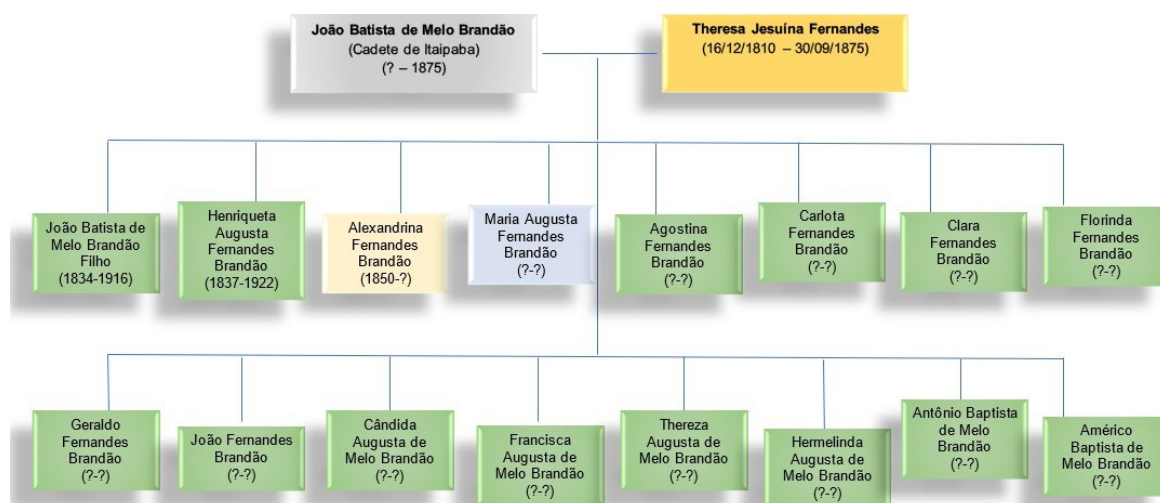
De posse de avultados haveres, João Batista de Melo Brandão construiu para sua família, que ia aumentando, uma grande casa, edificou uma capela, comprou numerosos escravos, a fim de desenvolver o seu serviço de mineração, protegendo diversos parentes que convidou a residirem na Itaipaba. (Arno, 1949, 20)

Além dos parentes que convidou para a casa de Itaipava, João Batista e Theresa tiveram dezesseis filhos (conforme figura 2), que ao atingirem idade para os estudos, mandavam para o Rio de Janeiro, capital federal a época para lá se formarem. Dois deles, entretanto, lá faleceram por contraírem febre amarela. Em 13 de setembro de 1875 o Cadete de Itaipava faleceu devido à problemas cerebrais.

Quatro anos após, Theresa e suas filhas Francisca e Carlota, na ocasião viúvas, mudaram-se para Diamantina, estabelecendo-se em uma chácara no largo do Rosário. A chácara ficava ao lado da igreja de mesmo nome e próxima ao Teatro de Santa Isabel, edificado em 1841.

No entanto, estas informações sobre a família materna de Cícero foram relatadas na obra *Os Jatobás*. A estratégia de escrita utilizada foi a de narrador observador, transferindo ao personagem principal, Gastão Jatobá, as suas próprias referências de família e de vivência em Diamantina.

Figura 2 – Genealogia dos Fernandes Brandão



Fonte: Elaboração própria, 2022. Baseado em Santos, 1978 e GeneaMinas, 2022.

A figura 2 apresenta em destaque cor azul, uma das filhas de João Batista e Theresa Jesuína, a Maria Augusta Fernandes Brandão, a mãe de Cícero.

Cícero foi educado na escola das mestras, e após completar dez anos, é transferido, juntamente com seu irmão João Edmundo, para o Seminário. Desinteressado em seguir carreira eclesiástica, permaneceu no seminário por três anos e concluiu seus estudos na recém inaugurada Escola Normal. “Criada pela Lei Provincial nº 2.476, de 09 de novembro de 1878 e instalada em 07 de fevereiro de 1879, a escola destinada a formação de professores no município diamantinense foi suspensa em 1905, através do decreto nº. 1.778, de 31 janeiro de 1905” (Sousa, 2001, p. 27-8).

Após conclusão do curso de normalista, publicou artigos em alguns jornais da cidade. Em 1896 ele, o irmão João Edmundo e mais dois colegas seguem para Ouro Preto a fim de continuar os estudos. Em 1900, estava morando em Belo Horizonte, cursando o segundo ano de Direito. Concluiu o curso, entretanto, na cidade de São Paulo, retornando à Diamantina em 1906 (Pinto, 2016).

Após seu retorno à Diamantina, trabalhou como advogado e jornalista pelo periódico *A Ideia Nova*. Após reativação das Escolas Normais pelo Governo do Estado, Cícero passa a ser o primeiro diretor da instituição em Diamantina, cargo que assumiu de 1907 a 1909 (Vieira; Tomé, 2017).

Cícero casou-se com a diamantinense Maria Esther Brandão. O casal teve quatro filhos: Jorge, Maria Martha, Maurício e Ângela Maria Caldeira Brant. Teve sua carreira reconhecida enquanto advogado e escritor, vindo a falecer em 08 de julho de 1972, no Rio de Janeiro, cidade em que residiu nas últimas décadas de vida.

Cícero Arpino Caldeira Brant escreveu suas obras utilizando o pseudônimo de Ciro Arno. Ao referenciar suas obras o tratei, portanto, enquanto Ciro Arno. Apesar disso, as histórias narradas tem a cidade de Diamantina como cenário e os personagens secundários pessoas que de fato o autor teve contato em sua infância e juventude. A exceção se faz em *Memórias dum Estudante*, obra em que o autor, ainda utilizando de seu pseudônimo, narra em primeira pessoa, descrevendo seu dia-a-dia em Diamantina, Ouro Preto, Belo Horizonte e São Paulo.

Memórias dum Estudante reuni acontecimentos que fizeram parte do cotidiano, sobretudo dos diferentes ambientes escolares que frequentou. É dada uma importância em discorrer sobre as pessoas que contextualizaram os eventos narrados. No período de permanência do personagem à metrópole, o cotidiano se

manteve como narrativa principal, havendo também as narrativas de novidades que lá encontrou. Como por exemplo, o episódio em que narra o primeiro automóvel de São Paulo.

Certa ocasião, passando eu pela Rua Direita, em São Paulo, vi grande ajuntamento de povo, perto da Drogaria Baruel. Fui verificar o motivo daquela curiosidade pública: era um carro aberto, de quatro rodas de borracha, com dois passageiros, e que se movia por si mesmo (um automóvel) (Arno, 1949, p. 143)

Nesta primeira obra publicada por Ciro Arno, a organização da escrita e da apresentação do texto remete à uma possível influência do também diamantinenses, Joaquim Felício dos Santos. Autor presente em suas obras em conversas que aparecem os livros de Joaquim Felício como indicação de boa leitura. As figuras seguintes mostram a apresentação dos capítulos feitas por Santos (1978), escritas na segunda metade do século XIX, e por Arno (1949), respectivamente.

Figura 3 – Apresentação dos Capítulos - Joaquim Felício dos Santos

CAPÍTULO XXVIII

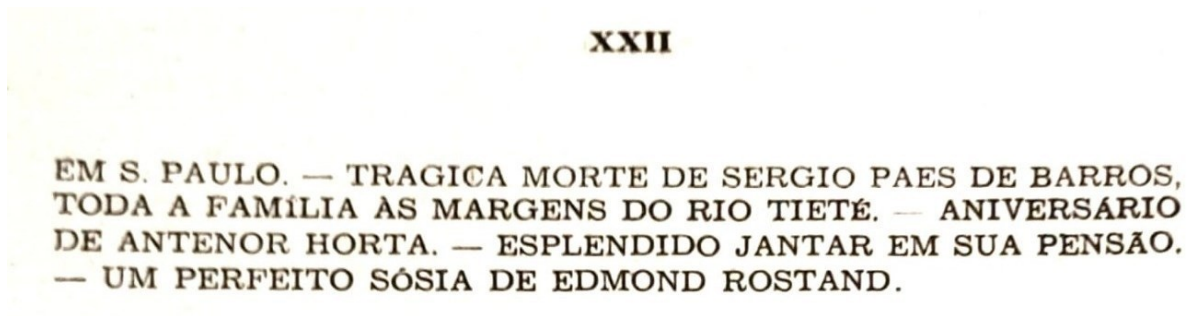
O ferro em Minas. Câmara autorizado a estabelecer uma fábrica de fundição; escolha do Morro do Pilar para seu local; em 1815 funde a primeira barra de ferro. Restabelece-se a verdade alterada em um longo capítulo da *História do Brasil* de Varnhagen. Reivindica-se para o nosso patrício a glória de ter sido o primeiro fundidor de ferro no Brasil. Benéficos resultados da fábrica do Pilar; sua decadência e, afinal, completa ruína.

Fonte: SANTOS, 1978, p. 291.

A figura 3 demonstra um pequeno resumo dos temas tratados por Joaquim Felício dos Santos em *Memórias do distrito Diamantino* no capítulo vinte oito. Pequenas frases que direcionam o leitor aos temas tratados nas próximas páginas.

Na figura 4 (a seguir), vimos o mesmo quanto ao capítulo vinte dois de *Ciro Arno* em *Memória dum Estudante*, estratégia mantida em toda obra, semelhante à Santos.

Figura 4 – Apresentação dos Capítulos – *Ciro Arno*



Fonte: ARNO, 1949, p. 181.

A obra *Os Jatobás* é iniciada localizando o ano de que se trata, 1888, e justificando o porquê do nome Jatobá ser o sobrenome dos seus colegas. Numa sala de aula de uma escola do sexo masculino, em um sábado pela manhã, o professor Rodolfo de Oliveira Pinto, natural da Bahia, ao fazer a chamada dos alunos percebe risos ao falar o sobrenome Jatobá. Ele então explica aos alunos que:

_ Em Portugal desde remotas eras, numerosos sobrenomes foram tirados de frutas, árvores e animais daquele país: Lima, Laranja, Pêssego, Pereira, Salgueiro, Pinho, Pinheiro, Oliveira, Lobo, Carneiro, Sardinha, etc., etc.. No Brasil, por ocasião da independência, em 1822, muitas famílias, por patriotismo, começaram a repelir esses sobrenomes portugueses e a adotar outros genuinamente nacionais, de árvores, frutas e animais brasileiros: Mangabeira, Taioba, Pitanga, Pequi, Murici, Tatu, etc. Tem a mesma origem o sobrenome "Jatobá" de seus colegas Gastão e Adolfo (Arno, 1951, p. 4- 5)

Demonstra uma preocupação com a valorização nacional após independência. Outras mudanças acabam sendo relatadas por Arno ao longo da narrativa, que tem como personagem principal Gastão Jatobá, até o ano de sua morte em 1936. O período, portanto, compreende momentos de significativa transformações na sociedade brasileira, com a libertação dos escravizados e a transição para a primeira república.

Nesta história *Ciro Arno* se coloca como narrador observador, narrando os fatos de Gastão Jatobá e sua família. "Gastão tem nove anos, respondeu Pedro. Adolfo tem sete; Ana Maria, quase cinco; Lúcia, três; Eurico faz hoje dois" os pais,

Pedro Jatobá e D. Chiquinha. Moravam na rua do Jogo da Bola e tinham um armazém na Cavahada Nova (Arno, 1951, p. 17).

Os Enteados (manuscrito sem data) narra a história de dois jovens que se tornam irmãos após o casamento da mãe de um, com o pai do outro, enteados destes, portanto. Nessa história Arno utiliza o sobrenome Pitanga para se referir aos personagens. Há uma crítica mais potente ao vício do álcool do que nas outras obras mencionadas.

Para Pinto (2016), *Os Enteados* pode ter sido escrito em 1952 devido a data escrita na capa da pasta do arquivo armazenado na Biblioteca Antônio Torres. No entanto, ao analisar *Os Jatobás* e *Os Enteados*, me parece que este último foi um ensaio ao primeiro. As duas narrativas tratam especialmente de dois irmãos, um obediente e bondoso, o outro mais travesso. Algumas páginas se repetem na íntegra, como o relato da conversa na biblioteca municipal e a presença de um jornal “clandestino” que critica os professores da Escola Normal. Outro dado semelhante é o subtítulo das duas obras: “Cenas da vida Norte-Mineira”.

A diferença das outras narrativas, porém, é nas condições econômicas das famílias. Enquanto em *Memórias dum estudante* e *Os Jatobás* as famílias tinham posses e condições, em *Os Enteados*, a família sofre dificuldades. O marido largou o comércio no Serro, mudando para Diamantina para se casar e tentar a sorte no garimpo. Enquanto a esposa, costura para fora e ajuda nos rendimentos da casa.

Outros aspectos que chama atenção no manuscrito não publicado, é o filho de Adriano Pitanga, o Lúcio Pitanga que tinha em torno de 15 anos, ser desobediente, faltava a escola frequentemente, brigava corporalmente com “tipos de rua”, bebia muito, e após ir morar em Ouro Preto, deu o desgosto ao seu pai por aparecer nas páginas dos jornais como foragido, por desvio de dinheiro da agência dos correios em que trabalhava.

Apesar de Ciro Arno denunciar em suas outras obras o vício da bebida e o comportamento da juventude contrário ao que era ensinado na igreja, no colégio e por algumas famílias, parece que em *Os Enteados*, ele revela uma juventude que aparecia nas páginas dos periódicos locais como queixas de vandalismo. Teria ele querido amenizar esse comportamento, criando o personagem Gastão Jatobá em outra obra?

Ao avançar na leitura dos periódicos diamantinenses ao longo da primeira metade do século XX, minha desconfiança da escrita *do Os Enteados* anterior à

Memórias dum Estudante se tornou uma afirmativa. Em 1935 o jornal *Pão de Santo Antonio*, em sua edição 41, página 2, traz o seguinte destaque

“OS ENTEADOS”

Sob o título acima, começamos hoje, a publicar, em rodapé, mais um precioso trabalho da cintilante pena de Ciro Arno, pseudônimo do distinto e ilustre escritor- patricio, dr. Cícero Arpino Caldeira Brant.

Para ell, chamamos a atenção de nossos dignos e contantes eleitores (*Pão de Santo Antonio*, 1935, n.41, p.2).

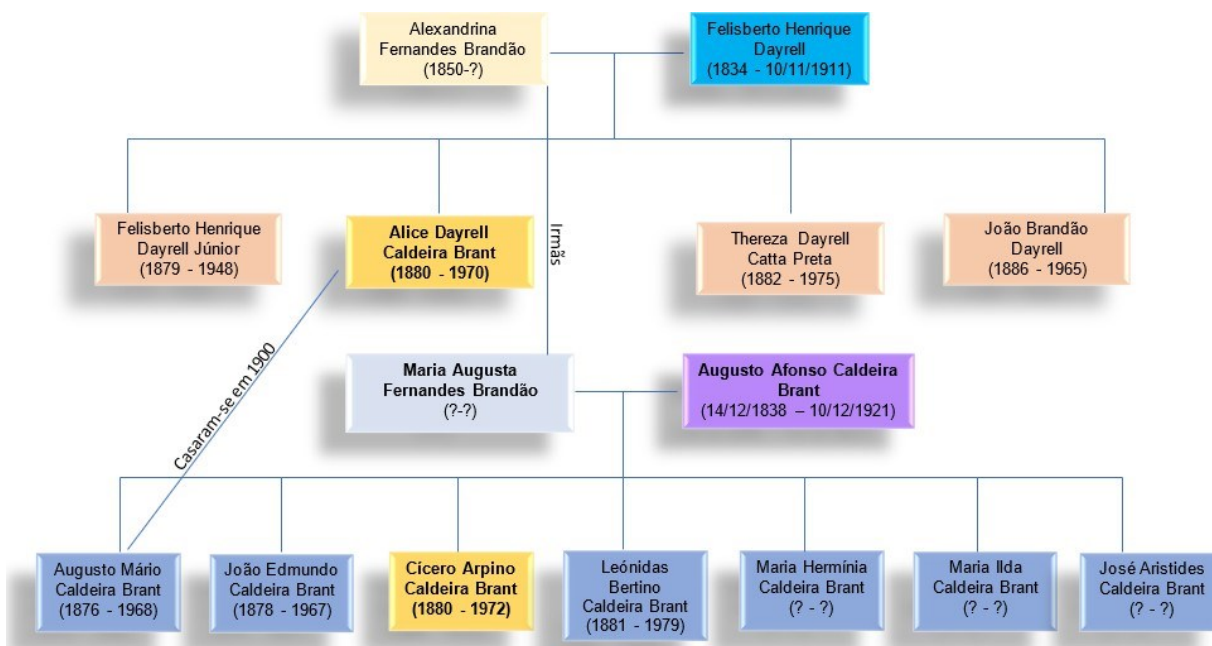
Ao final da mesma página a transcrição do primeiro capítulo da obra de Ciro. No entanto, a publicação de 1935 no periódico não nos dá a garantia de afirmar que o manuscrito seja daquele ano, mas sim de que seja a primeira obra entre as quais se tem conhecimento.

2.2 Helena Morley

Alice Dayrell Caldeira Brant nasceu em 28 de agosto de 1880, filha de Felisberto Henrique Dayrell (1834 – 1911) e Alexandrina Fernandes Brandão Dayrell (1850 - ?). Seu pai era diamantinense filho do médico inglês John Dayrell (23/01/1808 - 23/12/1878) e da também inglesa Alice Rice Callender (08/09/1812 – 13/04/1888) Felisberto foi minerador da região da Boa Vista, Sopa, Paraúna e Angu Duro, este último pertencente ao hoje distrito da cidade do Serro, São Gonçalo do Rio das Pedras.

A família materna de Alice Dayrell foi retratada na figura 2, em que há o destaque de cor rosê para o nome de sua mãe, Alexandrina. Esta era irmã de Maria Augusta Fernandes Brandão, a mãe de Cícero Arpino. Alice e Cícero eram primos, como está representado na figura 5 a seguir. Helena era a mais velha dentre seus irmãos: Felisberto Dayrell Junior (1879-1948), Tereza Dayrell (1882-1975) e João Brandão Dayrell (1886-1965).

Figura 5 – Genealogia dos Caldeiras Brant



Fonte: Elaboração própria, 2022. Baseado em Santos, 1978 e GeneaMinas, 2022.

Os relatos de Arno em *Os Jatobás* sobre sua família materna são confirmados na obra *Minha Vida de Menina*

Ela [vovó] e vovô começaram a vida na Itaipava muito pobres, só tinham dois escravos. Para se agasalharem do frio só tinham casacos de baeta. Moravam num racho de capim. Vovô vivia de mineração; um dia ele tirava um diamante; outro, um pouco de ouro. E assim iam vivendo felizes. Nesse tempo a mineração era proibida. Quando os dragões passavam por lá, vovó escondia os diamantes e o ouro dentro da almofada de renda e ficava sentada batendo os bilros. Eles chegavam, olhavam e iam embora. Depois veio licença para mineração e acabaram os sustos (Morley, 1998, p. 123).

Neste pequeno trecho é relatada a vida dos avós de Cícero e Alice na Itaipava e o período em que a mineração ocorria pelo regime de contratos e sua fiscalização era feita pelos “dragões”, corpo militar português nomeados de “Dragões Del Rey”. Os dragões, no entanto, não conseguiram defender por muito tempo os interesses da coroa em Minas, devido as constantes revoltas da população, e ao envolvimento desses no contrabando de ouro e diamantes (Cotta, 2014).

Alice não possuía avós vivos durante a escrita de seu diário. Sua avó Theresa Jesuína, acabara por cumprir o papel de matriarca da família, detentora do conhecimento, dos valores – morais e religiosos; e dos bens materiais. O quintal da avó era o ponto de encontro e de brincadeiras entre os primos. As casas dos tios eram

os locais dos jogos de cartas e vísporas. A rua, lugar de encontros, do carnaval e da passagem de procissões religiosas.

Em seu diário Helena relatou ser a sua casa a mais humilde de toda a família, sendo a com menor capital financeiro. No entanto, como será relatado posteriormente, isso não a impedia de estar nos mesmos eventos, locais e ter acesso à educação formal e de etiqueta, de acordo com os valores da época.

Os passeios mais frequentes de Morley era pelos rios e campos de Diamantina. Ela ia muitas vezes ao Prata, ao Glória e na Palha. Fosse para acompanhar sua mãe para a lavagem das roupas, ou junto de seus tios para um piquenique. Um dos locais que mais a encantava era o Biribiri: “Chegamos hoje do Biribiri, onde passamos três dias de gozo completo. Eu não teria pressa de ir para o céu se morasse no Biribiri. Não acredito que no céu se possa ter melhor vida do que ali” (Morley, *id.*, p.54).

Um dos conflitos de Morley era o da religião. Diamantina sede da arquidiocese do norte, permeada por condutas ditadas pela moral católica e tendo uma avó católica praticante que a influenciava nas orações e participação nas missas. Por outro lado, um pai filho de ingleses, protestantes. Helena relata não concordar com a exigência de participar da missa todos os domingos, e questiona o porquê de a mãe reclamar com o pai da ausência dele nessas ocasiões. No entanto, os eventos do catolicismo acabam por se tornar momentos de festas e encontro de familiares.

As páginas de Minha Vida de Menina são baseadas em um diário que Alice iniciou a escrita devido aos conselhos do pai, que veio a ser publicado pela primeira vez em 1942. É empregado um discurso narrativo permeado por diálogos e indicação dos espaços nos quais se passa a narrativa. A escrita de Alice reflete a visão da sociedade diamantinense da jovem, numa mistura de atritos interpessoais e de mudanças na composição da sociedade. Seu diário remete aos anos de 1893 a 1895, dos quais possuía 13 a 15 anos. Ao publicar a primeira edição, Helena discorre que

Em pequena meu pai me fez tomar o hábito de escrever o que sucedia comigo. [...]

Não sei se poderá interessar ao leitor de hoje a vida corrente de uma cidade do interior, no fim do século passado (XIX), através de impressões de uma menina, de uma cidade sem luz elétrica, água canalizada, telefone, nem mesmo padaria, quando se vivia com pouco, sem as preocupações de hoje. Relendo esses escritos, esquecidos por tanto tempo, vieram-me lágrimas de saudades de meus bons pais, minha boa avó e minha admirável tia Madge, a mulher mais extraordinária que já conheci e que mais influência exerceu sobre mim, pelos seus conselhos e pelo seu exemplo. (Ibid., p.13-4)

Utiliza na publicação do seu diário a assinatura de Alice Dayrell em homenagem a sua avó paterna, Alice Morley Dayrell. Os pseudônimos são utilizados também ao referir-se aos seus pais, “Carolina” e “Alexandre”; aos seus irmãos “Renato”, “Luisinha” e “Nhonhô”, aos pais de Cícero, “Tio Conrado” e “Tia Aurélia”; ao primo Augusto Mário como “Leontino”. Outros parentes também receberam pseudônimos.

Em comum com a escrita do seu primo Cícero, a utilização do pseudônimo pode sugerir, o que Furtado e Tabak chamaram de “proteção autoral”, “é uma forma de se resguardar de possíveis inconvenientes causados por sua escrita” (Furtado; Tabak, 2017, p. 3). Helena Morley (*Id.*, p.14) assim defendeu as intervenções feitas à escrita original, “*nesses escritos nenhuma alteração foi feita, além de pequenas correções e substituições de alguns nomes, poucos, por motivos fáceis de compreender*”.

A autodescrição de Helena Morley em seu diário diz o seguinte: “Eu sou impaciente, rebelde, responentona, passeadeira, incapaz de obedecer e tudo o que quiserem que eu seja” (Morley, 1998, p. 78). Pelos relatos em seu diário, uma das poucas pessoas a quais Helena obedecia era sua avó. No mais, a narrativa apresenta tom crítico tanto em relação às pessoas, quanto do contexto político diamantinense.

Morley relata um acolhimento aos pretos dado por sua avó após a publicação da Lei Áurea de 1888, ao mesmo tempo que revela a lentidão na transição da posição do preto não mais como um servil escravizado. Demonstra a superioridade do branco para com o preto e a cultura do castigo ainda presente nessa sociedade. Ao mesmo tempo demonstra aceitação em tratar essas pessoas como empregados da casa, e sentindo graça de situações de castigo.

Em um dos relatos, Helena ri de uma situação que demonstra que a exemplo das pessoas brancas, houve uma naturalização do castigo entre os pretos

Uma negra chamada Magna casou com um negro africano chamado Mainarte.

[...]

Há dias chegou à Chácara a notícia que Magna estava na cadeia e Mainarte de cama, à morte. Ela lhe deu uma surra e quis esganá-lo. Vovó disse logo: “Forte coisa!”. E chamou Seu Chico Guedes, que eles chamam de rábula, e mandou providenciar para tirar Magna da cadeia. O homem virou, mexeu e soltou Magna. Ela, sabendo que foi vovó que pagou para tirá-la da cadeia, foi agradecer. Vovó lhe disse: “Até a sua alma você quer perder, não é? Malvada! Querer tirar a vida do marido que Deus lhe deu para companheiro!”. Depois lhe perguntou: “Por que é que você quis matar o podre coitado que não lhe fez mal nenhum?”. Ela respondeu: “Não, senhora! **Ele mesmo é que é raça**”

de gente que morre! Eu só apertei o pescoço dele e pus a língua para fora pra não me responder. Não quis matar ele, não, senhora” (Morley, 1998, p.51, grifos meus)

O trecho revela algumas questões cotidianas. O fato de Magna, preta, sempre bater em seu noivo também preto; a intervenção policial que tratou de prendê-la por tentativa de assassinato; a naturalização do castigo na fala de Magna associando o marido ao tipo de gente que morre; a presença do Chico Guedes, uma pessoa que advoga pelos pretos sem ter uma formação em direito; e a Posição de Morley ao rir dessa situação e achar natural.

Devido a ocupação de Felisberto, pai de Alice, que era a de minerador, este se fazia ausente nos dias de semana. Ele ia para a mineração às segundas-feiras ainda de madrugada, e voltava para casa no fim do dia das sextas-feiras. A referência da família paterna era a Tia Madge, outro pseudônimo, que dava lições a Helena, aulas de etiqueta e influenciou-a em ser normalista.

A família de vovô inglês é a família mais bem organizada que eu tenho conhecido. Ele teve muitos filhos e depois de criados entregou a cada irmão uma irmã para cuidar e sustentar. Madrinha Quequeta era de meu pai. Todos vão vivendo, mas só tio Mortimer é que já fez fortuna. Quando fizeram Escola Normal em Diamantina, tia Madge tinha perto de quarenta anos. Assim mesmo ela entrou para a Escola e tirou o título (Morley, *Id.*, p 80).

A Tia Madge de Helena trabalhava em uma escola no bairro Rio Grande, periferia da cidade. Em ocasião de um afastamento para descanso, ela pediu que sua sobrinha a substituísse por um mês, ela por sua vez reagiu da seguinte forma

Desci para casa maldizendo da sorte e pensando comigo mesma: “Até onde irá parar este sofrimento com a proteção de tia Madge? Que será de mim se for obrigada a largar a Escola, estudos, minhas colegas e tudo para ensinar a meninos pretos e burros no Rio Grande?”. Para me consolar vim refletindo: “Quem sabe se isso não decidirá da minha vida? Eu sou inquieta e impaciente. Será possível que eu suporte ficar metida numa escola seis horas por dia, e ainda trazer cadernos para casa para corrigir? Eu estou longe de tirar o título e já pensei nisso muitas vezes. Vou experimentar a escola de tia Madge e ver se dou para professora” (*ibid.*, p. 275-276).

Helena revela uma superproteção de sua tia para com ela, que a incomodava por vezes, mas que não a impedia de ir visita-la e ouvir seus conselhos. Por outro lado, volta a destacar o modo com o qual a sociedade via o preto, em situação inferior e problemática, ao mesmo tempo que expõe sua visão sobre o povo preto, como burro, desmerecedores do ensino. O questionamento de Helena quanto

a adquirir o título de normalista revela suas inquietações quanto ao que fazer profissionalmente. A mesma chegou a dar aulas na Escola Normal por alguns anos.

O estudo de Recchia e Leonel (2011) demonstra que Augusto Mário foi principal responsável por Alice Dayrell publicar o seu diário. Augusto Mário Caldeira Brant, primo de Alice, após formação em São Paulo, assumiu o cargo de promotor de justiça em Diamantina entre 1898 e 1903. Atuou na cidade como advogado até 1905, ano que se transferiu para o Rio de Janeiro com sua esposa, Alice Dayrell.

Em 1919 Augusto criou o jornal *Estado de Minas*. Foi gerente do Banco do Brasil e participou ativamente da política, compondo o Partido Republicano Mineiro, atuando na campanha de Getúlio Vargas e assumiu cargos de confiança ao longo da Primeira República (CPDOC/FGV, s/d).

Em 1932 Augusto Mário elaborou o estatuto do Partido Social Nacionalista. Com a Revolução Constitucionalista, foi preso, exilado e os direitos políticos cassados. Em 1943, já de volta ao Brasil, se juntou a Resistência Democrática em oposição ao Estado Novo. Em 1945 participou da União Democrática Nacional e foi eleito deputado pelo estado de Minas Gerais (CPDOC/FGV, s/d).

Conforme Recchia e Leonel (2011) teria sido Augusto quem juntou as páginas do diário de Alice e propôs modificações no texto. Uma de suas filhas também contribuiu para convencer a mãe da publicação. Alice e Mário tiveram sete filhos. Ele também sugeriu o nome Helena como pseudônimo.

Ao reunir entrevistas de Alice, seu esposo e da poetisa Elizabeth Bishop, que publicou uma tradução do diário em Inglês, os autores Recchia e Leonel (*id.*) constataram um “autoritarismo do Sr. Mário Brant”, em que este chegou a censurar o que julgava indiscreto. Este fato pode explicar a ausência de conflitos pessoais da autora em relação à sexualidade, algo comum na idade da qual seu diário publicado sugere que tinha, entre os 13 e 15 anos.

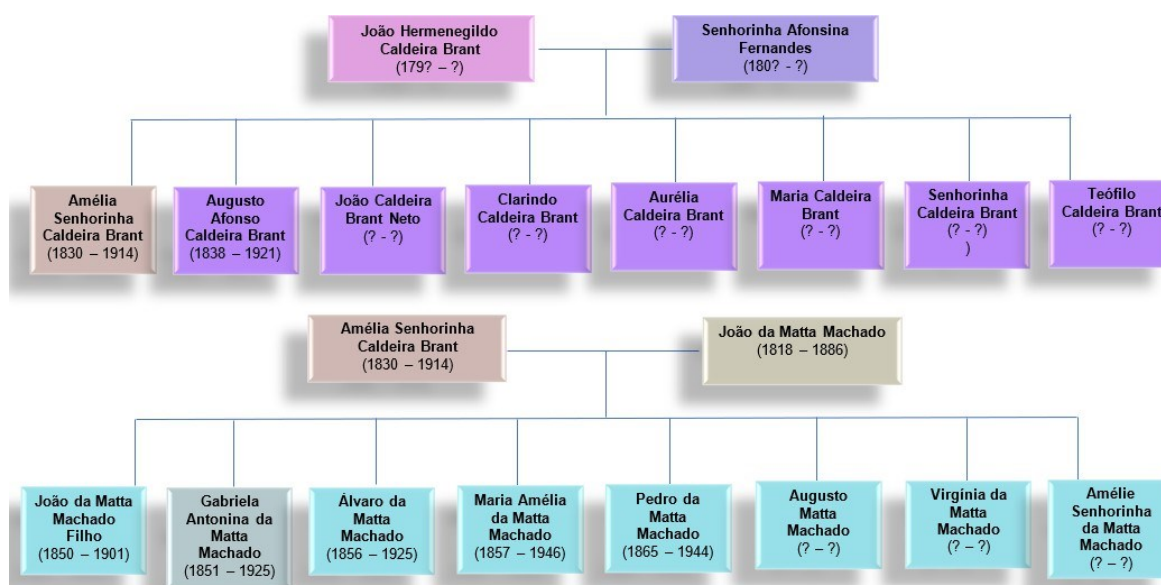
2.3 Aristides Rabello

Aristides Corrêa Rabello nasceu em Diamantina na data de 31 de agosto de 1886. Filho de Francisco Corrêa Rabello e de Gabriela da Mata Machado Rabello. Ao analisar a estrutura família de Rabello, no entanto, é preciso retomar ao contexto

familiar de outro memorialista dessa pesquisa, o Cícero Arpino Caldeira Brant, o Ciro Arno.

Conforme descrito no item 2.1 desse estudo, Cícero era filho de Augusto Afonso Caldeira Brant e Maria Augusta Fernandes. Esta, era tia de Alice Dayrell, a Helena Morley. E Augusto, tio-avô de Rabello. Essa relação entre Cícero e Rabello está organizada a seguir, na figura 6.

Figura 6 – Genealogia dos Brant e Matta Machado



Fonte: Elaboração própria, 2022. Baseado em Santos, 1978 e GeneaMinas, 2022.

Como observado na figura 6 Augusto Afonso Caldeira Brant era irmão de Amélia Senhorinha Caldeira Brant. Está casou-se com João da Matta Machado, união que gerou oito filhos, dentre eles a Gabriela Antonina da Matta Machado, mãe de Aristides Rabello.

Além da relação familiar com Cícero Brant, essa estrutura familiar de Rabello revela referências importantes para sua formação pessoal e para sua formação enquanto escritor e os posicionamentos políticos de sua obra.

João da Matta Machado era descendente dos Machado paulistas, com importantes ligações comerciais diamantíferas com os Caldeira Brant. Além da relação comercial, João da Matta (pai) foi casado com uma Caldeira Brant. De acordo com Martins (2008) a fortuna adquirida por João Matta garantiu boa educação de seus

filhos e condições para iniciarem seus próprios negócios. Estes seguiram os passos do pai mantendo as relações comerciais estreitas com a família Brant.

Seu filho, João da Matta Machado Jr. juntamente com os irmãos Álvaro e Pedro da Matta Machado, disputavam, no período final do Império, “com os Felício dos Santos o controle da política regional, luta que também possuía flanco importante na Câmara Municipal da cidade” de Diamantina (*ibid.*, p. 5). Os irmãos Matta Machado exerceram cargos de vereadores, e nos anos 1891 e 1892, Pedro da Matta desempenhou o cargo de Agente Executivo do município.

Os planos de trabalho dos Matta Machado na Câmara Municipal visaram melhorias a regulamentações da Intendência; o projeto agrarista que almejavam ao Norte de Minas; debateram e criaram o cemitério Municipal, a fim de retirar das igrejas os enterros dos mortos; melhorias nos logradouros e concessão de fundos de investimento. Para formular um ambiente favorável aos seus empreendimentos, os irmãos atuaram junto à União Operária Beneficente, uma associação fundada em 31 de maio de 1891

destinada a agregar oficiais lapidários, ourives, alfaiates, sapateiros, músicos, ferreiros etc. A agremiação objetivava congregar as famílias operárias, assistindo material e moralmente aos consócios enfermos, aos filhos e viúvas deixados pelos membros falecidos. Ela também faria a educação profissional dos seus integrantes, para o que instalou, em 1893, o Liceu de Artes e Ofícios de Diamantina, que chegou a ter, nas décadas seguintes, mais de 100 alunos matriculados. Na sua sede, construída na Rua Direita, com ampla colaboração da Câmara e da comunidade, funcionaram uma biblioteca e duas escolas noturnas, bem como uma cooperativa de consumo. Em 1893, a União Operária Beneficente de Diamantina totalizava 500 filiados (*ibid.*, p. 7).

Os periódicos locais *Idea Nova* e o *Cidade Diamantina*, que tinham como redatores Pedro e Álvaro Matta, publicavam todo ano os festejos de aniversário da agremiação realizada da noite de 31 de maio à noite de 1º de junho. Alvoradas, missa cantada, desfiles pelas ruas, fogos de artifício, banda de música, banquetes e discursos faziam parte da valorização da agremiação com conjeturas políticas.

Dentre os irmãos, o Conselheiro João da Matta Machado Júnior teve prestígio em Diamantina, Minas Gerais e no País. Era formado em Medicina tendo repercussão a tese que defendeu em 1874 intitulada “Educação Física, intelectual e moral da mocidade do Rio de Janeiro e sua influência sobre a saúde” (Couto, 1954, p. 249). Teve atuação parlamentar com aprovação de lei para construção da Estrada de Ferro Filadélfia a Caravelas; Elevação do Arraial Filadélfia à cidade, hoje com o

nome de Teófilo Otoni; criação da Escola Normal de Diamantina; criação do Liceu de Artes e Ofícios da cidade do Serro, entre outros.

Outro abolicionista e republicano de contato direto com Aristides Rabello foi seu pai, Dr. Francisco Corrêa Rabello, natural de Currealinho, distrito diamantífero de Diamantina. Iniciou os estudos no distrito, tendo aperfeiçoamento na sede e em 1867 se formou Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, na cidade de São Paulo. Trabalhou em Diamantina como promotor público e juiz municipal.

Em 1868, conforme Couto (*ibid.*), foi eleito deputado pelo partido liberal. Depois assumiu as disciplinas de matemática e filosofia na Escola Normal e no externato Diamantinense. Continuou atuando politicamente pela abolição e fim da monarquia, sendo eleito após essas conquistas à Assembleia Constituinte. Morley menciona a importância do Dr. Matta, como era conhecido na cidade, o parentesco com Cícero e da ocasião de sua candidatura a deputado

Meu pai veio hoje da Boa Vista com Tio Joãozinho para votarem no Presidente da República e no Dr. João da Matta para deputado. Na nossa família todos têm de mexer com política, por causa de tia Aurélia e tio Conrado que são muito influentes. Ele é irmão da mãe de Dr. Mata e muito amigo dele e pegou essa amizade na família toda. Eu mesma dou razão de todos o considerarem uma honra de Diamantina porque é um homem muito bom. Todos tiveram muita raiva quando Floriano [Peixoto] o prendeu. Meu pai diz que espera que ele ainda vá eleito Presidente do Estado e depois da República (Morley, *id.* p. 133).

Aristides Rabello esteve, portanto, permeado por debates políticos importantes em seu núcleo familiar. Este teve uma formação escolar semelhante aos seu primo Cícero. Apesar de seis anos mais novo, os caminhos da formação em Diamantina não haviam sofrido mudanças significativas. Conforme Mourão (1971, p.15), após a proclamação da República, matricularam-se no seminário, dentre outros: “João Edmundo Caldeira Brant, Cícero Arpino Caldeira Brant, [...], João Antônio Eulálio, Aristides Corrêa Rabello, Francisco Neto Motta, Levi Pires de Oliveira”.

Em 1913 Rabello concluiu a faculdade de medicina, no Rio de Janeiro, especializando-se em oftalmologia. Trabalhou alguns anos em Ribeirão Preto, no estado de São Paulo e esteve na Europa em 1923 para aperfeiçoamento de sua profissão. Publicou número representativo de monografias, foi associado a grupos de oftalmologistas, dirigiu o Serviço de Tração e possibilitou a criação do serviço de exame visual aos maquinistas da Central do Brasil, atendendo a estes também (Machado Filho, 1978, p. 4 *apud* Rabello, 1974).

Em 1919, quando morava em Ribeirão Preto, casou-se com Maria do Carmo Faria, filha do então deputado federal João Faria. Tiveram dois filhos, João Francisco e Maria Gabriela Corrêa Rabelo. Os nomes dos filhos revelam uma homenagem aos pais de Maria do Carmo, João e Maria, e aos pais de Rabelo, Francisco e Gabriela.

Aires da Matta Machado Filho descreve Aristides Rabelo na apresentação de *O Hospede*, como jornalista que muito cedo iniciou suas publicações sob o pseudônimo de *João Francisco*, nas páginas de *O Norte*, periódico diamantinense. Como *Tibúrcio da Anunciação* teria sido reconhecido nacionalmente por suas publicações na revista *A Careta*. Ainda segundo Machado Filho, em 1928 ele funda em São Paulo a revista *Minas-São Paulo*, em 1926 *O Comentário* e publicou na *Revista do Brasil*.

O Hóspede, obra analisada para este trabalho de pesquisa, não apresenta um pseudônimo como nas primeiras publicações em periódicos por Rabelo. Há apenas uma abreviação do nome, omitindo-se o Corrêa. Santos (2016, p. 34) avaliou o romance de Rabelo como “o melhor exemplar da literatura realista da cidade”. Em seguida, uma apresentação do enredo de *O Hóspede*.

Em 1894 o Coronel Américo havia ficado viúvo, tendo duas filhas e dois filhos para criar. Ao completar 16 anos o Luís, seu primogênito, o mandou para o seminário. Lá ele se tornou mais tímido e exemplar aos demais. Américo se orgulhava disso. O outro filho, Paulo, estudava na Escola Normal, adorava leituras e o namorico ao final das tardes. Este insistiu com pai para estudar na metrópole, conseguindo ir para Ouro Preto com planos de depois se formar em medicina no Rio de Janeiro.

Ao descrever as filhas de Américo, Rabelo faz uma primeira crítica à escola pública: “Amália, ao fazer quatorze anos, mal sabia ler, devido a estar cursando uma escola pública”, porém já se arrumava como as moças de sua idade, na pretensão de arranjar um namoro. A crítica ao estudo de Amélia, no entanto, contextualiza uma inocência com a qual o autor pretende trabalhar ao longo da narrativa.

Américo concedia a Amália os estudos de piano, bordado e o francês. E sob influência de parentes, matriculou a filha no Colégio das Freiras, o Colégio Nossa Senhora das Dores, que era também acolhimento a meninas órfãs. O viúvo ficava em casa com a filha caçula, a Zulmira, que tinha oito anos e preenchia a casa com suas travessuras de criança.

Américo possuía um comércio do qual tomava conta a maior parte do dia. A rotina da casa, no entanto, iria mudar após receber uma carta de seu compadre que estava no Rio de Janeiro comercializando diamantes. Este pedia acolhida para Arnaldo, o filho de um amigo da capital, que estava doente e iria passar algum tempo em Diamantina a fim de se recuperar.

Arnaldo, entretanto, não estava doente. Havia sido mandado para o interior devido as altas dívidas que contraíra nas noitadas na capital. Bebidas, cigarro, jogo e mulheres faziam parte da rotina noturna de Arnaldo. Por ser um pedido de seu compadre, Américo não hesitou em atender e tratou de preparar devida recepção para o jovem Arnaldo.

Os filhos de Américo estavam de férias em casa quando da chegada de Arnaldo. Este logo se encantou por Amália e veio a noivar com ela meses depois. Mas a visita a seu pai no Rio deixaria desconsolada a jovem menina, que beirou a loucura com o fim do noivado.

Em meio a esta trama, Aristides Rabello revela traços do cotidiano da cidade de Diamantina nos anos finais do século XIX e primeira década do século XX. Os estudos realizados sobre este romance destacam a crítica por traz do jovem do Rio de Janeiro e a noiva desolada,

esse autor toca na nota dominante dos conflitos espaciais de Diamantina: a cidade se engalana para receber um janota do Rio de Janeiro, que trazia desgostos ao pai e este se vale de um amigo que o recomenda a outro amigo para ir esquecer a vida estroina em que vivia no Rio. O Hóspede retrata por que transformações passa Diamantina ao buscar fora de si soluções para seus problemas e, ao mesmo tempo, a absoluta necessidade dessas soluções. Por outro lado, elas são passageiras: o hóspede um dia irá embora e as relações locais já não serão mais as mesmas (Souza, 1993, p. 228).

O cenário é o da cidade Episcopal, permeada pelos sons das igrejas, missas e por normas de conduta. A moralidade católica torna-se um conflito social para a jovem Amália e para o seu irmão Luís. O comércio local proporciona momentos de ociosidade entre os jovens, que batem papo na porta do comércio durante o dia, e sob as luminárias de querosene saem para o jogo de bilhar ou de truço ao cair da noite.

Outro aspecto da obra é o domínio estrangeiro dos terrenos diamantíferos. O capital estrangeiro permitia que Diamantina se tornasse uma cidade diferente, moderna e decente, com ares de metrópole. Aristides Rabello chamou de “Rei dos Diamantes” um certo Willian G. Meyer que chegou à cidade por volta de 1901. “Esse

Meyer, em 1909, representava em Diamantina os interesses da Brazilian Dredging Company de Nova York, cujo presidente era Jesse R. Grant, filho do ex-presidente Grant dos Estados Unidos” (*ibid.* p.229).

Nos encontros diurnos ou noturnos e nos jantares nas casas de família o assunto raramente era outro, senão o da política. O contexto nacional era discutido, mas o foco principal era o embate entre os partidos políticos diamantinos. Apesar de Rabello descender dos Matta Machado, o mesmo critica a solução que parte da comunidade apoiava, que era a da instalação do transporte ferroviário como solução econômica para a cidade e região. “No romance pode-se compreender a visão de cidade do autor, bem como a maneira pela qual é descrito o diálogo entre a tradição e o novo” (Santos, 2015, p. 266).

Rabello, Arno e Morley fazem referências importantes à visão que possuem da cidade e da sociedade diamantina no período que inicia a Primeira República. Os três destacam a formação de jovens, homens, em cidades como Ouro Preto, Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte; revelam a influência do catolicismo na rotina dos diamantinos; as dificuldades de algumas famílias tendo o apoio das mulheres na venda de quitandas e feitiço de roupas para complementar a renda; expressão o preto ainda como propriedade dos donos da casa e passíveis de castigos físicos.

Mas revelam também a tomada das casas e das ruas para momentos de diversão que vão desde festas ligadas à religião católica, jogos de azar às festas condenadas pelo “modernismo” que a elite local queria imprimir na cidade. Esses aspectos são descritos nos capítulos 3 e 4, apresentados a seguir.

3 A CASA

A casa foi tema de relatos dos três memorialistas diamantinenses. Dentre os cômodos da casa, a sala se apresentou como um espaço multifuncional, servindo para: reunião familiares; recepção de visitas; local de leituras; de fazeres das mulheres para ajudar na renda familiar; local de discussões políticas; local em que se realizavam bailes, saraus, teatros; local em que se bebiam licores e outros aperitivos antes das refeições; local de fartos banquetes e festas regadas a bebidas.

Além da sala, a cozinha era o local do preparo do porco; da farofa; das galinhas; pastéis; angus; carajés; quitandas; licores de jabuticabas; etc. O quintal, ambiente destinado aos pomares, hortaliças, criação de aviários, suínos, entre outros, por vezes recebiam também as rodas de fogueiras, as brincadeiras das crianças e também dos jovens. A música quando não se fazia presente nas salas, podia ocorrer nos quintais, acompanhadas de danças e da cantoria dos presentes.

Nesse capítulo exploro os modos domésticos de diversão relatados pelos memorialistas em suas obras, alguns por vezes publicados nos periódicos locais, dado a importância social da família e/ou do convidado ao qual era recebido na ocasião de tais eventos. Esses festejos domésticos por vezes se estendiam para as ruas, as vezes se iniciavam nelas.

3.1 O Quintal e as Brincadeiras

Adriano Pitanga e sua família tinham sido convidados pelo Sr. Augusto Caldeira, para uma festa de São João, que este todos os anos celebrava em sua chácara na Romana, esquina da rua do Seminário. Às sete horas da noite, para ali seguiram Belmira, seu filho Maurício e seu enteado Lúcio, faltando o Adriano, que tivera necessidade de fazer uma viagem urgente a São João da Chapada. Os filhos de Augusto Caldeira, João Edmundo, Cícero e Leônidas, colegas do Lúcio na Escola normal, o apreciavam, por ser muito inteligente e espirituoso, mas evitavam sua companhia, porque era um menino briguento e endiabrado (Arno, 1951, p. 47).

Helena Morley menciona em seu diário a mesma chácara na Romana, confirmando mais uma vez a tese de o tio Conrado era o Augusto Caldeira, pai de Cícero Arpino. Ela menciona que todos os anos o tio fazia questão de comemorar o

São João. Esse era um festejo religioso, mas que tinha uma periodicidade de realização ao menos para os Caldeira Brant.

Na explicação transcrita, Arno menciona os nomes verdadeiros de seu pai e irmãos, como os donos da chácara. Em seguida ele continua a relatar o festejo

Pelo portão aberto, entravam os convidados para o grande murado, fronteiro à casa, onde se erguiam três coqueiros, estando o chão coberto de areia branca e algumas folhagens. Ao centro do pátio estavam empilhadas canelas de azeite que em breve seriam acesas em fogueira.

Na varanda da casa, toda iluminada de lanternas e balões venezianos de diversas cores, conversavam vários grupos de pessoas. Ao fim da varanda, próximo a outro pátio interno, estavam assentados, com seus instrumentos, alguns músicos da banda "O Corinho".

A fogueira já estava acesa no pátio e no chão próximo colocando o mastro, pintado de branco. Quatro meninas vieram carregando a bandeira de São João (um pequeno quadrado de madeira, com pedaços de morim pregado dos lados: numa parte, a efigie do santo - uma criança afagando um cordeiro, e no outro o crescente da lua, cercado de estrelas). A bandeira foi enfiada no mastro e este erguido e fincado no solo, entre palmas, vivas a São João, espoucar de foguetes e bombas. Os músicos do "Corinho" romperam numa valsa alegre (*Ibid*, p. 48-49).

Arno revela em sua descrição da festa de São João, haver uma organização e ornamentação do espaço para receber os convidados. Além de ter contratado a banda de música local para tocar enquanto um mastro era erguido no pátio da casa.

Rabello, por sua vez, relata o convite de Joãozinho a todos da casa do Américo para um jantar em comemoração ao seu aniversário a ser realizado às nove horas da noite, na casa do Batista. Devido ao menino se chamar João, o mesmo tratou de pedir ao pai que organizasse fogueiras, fogos e um mastro em homenagem a São João, seu "xará".

Ao descrever a festa de São João realizada pela irmandade de mesmo nome na edição 42 do *Sete de Setembro* de 1887, apresenta também os rojões, fogueiras, bandas de músicas e os ritos religiosos. E também a expressão "xará", "a festa foi feita às expensas de diversos *Joãos* residentes nesta cidade, os quais pretendem que se torne ela anual e sempre às expensas exclusivamente dos *xarás* do Santo. Destacando também, não ser ainda uma tradição na cidade, ou de sua ocorrência não se dar de modo recorrente.

No relato de Rabello, é mencionada também a presença de músicos,

A pequena orquestra apareceu no terreiro às nove e meia da noite: compunha-se de duas flautas, quatro violões, o cavaquinho e um bandolim.

Os músicos foram acomodados em tamboretos, por debaixo de uma jabuticabeira, e começaram a afinar os instrumentos, trazendo à festa, até então ferida de estrondos ásperos, a delícia dos sons brandos e suaves (Rabello, 1978, p.104-105)

Os estrondos aos quais o autor reclama são dos fogos de artifícios e bombas de pólvoras que soltavam os jovens no início da festa. Há também uma crítica a essa prática, que faria mal aos ouvidos, enquanto as valsas “suaves” e “alegres” que os músicos executavam, mantinham calmos os ouvidos dos presentes. Uma valorização de um divertimento “educado”.

Na sequência, a fim de questionar como o *hóspede* Arnaldo poderia sentir familiarizado com aquela festa, sem haver ali luzes elétricas, mulheres a cochichar em francês, ou atividades comuns “ao pecaminoso jardim do “*high-life*” do Rio de Janeiro, tão frequentado por ele (*ibid.* p.105).

A festa de São João era também celebrada pelos garotos que estudavam no seminário, e por isso, moravam lá. Ciro Arno descreveu como toda organização era feita, e como faziam para angariar recursos para a compra dos materiais que enfeitariam a festa.

A véspera de S. João era solenemente festejada na divisão dos meninos. Por meio de uma subscrição entre estudantes, arranjava-se a importância necessária para mandar fazer a bandeira, com a bucólica efígie do santo (uma criança afagando um cordeiro), e pintar o pau do mastro.

Contratávamos com um pirotécnico residente no alto da rua das Mercês (à direita de quem desce), de cujo nome não me recordo, conhecido pela alcunha de Boi Fogueteiro, o fornecimento dos fogos: cirandelas, foguetes, coroas, morteiros, girassóis e rodas, que ele e os filhos deviam ir atacar na festa.

Pelos pais e correspondentes eram fornecidos aos meninos os chamados fogos de salão: bombas chinesas, pistolões, rodinhas e espigas chinesas. Os balões eram feitos pelos próprios estudantes.

No recreio, armava-se um palanque, com cadeiras, enfeitadas com colchas, folhagens e galhardetes, destinado ao Superior e aos padres.

As sete horas da noite, acendia-se a fogueira e de pé numa pequena tribuna, um menino dirigia ao Superior uma saudação, escrita por um dos regentes e decorada com muitos dias de antecedência. Erguia-se o mastro, entre vivas e foguetório, continuando a queima dos fogos até às nove horas, quando terminava a solenidade e nos recolhíamos aos dormitórios (Arno, 1949, p. 45)

Estes três relatos da organização e realização da festa de São João, demonstra que além da devoção, nos ambientes desses jovens havia uma preocupação em que o festejo acontecesse. O mastro e os fogos eram itens essenciais para se comemorar o São João. Além das fogueiras nos pátios, sejam da

casa, ou do Seminário. Acredito que devido as restrições e rigorosas normas do Seminário para com seus alunos, estes sequer, ousavam arriscar a contratação de uma banda de música, o que daria um tom profano ao divertimento.

Os quintais e pátios das casas diamantinenses davam espaço também para as crianças e jovens brincar. Ciro Arno em suas memórias do tempo de escola no Seminário, contou quais as principais brincadeiras da época: “a barra, o jogo do céu (ou amarelinha), o *saute-mouton* (tão conhecidos que não precisam explicação) e o Bolo-pau”. *Saute-mouton* numa tradução livre do francês para o português significa “saltar”. Já a brincadeira do Bolo-pau, o autor tratou de explicar como era executado

Ficavam-se no recreio quatro estacas, num quadrado de cerca de dois metros.

Entre duas destas estacas batia-se uma outra, inclinada em ângulo agudo para o solo e, na ponta aparada desta, colocava-se uma bola feita de meias velhas. Este ponto se chamava estação.

Um grupo de meninos (oito ou dez) postava-se junto a este quadrado e outro igual a vários metros distantes.

No grupo junto ao quadrado, um menino dava uma varada na bola; se do lado contrário alguém a apanhava na mão, o menino que a batera estava morto, isto é: passava a vara a outro e saía do jogo. Era um ponto perdido por seu partido e ganho pelos contrários.

se a pelota batida não era aparada e caía longe, no chão, o jogador que a batera começava a correr em volta do quadrado de estacas e ganhava para seu grupo tantos pontos quantas voltas completas desse.

se algum menino do partido contrário apanhava a bola e a atirava no outro que corria e este era atingido, ficava morto, não podia mais jogar. Quando o pequeno que corria se via em perigo de ser atingido pela bola, parava logo e agarrava numa estaca: estava livre da pelotada, mas paralisado naquele ponto. Outro companheiro então ia bater a bola para salvá-lo e tirá-lo dali. Dava uma varada na pelota e corriam os dois em volta do quadrado; se a bola não fosse aparada na mão por um adversário e eles não fossem atingidos por ela, estavam salvos.

Os grupos se revezavam de lugares alternadamente (Arno, 1949, p.35)

A explicação referente ao Bolo-Pau lembra a brincadeira da “queimada”, realizada com bola de meia, duas equipes, e dois espaços de apreensão do “queimado” para cada time. O abjetivo é vencer a equipe adversária, “aprisionando” ou “queimando” todos eles.

No seminário os alunos utilizavam da criatividade para criar brinquedos e brincadeiras para se divertirem nos intervalos das aulas em que era permitido fazer barulho.

No recreio, havia uma árvore de cedro e dois ou três pinheiros. Apanhávamos os frutos destes, quando caíam no chão e os comíamos, depois de assados em velas acesas ou fogueiras; dos galhos secos faziam alguns estudantes mais hábeis pequenos bonecos e animais (Arno, 1949, p. 43).

Certa ocasião, para nos divertirmos, resolvemos organizar um batalhão militar, à imitação do que estava aquartelado em Diamantina.

O nosso batalhão se assemelhava muito àqueles exércitos sul-americanos, de que ironicamente fala Afonso Daudet, numa de suas melhores obras - Jack. Havia numerosos oficiais e poucos soldados, querendo todos os meninos ter um posto qualquer, mesmo o de alferes, e subir rapidamente a escala das patentes: sargento, tenente, capitão, major, tenente-coronel e coronel.

Os oficiais se mostravam orgulhosos de seus bonés, dragonas de papel dourado e espadas de pau. Da bandeira foi omitida a inscrição positivista "Ordem e Progresso", substituída pela legenda latina - Libertas sub lege.

Com os poucos instrumentos de que dispúnhamos organizou-se uma banda, que tocava, menos que sofrivelmente, o hino nacional, sendo expressamente proibido executar a Marselhesa. O batalhão só podia realizar suas evoluções militares, inteiramente, no recreio, não consentindo o regente que se exibisse nos passeios aos campos e às ruas, como era nosso desejo (*Ibid.* p. 45).

Os materiais utilizados pelos garotos do seminário para fazer brinquedos e tornar possível algumas brincadeiras, supõem ao menos três coisas: 1) não havia acesso à brinquedos; 2) o regime adotado pelos padres do Seminário não era adequado à mocidade e a infância, visto que no período em tela os meninos cujas famílias possuíam condições financeiras, eram enviados para a metrópole ao completar 16 anos a fim de concluírem os estudos e ter uma formação profissional; e a leitura e as novas configurações institucionais da cidade permitiam aos jovens explorar sua criatividade para novas vivências do lúdico.

Outras brincadeiras que eram frequentes nas reuniões de famílias, como as festas de São João ou aniversários, era a do jogo das adivinhas. Dentre os autores estudados, Ciro Arno destacou esse divertimento por mais de uma vez em todas as suas obras. Em *Os Enteados* o personagem Lúcio Pitanga era “criador” de algumas adivinhas,

Lúcio principiou:

_ Prestem atenção, vejam se decifram esta:

Quem a tem sofre bastante,

Se não a pode aplacar,

E passados alguns dias

Vem desse mal a expirar;

Mas se trocares o assento

Desse incômodo sem par,

Se transforma de repente

Na região, ponto, lugar.

_ Ora, siô Lúcio! exclamou o Vicente Torres. Isto é fácil como água: é sede, é sede.

_ Agora é a minha vez! Exclamou Ermelindinha de Figueiredo. _ Decifrem, se são capazes:

Um lindo nome francês

Entra na parte primeira

Do meu nome, é uma doença

Feia e má a derradeira;

O conceito é uma fruta,
 Conhecida a corriqueira,
 Mas somente no sertão
 Resta terra brasileira.

Nenhum dos presentes pode decifrar. Afinal, Ermelindinha explicou: É o jenipapo, fruta. Geni, nome francês de mulher, papo, o que todos sabem. (Arno, s/d. p. 51)

Outro divertimento semelhante, apontado por Arno, era o dos motes, realizado, principalmente por pessoas que compunham os grupos das Serenatas. Após o jantar em comemoração ao aniversário de Lúcia Jatobá, conseguindo seu pai autorização do seminário para os irmãos participarem, os seresteiros ainda presentes entoaram algumas canções

_ Vocês cantam divinamente. Aprecio muito as modinhas brasileiras e os desafios.

_ Eu tenho particular predileção pelos motes e glosas, falou Marcondes.

_ Nós cultivamos também esse gênero, atalhou Assis.

_ Vejam que belo mote para uma gloriosa, continuou Marcondes, esta quadrilha que eu li num romance de Camilo Castelo Branco:

Américo iniciou:

Passarinhos que cantais
 Nesse raminho de flores,
 Cantai vós, chorarei eu,
 Que assim faz quem tem amores.

Na sequência, Assis Moreira:

Só vale a pena viver,
 quando a gente tem amores,
 Correspondidos por quem
 Compartilha esses ardores!
 Oh! Quem me dera ser um
 Desses pássaros cantores,
 Que arrulham tão docemente
 Nesse raminho de flores.

Retomou ao Américo:

A mim o fado inimigo
 Sorte má me concedeu
 Em vão busco uma afeição
 Como o errante Judeu,
 Minha vida é uma noite,
 Mais escura do que o breu,
 Passarinhos, vos invejo:
 Cantai vós, chorarei eu!

Assis, enfim, finalizou a sequência das rimas:

Muitos anos procurei,

Entre cruéis dissabores,
Um anjo que suavizasse
De minha vida os rigores;
Distraia-me, fazendo,
Como os pássaros cantores,
Cantava muito e ainda canto
Que assim faz quem tem amores.

As adivinhas, as rimas, as canções, eram resultados de uma leitura por parte dessa sociedade descrita pelos memorialistas dessa pesquisa, que tinham acesso a escola, fosse particular, com lições em casa ou em escolas específicas para o sexo, fosse no seminário, no Colégio Nossa Senhora das Dores, conhecido por colégio das Freiras, ou na Escola Normal, após sua instalação na cidade.

Todos os memorialistas mencionaram leituras de livros, jornais, romance, poesias. Nesses encontros era comum também a declamação de poesias. Em conversas na biblioteca Municipal ou em encontros pelas ruas da cidade, além de muito se discutir a política atual e os partidos opositores, havia o diálogo sobre obras que valiam a leitura.

Nos relatos de Ciro Arno, muitas vezes este indicou que seria fundamental a leitura das obras de Joaquim Felício dos Santos, ou Alexandre Dumas e Victor Hugo, que tiveram parte de suas obras publicadas como folhetins nos jornais da cidade, ou representadas no Teatro por companhias da cidade e itinerantes. Alexandre Herculano, ou o poema de Juscelino Kubitschek em homenagem a ele. Castro Alves, Alvares de Azevedo (Arno, 1949; s/d).

Rabello falava muito das leituras de Américo pelos jornais da cidade e dos que chegavam da capital. Retratando o seminarista Luís, que permanecia a estudar no seminário para realizar um desejo do pai, lia livros que escondia da irmã, pois estes eram proibidos pela Igreja, como os de Paulo de Kock.

Ao estudar a literatura em Diamantina como forma de divertimento nos anos iniciais do século XIX, Souza Júnior (2020) conclui que havia na cidade uma efervescência por este gosto, permeado, no entanto, por tensões e conflitos. Podendo então complementar que esse gosto foi algo comum à elite letrada diamantinense ao longo da Primeira República.

A casa, portanto, era um local de encontro, sociabilidades, de replicar as festas da rua, local de leitura, de música e de descobrir novas brincadeiras e até mesmo de se criar brinquedos. O divertimento fazia também parte da “casa”.

3.2 Os Banquetes e os Jogos

Eis outro poético costume que ainda se mantém em Diamantina: As ceias noturnas de rapazes (judeus como se chamam) e os opíparos banquetes, regados a vinhos finos, em batizados, casamentos e aniversários, terminam invariavelmente em coretos, canções báquicas, cantadas por senhoras e cavalheiros (Arno, 1949, p. 90).

Uma das primeiras atividades realizadas pelos irmãos Jatobás na história contada por Arno, foram a ida de pessoas próximas para a realização de jantares de aniversário. Quando das comemorações da passagem de ano de Eurico, o jantar foi realizado na casa de Pedro Jatobá, na rua do Jogo da Bola. “Festim completo: leitão assado, arroz de forno, tutu de feijão, peru, linguiça, lombo de porco, galinha sem contar os vinhos” (Arno, 1951, p. 12).

Nas ocasiões das festas em casa, o cardápio era baseado no arroz, feijão, carnes de porco, galinha com algumas variações de verduras, angus e de preparo, como arroz de forno ou arroz com pequi. Nas casas de Morley e de Adriano Pitanga, as refeições tinham por base o angu, galinha e verduras.

As recepções, no entanto, pela família de Helena eram feitas por seus parentes, momento em que ela, sua mãe e os irmãos “aproveitavam para se alimentarem”. Já na casa do Adriano Pitanga, mesmo não havendo condições melhores que a da família Morley, este fazia questão da fartura na mesa ao receber visitas.

Outras comemorações, no entanto, exigiam das famílias mais abastadas, maior requinte nos jantares oferecidos aos convivas. Estes eram chamados de banquetes.

O negociante havia sabido ser grande o número de pessoas que iriam encontrar o seu hóspede: e prevendo que a maior parte daquelas pessoas haviam de querer jantar em sua casa, estava se prevenindo com um banquete. E nada contente com isso! Aquela era boa! Obrigarem-no a fazer festa e dar recepção em honra de um moço que a ainda nem conhecia e a quem ia hospedar apenas por ser um recomendado do compadre Elias! A que obrigava a política! Diabos levassem a tal política!...(Rabello, *id.*, p. 41).

A relação que Américo faz da organização de um banquete para a recepção do hospede com a política, é devido ao fato de ser oferecido à importantes personalidades políticas, uma recepção em comitiva, banquetes, festas, missas, fogos

e até bandas de música. Pelo Americo fazer parte do grupo político da oposição, e visava a cadeira de vereador municipal, não seria conveniente não atender ao pedido do seu compadre. A notícia da chegada do hóspede, no entanto, se espalhou pela cidade, e logo se organizou uma recepção semelhante a que foi dada ao Conselheiro Matta Machado e sua família.

Em 21 de fevereiro desse ano de 1895, chegou à cidade o ilustre diamantinense, Conselheiro Dr. João da Mata Machado, em companhia de sua senhora, D. Luisinha e de seus filhos, dos quais o mais velho contava cerca de dezenove anos e o mais moço quatro ou cinco: João, Edgard, Raul, Manoel, José e Maria de Lourdes. Hospedaram-se numa casa previamente preparada, à praça José Eustáquio.

[...] Vinha, com a família, de sua fábrica de tecidos de Santa Barbara, no município de Diamantina, tendo saído do Rio, por ocasião da revolta da Armada, em setembro de 1893, e residido algum tempo em Santa Luzia no Rio das Velhas. Era então deputado federal, foram espera-lo a cavalo, a uma légua da cidade, numerosas pessoas, que acompanharam a família, até a cidade. À Chegada dos cavaleiros ao largo José Eustáquio, explodiram numerosas girândolas e foguetes, tocando o hino nacional uma banda de música ali postada, "O Corinho" (Arno, s/d. 30-31).

A viagem do Rio de Janeiro era até Diamantina era realizada por trechos de trem, que terminava na cidade de Curvelo, e depois em tropas de burros. Quando em Curvelo, os diamantinenses contavam em torno de cinco dias até a chegada em Diamantina. Alguns moços iam a cavalo na altura do Pau de Fruta, região que distribuía água para a cidade, e lá aguardava o viajante.

O Arnaldo, entretanto, não estava doente como o compadre Elias de Américo havia mencionado na carta. Ele tinha 24 anos de idade e sendo filho de um importante e bem sucedido joalheiro na capital, vivia esbanjando dinheiro. Gastava na noite, com bebidas e mulheres. Chegou a fazer sociedade com um amigo, a fim de ter alguma independência financeira do pai, mas acabou por se endividar mais.

Para que a vergonha do pai com um filho devedor diminuísse, este enviou seu filho para o interior, e escolheu Diamantina pois gostaria de saber mais sobre o volume da mineração na região, e contava com seu filho nessa missão.

A viagem até a cidade foi uma tortura. O autor chega a comparar o modo com o qual estava ele sentado no lombo de um animal como se cambaleasse para os lados igual ao modo que o boneco do Judas fazia antes de ser queimado. Ao chegar à cidade, deparou com luz a querosene e o toque de recolher do Batalhão de Polícia. O rapaz ficou bravo com o pai pro ter mando-o para ali.

Os banquetes ofertados nas casas de família ou as simples comemorações por alguma conquista, normalmente do Pai no garimpo ou nos negócios, ou aniversário dos filhos, havia fartura em vinhos e cervejas. E todos da casa bebiam, mesmo que em quantidades diferentes. Mas esse costume que parecia inofensivo quando dentro de casa, tomava outras proporções quando nas ruas.

Um dos vícios de Gastão Jatobá era o da cachaça. Esse vício atrapalhava nos estudos, deixando este de frequentar a escola para ir à venda do Rafael Seabra, que cuja localização descrita por Arno, era ao lado da Escola. “Acostumara-se ao afamado parati do Rafael Seabra, cuja venda, na descida para a Cavahada Nova era frequentadíssima pelos bebedores invernados. Frequentava também a taverna de Joaquim Rio do Peixe, no Beco do Motta” (Arno, 1951, p. 143).

Parati era uma marca de cachaça fabricada no Rio de Janeiro, comercializada também em Diamantina. O nome da cachaça por vezes, era mencionado para referir-se a bebida, e não necessariamente à marca. Além da Venda do Rafael Seabra e do Joaquim, no Beco da Tecla havia outros dois que eram pontos de encontro dos que apreciavam a bebida.

Em Diamantina constituíamos um grupo de companheiros inseparáveis: eu, meus irmãos João Edmundo e Leônidas, Aurelianhinho Caldeira, Antenor Horta, Sales Mourão, Artur França, Joaquim Elias e Aldo Delfino; este último, poeta e escritor carioca, funcionário adido à Sub Administração dos Correios. Os nossos pontos de encontro eram os seguintes: "Quilombo", como chamávamos os aposentos em que residíamos eu e meus irmãos, com entrada pelo Beco da Tecla, que Leônidas batizou posteriormente com o nome de - rua Santos Dumont _ denominação que não prevaleceu. O armazém dos irmãos franceses Alex e Camilo Vial, onde saboreávamos diversas marcas de excelentes vinhos fabricados em Diamantina. A casa da Calú, no referido Beco da Tecla, onde a velha mulata, perita cozinheira, nos servia, por preços irrisórios, excelentes ceias de bifés ou almôndegas com farofa e o célebre caldo de mocotó. Eram justamente afamados os acepipes da Calú. Próxima a esta, havia outra casa do mesmo gênero, mas não tão afamada, a da Placidina, a "tia Plácida", como a chamavam. No Beco do Chiquinho de Almeida, a casinha de João Latoeiro, onde comprávamos quitandas, doces e vinho (Arno, 1949, p. 152).

No empreendimento da Calu, esta expulsava todos quando a bebedeira os tornava inconvenientes a ponto de resultar em desordens (*Id.*, 1951). Ciro Arno em suas histórias, criticou o vício da cachaça, relatando também, alguns dos problemas que esta poderia trazer a quem exagerava ao tomá-la. Adriano Pitanga foi representado por ele como um sujeito agressivo, principalmente quando bebia.

Em uma das situações em que alguns rapazes discutiam sobre o periódico *Cidade Diamantina* ter ou não uma linguagem “violenta” em seus textos, lembraram que o Adriano gostava de ler o Jornal, então o Oliveira lembrou-se do que havia visto ao passar próximo a sua residência:

_ Passava eu de tarde, à porta de sua casa, à Rua das Mercês, quando ouvi lá dentro gritos lancinantes de criança... Parei, hesitando em entrar. Alguns meninos postados em frente me informaram então que Adriano estava espancando, a bengaladas, o enteado, o Mauricinho, por ter quebrado um prato.

_ Que covarde! Exclamou o Finfa. _ Com certeza estava bêbado! Ele é freguês assíduo do parati, do Rafael Seabra (*id.*, s/d, p. 17).

Adriano Pitanga não era paciente com o enteado Maurício, por vezes chegava a agredi-lo. Belmira chegava a reclamar com suas amigas a forma que ele a tratava e ao seu filho. O comportamento dele era repetido por seu filho Lúcio. Em uma festa das Mercês estavam Candinha e Fifina em casa de Belmira, e esta confidenciou às amigas “o Lúcio é um menino insuportável, malcriado e brigador. Raro é o dia em que não nos vem fazer queixas dele...” (Arno, s/d, p. 54).

A bebida foi relatada em todas as obras dos memorialistas estudados nessa pesquisa. O consumo de cachaça era cultural desde os tempos do garimpo, utilizada para aquecer o corpo enquanto se trabalhava nos leitos dos rios. Costume este que era corriqueiro até mesmo para a ida a igreja participar da missa da madrugada. Vez ou outra, dentro da igreja “todos os devotos punham-se a tossir alto, e do meio dos homens, que se acumulavam perto da sacristia, vinha um zumbido de conversação reprimida, de envolta com um bafo de aguardente, bebida contra os resfriamentos da alvorada” (Rabello, 1978, p. 85).

Quanto ao consumo de bebidas, Morley relatou em seu diário não entender como era possível

Não sei como se pode tomar um vício. Não compreendo como se possa beber até ficar tonto; depois de um calice de vinho não tenho vontade de tomar outro. Cerveja não sei como se pode beber; amarga tanto e nos jantares eu vejo todos beberem um copo atrás do outro. Cachaça eu não suporto, nem o cheiro. É com repugnância que eu tomo a colher de cachaça com ruibarbo que mamãe dá às vezes, quando rangemos os dentes de noite (Morley, 1998, p. 191).

A utilização da cachaça a descrição da jovem Helena Morley, representa outra utilidade, a do remédio, da cura dos males à saúde. Arno apresenta a bebida como aperitivo, num contexto de prazer em beber

“_ A bebida é uma ciência, retrucou o Américo França. _ O abuso é uma coisa estúpida. Não há nada como, após um excelente jantar, bem regado a vinhos finos, fumar-se um bom charuto; molhando-se de vez em quando a ponta num cálice de Chartrouse... (Arno, s/d, p. 35)

Nas publicações dos balancetes das receitas e despesas do município de Diamantina era recorrente a publicação das receitas advindas dos impostos sobre a cachaça, ou aguardente como era chamada. Era discriminado a renda obtida na sede do município da renda dos outros distritos. A figura 7, abaixo, representa a arrecadação no ano de 1897.

Figura 7 - Receita do Governo Municipal de 1897

RECEITA		
RENDA ESPECIAL		
(ART. 24 DA LEI N. 2 DE 30 DE JUNHO DE 1897)		
Renda do Mercado Municipal	998\$987	
Emolumentos das Repartições Municipaes	20\$000	
Imposto sobre o mercado	20\$000	
Rendimento da imprensa municipal	45\$300	1:108\$647
COBRANÇA DE DIVIDA ACTIVA		
Proveniente do imposto sobre agua do rego publico	40\$000	40\$000
RENDA EVENTUAL		
Saldo de juros etc.		179\$260
RENDA ORDINARIA		
Districto da sede		
Imposto sobre de aguardente canna	4:470\$000	
Imposto de transmissão de propriedade <i>inter-vivos</i>	930\$000	
Imposto sobre carros	20\$000	
Imposto sobre rezes abatidas	1:155\$000	
Multas	9\$450	
Imposto sobre diversos generos de consummo	1:992\$405	
Licenças	115\$000	
Imposto sobre industrias e possões	129\$500	
Imposto predial	22\$500	843\$831
COBRANÇA DE DIVIDA ACTIVA		
Proveniente do imposto predial		42\$300
DISTRICTOS DE FORA		
Imposto sobre aguardente de canna	1:950\$000	
Imposto de transmissão de propriedade <i>inter-vivos</i>	716\$400	
Imposto sobre rezes abatidas	845\$000	
Multas	6\$300	
Imposto sobre diversos generos de consummo	503\$000	
Licenças	140\$000	
Bens do evnto	110\$100	
Imposto sobre industrias e profissões	1:340\$000	
Imposto predial	41\$400	51\$200
Cobrança de divida activa		
Nos districtos da Gouvés, Curimatahy etc.		31\$230
Despeza a annullar		
Recobido do dr. Telles, adiamento de despesas com varicelosos		1\$520
Saldo do mez anterior		3:57\$20
Somma		23:5\$447

Fonte: O MUNICIPIO, Diamantina, 21 dez. 1897, n. 140, p. 4.

Ao analisar a publicação dos impostos arrecadados, chama a atenção que o total sobre a aguardente tanto na sede quanto nos demais distritos é superior aos outros impostos cobrados, sejam ele de rezes, de demais gêneros alimentícios ou até mesmo da indústria. Era maior que a renda obtida no Mercado Municipal, que naquele ano era o único lugar em que os tropeiros poderiam comercializar seus produtos.

Outro costume das famílias diamantinenses era do jogo, que normalmente era realizado com apostas em dinheiro. Quando nas casas, jogava-se vísporas, trinta e um, truco e paciência. Na rua as apostas dos jogos girando em torno do bilhar e do truco.

Morley relatou algumas vezes o costume do carteadado em sua família: “Tia Aurélia trabalha sem parar, os meninos estudam e Fifina ficava na sala o dia inteiro, à toa, jogando paciência”; “Quando eles inventam jogar víspora, que vai até depois de dez horas, Dona Juliana manda dar canjica ou leite com farinha de milho.”; “Hoje domingo poderia ter estudado, mas mamãe nos levou desde cedo para a chácara e o passou o dia no jogo da politaina com minhas tias até tarde”. (Morley, 1998, p. 97; 159; 169)

Os jogos de cartas também eram comuns na casa do Batista, como destacou Rabello

O tio Batista “gozava a sinecura alegremente, dedicando-se à caçada de codornas, à leitura dos livros que lhe caíssem debaixo dos olhos, e tinha para se divertir uma rodinha de amigos, com os quais jogava o *truco* até as dez horas da noite, e o *poker* algumas vezes, até uma hora da madrugada (*Id.*, p.92).

A forma com a qual Rabello descreve as atividades de descontração do Batista revela um entendimento do que pra ele era uma atividade comum, de um divertimento. A pesca e caça foram atividades que apareceram em quatro ocasiões pelos memorialistas. Duas dela Morley relata a pesca por seu irmão mais velho, a fim de “fazer dinheiro”, e as demais por Rabello, que já o incluiu como passeio, distração. Na transcrição a cima, porém, Rabello parece entender o divertimento por algo diferente da distração, seria o que agita os ânimos, que advêm de euforia, como acontece nos jogos de truco e pôquer, principalmente quando envolve apostas.

Helena Morley não gostava muito de jogar, mas sim de acompanhar as outras pessoas jogando. Em um desses momentos, ela acaba explicando como se jogava o trinta e um

“eu sempre fico sapeando o jogo dos outros; não chego perto porque ninguém gosta. Hoje é que eu vi por que é. A mesa estava com um bolo que já era a terceira vez que crescia. Começou a animação e eu já aflita fui contando o jogo dos outros de longe. Mamãe ficou com trinta. Chegou em Seu Paulino eu olhei o jogo e contei baixinho: vinte; veio um ás, eu contei vinte e um; veio um quatro, eu contei vinte e cinco; quando veio um sete, eu contei alto: “trinta e dois!”. Ele vira para mim e diz: “Um meninão desse tamanho e nem sabe contar!” e disse para a mesa “Trinta e um!” E jogou o ás de paus no chão” (Morley, 1998, p. 63; 191).

Arno relata um jogo de vísporas (bingo) a valer praticado em um dia comum.

Às nove horas da noite, quando o Grande Empório começa a cerrar as portas, passando por ali o Joãozinho Raimundo Mourão, convidou alguns rapazes para a vispora em sua casa, ao que sucederia uma ceia. Seguiram em sua companhia seu sobrinho Sales Mourão, Laurindo Cesar, Antônio Joaquim da Paixão e Joãozinho Mota.

O primeiro a cantar as pedras foi o Zezé Menezes, que repetia as pilhérias clássicas no jogo:

_ Patinhos na lagoa (22) - 45 - 39 - 76 - Par de óculos (88)....

_ Sacode essas pedras, Papai! Exclamou Zenólia. _ Só saem números que não tenho...

- Visporei! gritou o Genesco, ao ser cantado o número 44.

É uma falta de elegância! atalhou o Antônio Mourão. _ Uma moça é que devia vispar em primeiro lugar e não um marmanjo...

Afinal, à meia noite, serviu-se a ceia: pero com farofa, arroz de forno, tutu de feijão com linguiça, lombo de porco com batata, leitão assado, vinhos e cervejas (Arno, 1951, p. 18-19).

Para a noite de jogos, foi organizada também uma ceia farta para os ali presentes. O comercio local, aproveitou o jogo como negócio a ser comercializado em concomitância às bebidas, instalando bilhares e salas de truco. Essa era umas ideias de Pedro Jatobá. “_ Logo à noite voltarei, para conversar com o Pedro sobre o jogo de bilhar que ele pretende instalar na sobreloja. Tenho uma excelente mesa, duas dúzias de tacos e doze magníficas bolas de marfim. Poderemos talvez entrar em acordo” (Arno, 1951, 26).

Rabello foi o principal memorialista a relatar o jogo do bilhar e salas de truco. Paulo, o estudante de Ouro Preto já conhecia a vida boemia da capital mineira e com isso Arnaldo logo se juntou a ele. Os dois estavam sempre a procura de uma diversão noturna em Diamantina. Para Américo isso não era bom, ainda mais quando os compromissos da casa eram deixados de lado devido ao jogo. “_Ora, ora, ora, ora! Se eu fosse esperar pelo senhor Dr. Paulo, morria de fome! Aquele fagabundo a esta hora deve estar jogando o bilhar. Nunca está em casa, na hora do jantar... Disse Américo à Amália” (Rabello, 1978, p. 10).

Com os longos dias de chuva que assolavam Diamantina nos primeiros meses de Arnaldo na cidade, esse se perguntava como poderia se divertir? Nas vezes em que saía com o Paulo – “jogavam o bilhar, tomavam *vermouth*, contemplados por algum rapazola ocioso, enquanto os empregados dessa casa, sem outra coisa que fazer, divertiam-se sonolentemente com o jogo de *damas*” (*Ibid.*, p. 96).

Mas nos dias em que não chovia, não restava dúvida de onde Arnaldo e Paulo iriam, “Paulo convidou-o para umas voltas pelas ruas, pois a chuva tinha cessado e havia um sol digno de ser aproveitado. Saíram e encaminharam-se instintivamente, para a casa de bilhares” (*Ibid.*, p. 98).

Os relatos dos banquetes e dos jogos apresentam um ator em comum, a bebida. Esta, nos banquetes em casa, tinha um aspecto quase que inofensivo, mas quando na rua extrapolava os limites dos bons costumes, levando a discussões e agressividade por parte de alguns apreciadores. Os banquetes e os jogos, antes pertencentes às casas das famílias, ganharam espaço nas ruas, quando da abertura do comércio noturno e da iluminação das ruas.

3.3 O Dinamismo Feminino

VARIEDADE

Regras de conduta para as mulheres casadas

Eis diversos conselhos às senhoras, que, si fossem seguidos, fariam não só a felicidade dos maridos, como das suas caras metades, assegurando assim a paz doméstica.

Antecipadamente devem convencer-se de que lhe dou meios de governar uma família: um pela expressão da vontade, que pertence a força; o outro pelo irresistível poder da doçura, que é muitas vezes superior à força.

O primeiro pertence ao marido, a mulher só deve usar do segundo.

A mulher que diz – eu quero, deve perder a parte que lhe cabe na família.

A mulher deve evitar sempre contradizer o marido.

Quando se colhe uma rosa, só se espera o prazer dos perfumes, assim da mulher só se deve esperar o agrado.

A mulher que se constitui em continuada oposição, é vítima da aversão aumentada pelo tempo, e de que a não livrem todas as qualidades boas que adornam.

Não deve intrometer-se nos negócios de seu marido, e só esperar que ele o confie; assim como não deve aconselha-lo senão quando ele a consultar.

Não deve mostrar-se irascível nem alterar com seu marido.

Deve dar exemplo praticando virtudes, por que é maneira de os fazer praticar.

Não exigir coisa alguma, para obter muito; e mostrar-se sempre satisfeita com as dadas de seu marido para que o excite a fazer-lhe outras.

Muitas vezes os homens são vaidosos e insuportáveis, mas nem por isso se deve contradizer essa vaidade, ainda nas coisas mais livres; e por muito superior que uma mulher se julgue a um marido deve sempre mostrar que não conhece essa vantagem.

Quando o marido estiver em erro é conveniente não o demonstrar logo, e sim por maneiras convenientes, com doçura e bondade leva-lo a pensar melhor, deixando-lhe sempre o mérito de ser ele quem acertou com o que era menos justo e acertado.

Responder sempre ao mal humor de seu marido com afetuosidade; a seus desacertos com bons conselhos, e não se valer nunca de qualquer falta que cometesse para a lançar em rosto nem o humilhar.

Fazer uma boa escolha das suas amigas, ter poucas e desconfiar sempre de seus conselhos; não dar credito a intrigas para não se tornar odiosa a seu marido e a sociedade.

Gostar muito do asseio: nunca do luxo; vestir-se com elegância, e sempre com decência.

Este conselho, parece pueril, mas é pelo contrário mais importante do que bem compreendem o império que exercem nas ideias.

Não se intrometer nos negócios do marido e atrair-lhe a sua confiança, confiando-lhe todos os seus segredos, observando a melhor ordem de tudo, e nunca se aborrecer da sua casa nem do seu estado, para que o marido não ache outros mais felizes.

Dar sempre a entender que tem em muito apreço as luzes e conhecimento de seu marido, encarecendo o sempre, e muito mais diante de estranhos, ainda que para isso seja preciso fazer passar por menos sensata a sua opinião, por que a mulher é sempre elevada à altura da apreciação que faz de seu marido.

A mulher deve deixar a seu marido a liberdade de suas ações, deve enfim fazer a casa tão agradável ao marido, que ele não possa desgostar-se dela e que os prazeres fora de casa lhe sejam sempre insípidos quando os não partilhe sua esposa. (Extr.) (Liberal do Norte, Diamantina. Ano 1, n. 25, 08 dez. 1887, p.2-3)

A transcrição que abre este subcapítulo descreve os tipos de comportamento que as mulheres casadas deveriam ter frente ao seu marido e à sociedade. A mulher deveria, mesmo que a contra gosto, agradar sempre ao marido, mesmo em momentos que este a tratasse de modo grosseiro e desagradável. Ela deveria dar sua opinião quanto aos negócios do marido apenas se este lhe solicitasse.

A transcrição na íntegra da publicação do periódico diamantinense *Liberal do Norte*, foi realizada por definir em muito a descrição que Ciro Arno faz ao longo da narrativa de *Os Enteados* da personagem Belmira. Casada com Adriano Pitanga, este a trata mal e mal a seu filho, no entanto, ela o responde com doçura, mesmo com as lágrimas a cair-lhe dos olhos.

Mas, Adriano, o dinheiro que lhe emprestei foi ganho com minhas costuras....
 _ Que quer dizer? retrucou furioso o marido. _ Que não lhe forneço dinheiro para as despesas?... Que a deixo morrer à fome, com seu filho?...Que companheira que tenho!.... Maldito o dia em que me casei!....
 _Nunca lhe fiz nenhuma acusação, meu amigo! respondeu, chorando, a pobre senhora (Arno, s/d, 20).

O mesmo ocorria com Amália, que tinha lições de piano, francês e bordados, para construir um lar agradável ao marido quando casada. Mas essa

responsabilidade lhe coube necessária ainda jovem, quando do falecimento de sua mãe.

Em casa todos diziam, sua missão era de uma responsabilidade muito bela e cristã; o papai, coitado, viúvo e quase velho, se não tivesse uma filha moça para cuidar dele, como viveria abandonado! Tão distraído era, que precisava de alguém para lembrar-lhe os dias de cortar as unhas e fazer a barba. Era ela quem lhe escovava as roupas de sair e quem lhe inspecionava a limpeza dos colarinhos: coitado dele, se ela o abandonasse para ser Irmã! (Rabello, 1978, p. 76).

Amália vivia essa angustia em seguir a profissão das freiras que lhe davam lições no colégio Nossa Senhora das Dores, ou se poderia construir família. A chegada do hóspede em sua casa provocou maior reflexão sobre essas questões, fazendo-a se sentir mal por querer namorá-lo, como se estivesse a trair a Deus e seus ensinamentos.

Carolina, mãe de Helena Morley dedicava-se aos filhos e ao marido. Este, quando adoecia no local em que estava garimpando, ela tratava logo de deixar os filhos na casa da avó e ir dele cuidar. Helena não entendia porquê de tanto cuidado assim. Ela sempre questionava a posição da mulher na sociedade, mas tinha aulas com sua tia Madge numa proposta de educação para o lar.

Nos relatos dos memorialistas dos divertimentos, as mulheres participavam de todos, principalmente, os que ocorriam dentro das casas. Fosse os jogos de cartas, os bailes, as adivinhas, dos banquetes, do bebericar de vinhos e cervejas e da organização das festas religiosas.

Quando se tratava dos divertimentos que ocorriam fora do lar, a maioria das citações indicam a mulher com participação fundamental ao desenvolvimento dos festejos religiosos, ornamentando igrejas, organizando os banquetes oferecidos pelos festeiros ou juizes da festa. Na igreja, a separação dos sexos dava a imagem das mulheres que iam proceder sua fé, ou simplesmente sair de casa para um encontro com a sociedade.

A multidão feminina, de joelhos, ciciava as suas orações... Era uma policrômica mistura de velhas beatas escuras, de raparigas amuladas e viçosas, das senhoras da boa sociedade local, meninas, cozinheiras, algumas velhas com o aspecto quase de mendigas, e todas confundidas numa só massa escura, na qual apenas os chales de franjas faziam diferenciar cada corpo do meio compacto e lóbrego (*Ibid.*, 87-88)

As mulheres casadas estavam sempre em companhia de seus maridos nas festas nas ruas. Os homens frequentavam cafés, armazéns, bilhares e tavernas. Mas os relatos de mulheres nesses locais não eram comuns aos memorialistas, e nos periódicos da cidade. Mulheres nas ruas da cidade, ou alguma casa de diversão, eram diretamente associadas à prostituição.

Mas a mulher diamantinense não ficava em casa aguardando o marido se dar bem nos negócios para oferecer conforto à família. Elas trabalhavam o que fosse preciso para garantir contribuição. Na casa do Batista,

A esposa, com as suas costuras, ajudada pelas filhas, e a cantar modinhas enquanto as máquinas enchiam a casa com seu ruído fecundo, auxiliava, em muito, as despesas da casa: e a vida ia-lhes correndo sem grandes embaraços, e seria talvez completamente ditosa se não fosse uma dívida de dois contos de réis, cuja lembrança enrugava, às vezes, a testa do tio Batista, e fazia a sua esposa, quando pensava nela, dar suspiro profundo (Rabello, 1978, p. 92).

O cantar modinhas relatado por Rabello pode indicar ao menos duas interpretações. A de que era prazeroso costurar e por isso a família se divertia enquanto fazia roupas para vender, o lazer e o trabalho se complementando; ou ainda, como lhes era ensinadas, este era o papel da mulher, e por isso, ao invés de queixar, faziam com “gosto e prazer”, remetendo à publicação sobre o comportamento da mulher.

As costuras de Belmira e Julieta seguiam padrões de vestimentas do Rio de Janeiro. O comércio local mantinha sempre em estoque, vestidos, catálogos de moda e tecidos que compravam na metrópole. “Tia Julieta supunha-se muito a par da moda carioca, pois recebia alguns figurinos, pelos quais modelava as costuras que fazia” (*ibid.*61)

As costuras de Belmira permitia que o enteado desfrutasse de luxos quando este foi morar em Ouro Preto. Apesar de Lúcio trabalhar nos Correios, “vivia em bailes, jantares, bilhares”. Quando lhe faltava, ou nas visitas a Diamantina, a madrasta quem custeava seus gastos. “Quando tinha convidados, exigia, à refeição, cerveja alemã e vinhos portugueses, pagos quase sempre pela madrasta, que continuava a matar-se na costura, de manhã à noite” (Arno, s/d, p. 119; 125).

Para tentar ganhar dinheiro, a mãe de Morley chegou a fazer rosquinhas, pão doce, plantou verduras, bolo de arroz, limões do entrudo, almôndegas, pastéis de angu, carajés, queimados. Para seu filho colocar numa venda que havia iniciado, a

mãe fazia também vinagre de jabuticaba e champanha de ananás (Morley, 1998, p. 210).

As pretas libertas que viviam na casa de Theresa, faziam pastéis e outras quitandas para vender e quando casassem já houvesse adquirindo a própria casa. “Vovó e Dindinha nunca passaram sem um criolinho para criar e gostarem tanto como se fosse branco. Vovó sempre cria negrinha e Dindinha negrinhos”. Estas criadas pela vó de Helena, quando crescidas, nas festas da igreja e dias de espetáculos no teatro, faziam pastéis de angu, sonho e carajés e saiam a vender (Ibd. p.178).

As pretas de Diamantina que já haviam formado família se reinventavam na sociedade, resistindo e garantindo o sustento da casa. No Beco da Tecla, região central da cidade, haviam alguns armazéns que contribuía com a boemia dos moços diamantinense. Mas esses locais sustentavam mais que apenas o vício de alguns

Numa casa baixa, no beco da Tecla, à esquerda de quem vem da praça Barão de Guaicuí, residiam nessa época, com numerosa família, o sr. José Eleutério Queiroz do Amaral, velhinho baixo, de óculos azuis, quase cego, e sua esposa, D. Maria. Esta matrona, a verdadeira cabeça do casal, mantinha no interior da residência, sem que de fora se percebesse, um armazém de secos e molhados, onde se encontravam as bebidas e conservas mais finas, ponto de reunião preferido por vários cavaleiros e rapazes de Diamantina. Com este comércio, D. Maria sustentava sua grande família, composta de filhos e netos, inclusive o marido, que não podia mais trabalhar, por estar inválido e atacado de catarata (Arno, s/d, P. 34).

Assim como a dona Maria do Beco da Tecla, Alexandrina também fazia o seu sustendo fornecendo café e bolo de arroz após as missas.

Certas vezes, nos domingos, após a missa de madrugada, na Sé, nos dirigíamos ao alto da Rua da Direita, à casa da Alexandrina do Bolo, onde muitas pessoas iam, àquela hora, tomar café com excelente bolo de arroz, ou comprar bolos, a fim de levar para casa. (Arno, 1949, p. 153)

O local de venda de Alexandrina tornava-se um ponto de encontro após as missas. “À porta da igreja, os homens formavam grupos à roda de uma fogueira, junto à qual uma preta servia bolos de arroz e xícaras de café que tirava do tabuleiro, colocado numa tripeça” (Rabello, 1978, p. 85). Arnaldo todo agasalhado e escondendo as mãos dos frios ao encontrar com Félix, este o convidou

_ Um cafezinho que anima a gente! Vamos!

Arnaldo aceitou o convite. Aproximaram-se do tabuleiro e receberam as tigelinhas brancas, cheias de café, que a mulher lhes serviu. Félix levantou a toalha do tabuleiro apanhou um garfo, e com ele físgou um bolo:

_ Vamos ao bolinho tradicional da D. Alexandrina! - disse ele, oferecendo-o a Arnaldo.

O rapaz experimentou do bolo e confessou:

_ Realmente... Este café e o bolo aquecem, sr, Félix!

_ Aquecem, pois não! Reconfortam! Não há nada melhor neste mundo de Cristo... A gente vem à missa a tremer de frio, mas se toma aqui deste cafezinho e devora um bolo, ai, ai! Aquece-se! (*Ibid.*, p. 90).

Outra mulher relatada nas obras foi Fifina. Esta era do norte de Minas, casada e sem filhos. Com a morte do seu marido resolveu se mudar para Diamantina. Chegou a morar na chácara de Teresa

Quando vovó morreu, Fifina teve de procurar seu cômodo. Alugou uma casinha por dez mil-réis por mês e juntou-se com outra companheira que paga a metade.

Ela só almoça em casa e cada dia janta numa casa diferente. Depois do almoço ela carrega um trabalho de agulha para fazer e vai para a casa dos outros. Senta-se numa cadeira e ali fica bordando ou fazendo crivo e contando, na casa em que está, o que ela viu nas outras (Morley, 1998, p. 303).

Ciro Arno reforçou a narrativa de Helena sobre a Fifina. Além dela fazer bordados para vender, ela garantia a distração das crianças, que a adoravam, contando contos e histórias a eles.

A excelente velha era adorada pelas crianças de Diamantina, por lhes narrar pacientemente interessantes contos. Viúva pobre e sem parentes, muito relacionada e querida em Diamantina, só dormia em casa, passando os dias na residência de amigas, lendo nuances ou contando histórias aos meninos (Arno, s/d, p. 3).

Outra forma de Fifina ganhar dinheiro era a fabricação dos limões de cheiro para as brincadeiras do entrudo. Ela fazia e Maurício, filho da Belmira, saía as ruas com o tabuleiro cheio deles para vender.

Fifina untou de sabão da terra diversas pequenas laranjas verdes, que conservavam um pedaço de caule ou tinham um pauzinho fincado. Derreteu numa caçarola certa quantidade de cera, misturou com água. Depois, pegando sucessivamente nas laranjas pelo caule ou pelo pauzinho, mergulhava-as primeiros na cera derretida, depois numa vasilha de água fria e as colocava numa pequena mesa ao lado, sobre uma toalha.

Em seguida, com uma faca, fazia uma leve incisão, quase circular, nas laranjas, não cortando a parte inferior; aos poucos apertando com os dedos, ia descascando os dois hemisférios de cera unidos apenas pela parte não cortada; com uma pena de galinha, embebida na cera fervente, ligava os dois hemisférios; pelo orifício do local do caule enchia os limões com água

perfumada, tampando o buraco com pingos de cera, e os iam arrumando cuidadosamente em fileiras, num tabuleiro forrado com uma toalha branca. [...] Agora vejo: a senhora ainda faz limões do entrudo com laranjas? Porque não compra na loja do Mota uma forma de madeira? Fazem-se limões mais rapidamente, com muito menos trabalho.
_ Prefiro a maneira antiga, respondeu Fifina. – Foi assim que aprendi e os limões saem perfeitos (*Ibid.*, p.21).

Na quarta-feira de Cinzas, ela esvaziava pacientemente os limões que tinham restado e os guardava vazios, para enche-los e vendê-los no Entrudo do ano seguinte.

Esses aspectos aqui apresentados nos revelam o protagonismo e papéis das mulheres diamantinenses, inclusive as pretas recém libertas, durante a Primeira República, e da possibilidade de agência a respeito dos aspectos econômicos e diretamente relacionado ao mercado de divertimentos. As mulheres diamantinenses movimentavam a economia local com seus afazeres e garantiam os lazeres dos demais. Elas se divertiam, é certo, porém com limitações de locais, horários, companhias, e sempre censuradas a manter uma postura de mulher educada, de respeito, culta.

A casa, que dá nome a esse capítulo, revela que o contexto familiar dava espaço a vivenciar diferentes tipos de divertimentos nos lares de Diamantina da década final do século 19 e das primeiras do 20. Os homens sempre bebendo e discutindo política, as mulheres tratando de que tudo estivesse em perfeita condições de receber seus convidados. A casa vivenciava jogos, músicas, leituras, teatros, banquetes, mas a rua também era local de divertir-se.

4 A RUA

Procissões religiosas, serenatas, chegadas de autoridades políticas ou renomados doutores conterrâneos, aniversários de associações, comemoração do dia da Independência ou da Lei Áurea, as ruas de Diamantina se enchiam de gente a fim de divertir-se e/ou de professar a sua fé.

Nos anos finais do século XIX Diamantina tinha as ruas iluminadas por lampiões de querosene. Ao cair da noite, passava um moço carregando uma escada e ia acendendo poste por poste. Às nove horas da noite, a sirene do quartel policial tocava, convidando os transeuntes a dirigir-se para casa. Mas isso não impedia que as ruas da cidade ficassem animadas até a madrugada.

Neste capítulo exploro as práticas de diversão ocorridas nas ruas e empreendimentos públicos, conforme os relatos dos memorialistas em suas obras, alguns deles, eram anunciados nos periódicos locais.

4.1 O Entrudo e as Festas de Santo

Uma ou duas semanas antes do Carnaval, começava este brutal brinquedo, que assumia proporções inauditas, nos três últimos dias, de domingo a terça-feira gorda.

Quase todas as classes da cidade, pobres e remediadas, cavalheiros, senhoras, moças e crianças, saíam pelas ruas, acompanhados de pretas ou moleques, carregando tabuleiros de limões de entrudo (pequenas esferas de cera, cheias de água perfumada), ou com grandes seringas de folha de Flandres, ou de bambu, procurando todos molhar o mais possível uns aos outros.

Os limões eram fabricados por dois processos. Numa forma oca (composta de dois pequenos hemisférios que se ajustavam), lançava-se por um furo um pouco de cera fervente e sacudia-se; depois abria-se a forma e tirava-se o limão; era só enchê-lo. O processo mais comum era o seguinte: besuntava-se de sabão uma laranja verde e, segurando-a pelo caule ou por uma varinha nela fincada mergulhava-se a mesma em cera fervendo e logo após em água fria. Em seguida, dava-se um leve talho circular na laranja, destacando-se os dois hemisférios, que eram colados com cera quente, pincelada com uma pena de galinha. Por um furo enchia-se o limão com água perfumada, colando-se nele, às vezes, uma florinha.

Em certas ruas, havia canoas cheias d'água, onde grupos de rapazes mergulhavam as pessoas que agradavam. Esses mergulhos eram dados também nos chafarizes públicos: da Cavalhada Nova, do Rosário e da Câmara.

Das ruas para as janelas, havia verdadeiras combates de seringas e limões. Assaltavam-se casas, arrombando-se portas, ou encostando altas escadas às janelas, afim de se ir lá dentro molhar as famílias. Apesar da brutalidade do tradicional Entrudo, era raro um conflito ou uma briga. E não resultavam desse brinquedo doenças mortíferas, porque nessa época não se tinha ainda inventado a gripe; havia apenas a inocente constipação (Arno, 1949, p. 74)

O Entrudo era uma forma de festejar típica de Portugal, em que se atiravam ovos, líquidos e farinha entre as pessoas. De acordo com Araújo (2008) a palavra carnaval era mais utilizada para descrever os festejos de bailes e máscaras por franceses e italianos. Não havia uma data fixa para a realização do festejo, que poderia ocorrer na virada do inverno para a primavera. Ao se utilizar o calendário cristão como divisor dos dias, passa-se a ser festejada nos três dias que antecede a quarta-feira de cinzas que marca o início da Quaresma.

Anualmente, semanas antes do carnaval, as ruas de Diamantina se enchiam de gente molhada. Era a brincadeira do Entrudo conforme a explicação dada por Ciro Arno na transcrição a cima. Durante o período da quaresma jejuns e penitências eram rigores comuns aos católicos. Os três dias que a antecedem eram por isso chamados de “dias gordos”, onde a comunidade aproveitava para se fartar de comida, bebidas, festas e músicas. Os “limões ou laranjas de cheiro” foram incorporadas ao Entrudo a partir do século XIX.

No entanto, em meados do século XIX “a preocupação com o progresso e a civilização impulsionou a constituição de políticas de controle por parte de diferentes autoridades públicas, que atuaram sobre a experiência social e sobre as manifestações festivas” (ARAÚJO, 2020, p. 24). Assim, o entrudo passou a ser visto como desordem do espaço urbano, sendo uma manifestação grosseira e “incivilizada”.

Em Diamantina o Entrudo foi por anos pauta de proibição, mas sempre as vésperas do carnaval, a terça-feira que a antecede o início da quaresma, boa parte da população tomava as ruas e fica impossível a prisão de todos pelo corpo policial. Como relatado por Souza Júnior (2020), em 1887 já haviam proibições ao entrudo, mas na década de 1910 os políticos e comerciantes da cidade ainda projetavam um carnaval moderno. Em 1901, por exemplo, não houve bailes, mas as batalhas de limões de cheiro

Não houve, como nos anos anteriores, bailes a fantasia e nem grupos de mascarados pelas ruas; mas em compensação, a rapaziada da *ponta* deu

provas de seu ardente valor folgazão empreendendo renhido combate de
 água.

E foi água a valer.

Em todas as ruas se viam batalhões de rapazes e deixa lá; até velhos, que, munidos de limões, etc. desafiavam ao belo sexo, que com iguais armas aceitavam o combate com heroísmo (O Município, 23 fev. 1901, ano 6, ed. 252, p. 3).

Jovens, velhos, homens e mulheres se divertiam com o festejo do Entrudo. Mas diferente do relatado por Arno a respeito das brigas, Helena Morley revela que elas são frequentes e questiona se “poderá haver nada mais estúpido do que jogar um homem vestido no tanque do chafariz? Deve ser horrível porque eles se machucam e as roupas encolhem. Por isso é que sempre saem brigas” (Morley, 1998, p. 227).

Na obra *Os Enteados* Arno descreve uma conversa realizada nos dias de carnaval do ano de 1895, entre rapazes sobre o que pensam do entrudo e do carnaval. Adriano Pitanga entra na conversa perguntando se os mesmos irão ao baile no Teatro. Na volta para casa, o mesmo percebe que “grupos de rapazes agarrava os transeuntes para mergulha-los no chafariz próximo; alguns mascarados cantavam ou tocavam instrumentos de música” (Arno, s/d, p.37). Adriano então desvia do grupo e vai para casa.

O baile de mascara no Teatro Santa Isabel foi por alguns anos organizado por Procópio Gomes Ribeiro, que alugava mascaras e fantasia no Rio de Janeiro, organizava o Zé Pereira e desfiles pelas ruas da cidade.

Outro festejo do qual a comunidade diamantinense ocupava a rua era a Queima dos Judas, que acontecia após a missa do sábado de aleluia, na rua da quitanda. Durante a Semana Santa há pessoas que andam de opa pela cidade e a tocar a matraca nos horários de preces. Helena Morley relata que seu pai “acha muita graça dos negros da Chácara não saírem do fundo do quintal senão para verem enforcar o judas”

de cartola, máscara de arame, casaca e calças pretas e botinas de verniz. Com o braço movido pelo sujeito, o Judas começou a saudar o povo entre apuros e assuadas da garotada. A banda "O Corinho" principiou a executar uma valsa.

[...] depois de o fazerem dançar no ar, sacudindo a corda, cerca de vinte minutos, ao som da música, o seu fabricante aproximou-se e acendeu com um fósforo o cigarro de pólvora, que trazia à boca o Escariótes. Este, que estava recheado de bombas e busca-pés, incendiou-se e começou a explodir, despertando forte cheiro de pólvora e de pano queimado, avançando a

meninada para os despojos fumegantes, que os garotos disputavam uns aos outros (Arno, 1951, p. 40-1).

No ano de 1895 houve também a brincadeira do pau de sebo do qual Helena Morley descreve havendo também a participação de uma mulher, que acabou facilitando a captura do prêmio, mas foi enganada pelos homens que a princípio, pareciam querer ajuda-la. Segue a transcrição da realização da brincadeira que “divertiu muito o povo”

Seu Luís de Resende mandou fazer um pau de sebo e pôs no alto uma bandeira de notas novas. Eu pensei de morrer de rir quando, da sacada de Luísa Gura, vi sair do meio do povo uma mulherzinha bem limpinha com sua saia de chita vermelha e paletó branco, pregar a saia com um alfinete de desmazelo, fazendo um calção, arredar os da frente e começar a subir. Uns homens espertos a ajudaram, empurrando. Um trepava no ombro do outro e levantava a mulher. Outros a sustentavam com a bengala. Ela foi limpando o pau de sebo com a saia até o alto. Isso é o que eles queriam. Quando ela já estava para pegar na bandeira, largaram e a boba escorregou até embaixo (Morley, *id.*, p. 243).

Esta narrativa de Morley demonstra que haviam mulheres em Diamantina que não se reprimiam pelas normas e ou doutrinas a elas impostas. Esta suposta intromissão na brincadeira do pau de sebo é uma manifestação do direito da mulher em se divertir, em participar do divertimento, e não só o assisti-lo.

Apesar da naturalidade com a qual os primos Ciro e Helena descrevem a queima do Judas e a brincadeira do pau de sebo, os periódicos locais dos quais se têm acesso referente aos anos finais do dezenove e primeiras décadas do século vinte, não revelam tal divertimento. Sobre a Semana Santa relatam apenas os festejos católicos, por vezes mencionando o nome dos padres ou seminaristas que realizaram os sermões.

Outra descrição que é revelada por Ciro Arno (1949), é da encenação do lava-pés na missa de quinta-feira, dedicada a Santa Ceia. Nesta, o arcebispo lava os pés dos seminaristas escolhidos para fazerem os papeis de apóstolos. E sempre há uma confusão entre eles, pois nenhum quer fazer o papel de Judas.

Logo após a queima do Judas, iniciava os preparativos para a festa do Divino. A peregrinação diária do “Imperador do Divino” com banda de música e a bandeira do Espírito Santo, com fitas de várias cores, tendo no cimo da haste a pomba simbólica. Percorria o centro e os subúrbios, angariando donativos para a próxima festa (outrora uma das mais brilhantes de Diamantina), ou

conduzido à igreja do Amparo fiéis carregando "promessas" ou "milagres de cera", em cumprimento de vários votos ao Divino Espírito Santo (*Ibid.*, p. 51).

Para o hóspede Arnaldo, que presenciou a peregrinação de um Imperador do Divino, o ritmo da cidade era lento mesmo nestes momentos festivos. Observou que as tropas de burros que chegavam no mercado pareciam caminhar no “compasso de uma valsa triste, que a banda de música desferia longe, acompanhando a bandeira do Divino, amolecia-se numa cadência mole e sonolenta” (Rabello, 1951, p. 79).

Para Imperador do Divino havia uma eleição que segundo Arno era mais temida do que disputada, devido aos altos gastos financeiros que a festa demandava. Era uma questão de prestígio social realizar a festa com toda pompa, banquetes fartos, banda de música contratada, não só para o dia da festa, mas durante os nove dias da “novena”. Outra atribuição do Imperador do Divino era a distribuição de carne em praça pública para as pessoas pobres.

Nas festas dedicadas à Nossa Senhora das Mercês, padroeira dos pretos, que ocorria em 15 de agosto, também havia a eleição de um juiz e uma juíza para a festa. Na ocasião em que uma prima de segundo grau de Helena Morley foi escolhida, ela relata as coisas que foram separadas para o festejo: “quatro leitões, cinco perus, galinhas, patos, doces, sequilhos, tudo em quantidade para darem uma ceia todas as noites, depois da novena, aos parentes e amigos” (Morley, *id.*, p 177). Arno descreve um pouco mais sobre como se davam as festas das Mercês

No dia 6 desse mês, começavam solenemente as novenas; na noite de 14, erguia-se o mastro, com banda de música, ao espoucar de girândolas, morteiros, rodas de fogo e inúmeros foguetes; na manhã do dia 15, realizava-se na igreja missa cantada, com sermão, e à noite brilhante baile, em casa do festeiro. Na procissão a Virgem das Mercês ostentava, desde 1879, riquíssima coroa de ouro cravejada de brilhantes, doação do capitalista João Vieira de Azeredo Coutinho, com a recomendação de ser guardada por pessoa de sua família (Arno, 1949, p.76).

Ao erguer de mastros em decorrência das festividades religiosas, havia sempre menção aos fogos de artifício e girandolas, como na ocasião descrita por Ciro Arno. Mas nem sempre esses foguetes abrilhantavam as festas. Em umas das festas de Nossa Senhora do Amparo, vivenciada por Helena Morley, houve girandolas na porta da Igreja de mesmo nome após a missa cantada. “Os fogos todos queimaram ao mesmo tempo. Um fogo do ar, em vez de subir alto, deu uma volta e enfiou no

corpo de um menino, como se fosse um punhal”. O menino foi socorrido para a farmácia mais próxima, mas Helena não soube do desenrolar desse acidente.

Arno (s/d, p.48-49) também menciona outros acidentes com fogos de artifício e busca-pés. Em um deles “Mundinho Botija [...] teve a mão arrebetada pela explosão de uma bomba”. Em outro episódio, no entanto, não foi uma pessoa a ser atingida pelo fogo, mas “uma peça de casimira inglesa” que estava exposto em loja comercial no centro da cidade para ser vendido, foi atingido por um busca-pés e queimou por completo. O prejuízo ficou para o comerciante.

Outra festividade religiosa mencionada por Morley e Arno e mencionada nos jornais locais do período descritos por este memorialista, é a Festa de Nossa Senhora do Rosário.

O rei e a rainha desta festa eram previamente escolhidos pela respectiva irmandade, numa eleição disputadíssima, pois tais honrarias constituíam a suprema aspiração dos pretos e pretas daquela cidade, apesar das grandes despesas que acarretavam fortemente: missa cantada, foguetes, vestimentas caras, pagamento da banda de música que acompanhava o reinado, bailes, banquetes, bebidas e doces de profusão.

Todas essas despesas e dificuldades eram, porém, fartamente compensadas pelo prazer e orgulho de saírem pelas ruas, com grande acompanhamento e banda de música - o rei, pomposamente vestido, de manto majestoso, tendo à cabeça uma coroa de metal; a rainha, regiamente trajada, com rico vestido de seda, segurando-lhe na cauda duas domas, e diadema real à cabeça.

Os eleitos para estas dignidades conseguiam fazer as despesas necessárias, ajuntando aos próprios recursos o produto de esmolas e subscrições.

Algumas vezes, no dia da festa, havia nas ruas interessantes danças de catopés, marujadas ou caboclinhos (Arno, 1949, p. 79).

Além da queima do Judas, das festas das Mercês, a festa do Rosário era também uma celebração que os pretos tinham orgulho em participar. A do Rosário se assemelhava aos rigores da festa do Divino. Era a oportunidade que os pretos tinham de manifestar suas tradições, sua musicalidade e dança. Mas a partir de 1903, com a instalação do sínodo diocesano, essas manifestações foram proibidas de ocorrer durante as celebrações. Os párocos das igrejas alegavam que as danças eram mundanas e as músicas atrapalhavam os presentes de ouvir o ritual litúrgico. Os Sínodos realizados durante o período da Primeira República e seus efeitos nos divertimentos de Diamantina, foi discutido por Souza Júnior (2020) em sua tese de doutorado. Mais detalhes sobre os efeitos dos Sínodos em Diamantina, ver também Fernandes, 2005.

Morley menciona um outro momento em que ela participou de manifestações dos pretos, relacionando o festejo à cultura africana. Seu relato

descreve memórias, vestimentas, história recente do povo preto na cidade, e por isso, está transcrito em sua íntegra.

Ontem foi a festa de Joaquim Angola. Este negro fugiu de um senhor muito mau do Serro e foi esconder-se num quilombo perto da Lomba. Os negros lhe levavam comida de noite. Quando andaram por lá uns soldados caçando negros do mato, ele correu e caiu de joelhos nos pés de vovó, pedindo que o comprasse. Ela fez meu avô compra-lo e ele ficou na Lomba, casou e teve muitas filhas. Isto foi há muitos anos no dia de Senhora da Conceição e as filhas de Joaquim Angola costumam festejar este dia. Uma delas, Júlia, casou com Roldão e elas aproveitaram para fazer uma festa maior.

Elas convidaram muitos conhecidos e a festa foi na senzala antiga. Enfeitaram de bambus, bananeiras e folhagem o cômodo grande que era antigamente de escravas fiarem e fazerem renda. Fizeram um leitão enfeitado, empadas, galinhas, doces de toda qualidade. Vovó deu o vinho, eles compraram a cachaça. Houve mesa para nós cá dentro e para os negros lá fora.

Eu engoli o jantar depressa e fui para a senzala. Palavra que nunca vi festa tão divertida. Da África ainda há lá na chácara mais três que são Benfica, Quintiliano e Mainarte. Eles cantavam umas cantigas da terra deles, viravam e reviravam batendo palmas e iam dar uma umbigada numa nega. Os negros de cá invejaram os velhos que sabiam as cantigas da África e que dançavam com mais entusiasmo. Depois se assentaram na mesa como nós e fizeram saúdes. Todos eles têm suas calças e camisas brancas. Joaquim Angola estava de rebentar de contente.

Eu gosto de ver como os negros da Chácara são felizes. Mamãe diz que quando vovô morreu, cada filho (eram doze) ficou com os escravos de sua estimação e vovó trouxe os outros, que eram uns dez ou doze, quando se mudou para Diamantina. Como não havia que fazer para eles e vovó nunca vendeu nenhum, pôs os negros na horta e as escravas ficaram fazendo renda e trocando pernas pela casa. Eu ainda me lembro de quando chegou a notícia da Lei de Treze de Maio. Os negros todos largaram o seu serviço e se ajuntaram no terreiro, dançando e cantando que estavam livres e não queriam mais trabalhar. Vovó com raiva da gritaria, chegou à porta ameaçando com uma bengala dizendo: "Pisem já de minha casa pra fora, seus tratantes! A liberdade veio não foi pra vocês não, foi pra mim! Saiam já! Os negros calaram o bico e foram para a senzala. Daí a pouco veio Joaquim Angola em nome dos outros pedir perdão e dizer que todos queriam ficar.

Vovó deixou, e os que não morreram ou casaram estão até hoje na Chácara. Também com a vida que eles levam... (Morley, *id.*, p. 210-211).

Este relato de Helena Morley retoma aos tempos em que seus avós moravam na Itaipava e por lá mineravam. O Lomba foi o local no qual o avô de Helena e Ciro encontrou os diamantes que lhe trouxe riquezas. Helena revela traços da colônia e da escravização dos africanos, como a venda do escravizado e o desespero desse para fugir das condições subalternas e desumanas a que era submetido.

Helena revela também que na chácara de sua avó, no Largo do Rosário, havia a senzala. Lá as mulheres fiavam as rendas e enquanto os homens cuidavam da horta. O fato de sua avó achar que a liberdade foi para ela e não para os pretos é relatada mais de uma vez no diário de Helena. Segundo ela a avó arcava com

moradia, alimentação e suprimentos para a preparação de quitandas que iam ser vendidas na porta do teatro e na rua. A renda dessas quitandas ficava para as pretas investirem na casa própria, pelas que desejavam se casar, ou para concorrer a juíza da festa de Nossa Senhora do Rosário.

A dança, a alegria, o canto, culturalmente trazidos da África encantava a menina Helena. Era algo diferente dos costumes e das reuniões que ela vivenciava nos festejos de amigos e parentes brancos. A divisão do lugar onde brancos e pretos deveriam sentar, revela a superioridade do branco sobre o preto.

A crítica da mãe de Helena ao fato de acreditar que a mãe dava aos pretos da chácara uma vida de regalias, também foi mencionado algumas vezes no diário de Helena. Ciro Arno, Aristides Rabello e mesmo Helena, descreveram em seus textos que toda casa havia as pretas que cozinhavam, cuidavam da casa e das roupas, e o pretos que faziam o trabalho braçal. Durante a juventude desses escritores, o Treze de Maio de 1888 significou dar um teto aos pretos, em troca desses garantir a funcionalidade do lar. Os castigos, no entanto, continuavam.

A rua era um espaço de sociabilidades da população diamantinense, mas mesmo sendo um local público, os relatos dos divertimentos nos revelam uma separação espacial entre brancos e pretos, ricos e pobres, e até mesmo quem era protagonista e espectador da diversão.

4.2 Os Passeios e as Serenatas

_ Você não vai ao nosso pic-nic (SIC)? – perguntou [Paulo] ao irmão.
 _ Que Pic-nic? – rosnou o seminarista, com desprezo.
 _ Um que vamos fazer na Pedra Grande... Ontem, nós combinamos com a gente do tio Batista. Você está na lista e tem que entrar com os *bebes*..
 (Rabello, 1978, p. 20).

Um passeio comum às famílias diamantinenses mencionado pelos memorialistas desse estudo e descrito em algumas edições dos periódicos da época, era o piquenique na Pedra Grande, região afastada do centro da cidade. O piquenique ao que se trata o trecho acima estava sendo organizado pelos filhos de Américo em conjunto à esposa e filhos do “Tio Batista”. Havia toda uma organização com lista de convidados e o que cada um deveria doar. Os homens deveriam levar vinho ou cerveja. As mulheres tratariam da comida. O piquenique seria no domingo seguinte,

após a missa. Ao chegar o dia, no entanto, não houve como fazê-lo devido a chuva que não cessava em cair.

Organização semelhante para passar o dia no campo foi descrita por Ciro Arno em suas memórias e na obra *Os Jatobás*. No feriado de 15 de novembro de 1898 Gastão Jatobá promoveu um piquenique na Pedra Grande. “Foi um verdadeiro banquete campestre, com comidas e bebidas variadas”. A banda de música do 3º batalhão esteve presente tocando valsas e o hino nacional. Às quatro horas da tarde, “quando já estavam casandos de dançar”, iniciaram outras maneiras de diversão. Escolheram o jogo das adivinhas, recomendado por Gastão, que deu início ao divertimento (Arno, 1951, p. 174-176)

Toda família possui,
Ou rica ou necessitada;
Só presta serviço aberta,
Nada faz, quando fechada;
Adoram-nas as costureiras,
Nunca a deixando parada,
No masculino o seu nome
É fortuna apreciada.

No meio do silêncio geral, Zenólia rompeu em estridente gargalhada:
_ É fácil como água, Gastão, disse ela, afinal. _ Tesoura... Tesouro.
[...]
Pois então lá vai outra, disse ele.

A mulher dizem que morre,
Após cantar no verão
Uma triste melopeia,
Repassada de emoção;
Tem o marido, entretanto,
Muito menos duração:
Pois em minutos perece,
Inflamado, em combustão.

_ Respondam, se são capazes! Exclamou Gastão, ao terminar.
Ninguém atinava com a solução.
_ Não descobrem? Insistiu ele.
_ Essa é difícil! Atalhou Trajano.
_ Estão embatucados? Continuou o Jatobá. Pois então olhem, para mim!
Titou da carteira um cigarro, acendeu-o e começou a fumar, saltando baforada para o alto.
_ Não descobriram ainda?
Silêncio geral.
_ Pois vejam que conceito fácil, concluiu Gastão. Cigarra... Cigarro.

A presença da banda de música era comum em alguns festejos particulares da elite diamantinense. Fosse a banda do Batalhão ou a banda do Corinho, procurava-se contratar uma delas para animar os encontros. Os jogos de adivinhas aparecem

nos relatos de Arno em muitos dos eventos que relata em suas obras. Estes normalmente eram elaborados pela observação do cotidiano, como o caso da tesoura e do cigarro descritos anteriormente. Comum também eram as publicações dessas adivinhas nos periódicos diamantinenses após a virada do século.

O piquenique na Pedra Grande parece ser outro fato que Ciro Arno utilizou a mesma narrativa na obra *Os Jatobás* e em seu manuscrito *Os Enteados*. Mas, neste último, ele se vale de um outro momento, do ano de 1910: rapazes e moças haviam combinado de realizar um piquenique na Lapa do Cláudio no bairro Rio Grande, a banda do 3º Batalhão foi contratada e o encontro marcado para as 13 horas. O “enteado” Maurício tinha por volta de 25 anos, havia se casado, e tinha um filho, o Constantino, de “um ano e dois meses”. Arno (s/d, p.174) cita os nomes das pessoas ali presentes, entre elas: “Vicente Torres; Trajano Ribeiro; Nequinho Batista; João Edmundo, Leonidas e Cícero Brant; Antônio Mourão;”

Enquanto a banda tocava polcas, dobrados e valsa, os tabuleiros de comida iam chegando da cidade “carregados por pretos e pretas”, “rapazes e moças andavam de um grupo a outro, oferecendo-se pratos de guisados ou copos de bebidas” (*ibid.*, p.175). Após o jantar Trajano questionou o que fariam, as moças queriam uma brincadeira, então Ignácio Marcondes propôs as adivinhas, que conforme ele “é a diversão hoje em moda nos salões do Rio de Janeiro e de São Paulo”. E dá início ao jogo:

A vida humana sem ele
Seria quase impossível;
Mas de amigo benfazejo
Tornar-se às vezes terrível;
Trocando-se a inicial,
É diversão aprazível,
Que exagerada se torna
Em vício mau desprezível.

_ Adivinhem o que é! Exclamou, ao concluir o Ignacio Marcondes. _ Não é muito difícil.

Houve um silêncio prolongado..... Afinal João Felício gritou:

_ descobri! .. É fogo e jogo!

_ Acertou! Disse o Marcondes. Agora lá vai outra!

[..]

Apesar de repetir o evento nos seus dois textos e modificar os anos, as pessoas que participaram e as adivinhas, Arno, assim como Rabello, narram um tipo

de divertimento que os jornais diamantinenses publicavam. Uma das publicações ocorreu em 1910

Realizou-se no domingo passado, no aprazível bairro do Rio Grande, um magnífico pic-nic, no qual tomaram parte grande número das principais famílias diamantinenses.

Para completar o passeio reuniram-se todos em casa da exma. Sra. D. Josephina Gomes Ribeiro, onde dançaram até a madrugada do dia seguinte (A Idea Nova, Diamantina, 04 set. 1910. n. 230. p. 2).

O periódico que relatou a realização do piquenique pelas “principais famílias diamantinenses” foi o *A Idea Nova*, o mesmo que Arno publicava regularmente quando de seu retorno a Diamantina após sua formação em direito. Outra referência apresentada por Arno no relato sobre o evento, é a cidade do Rio de Janeiro, que conforme Soares e Cunha Júnior (2010) na virada do século XIX para o XX, a ideia de civilização era se aproximar dos moldes desta cidade.

Mas nem todo piquenique realizado pelos campos de Diamantina era feito com toda essa organização e contratação de banda. Às vezes, um feriado no meio da semana já seria motivo suficiente para ir aos campos e, como não havia presa em voltar para casa, levasse lanche, como narrado por Morley (1998, p. 49): “O que anima a gente a passear no campo com tio Conrado e tia Aurélia é a quantidade de coisas boas que ela leva: bolo, pastéis, craquinéis, tudo que ela faz para vender”. Seus primos aproveitaram o passeio também para pescar, outro divertimento por vezes mencionado pelos memorialistas. Os irmãos de Helena também se valiam dele para vender o que conseguiam pescar e arranjar algum dinheiro.

Outro momento em que a ida ao campo exigia a preparação de comida era nos dias da lavagem de roupas. As famílias em melhores condições pagavam uma “lavadeira” para essa função, que era feita nos rios da cidade. Mas pelas condições da família de Morley, era elas mesmas quem cuidavam dessa tarefa. Assim, iam todos, Helena, sua mãe, seus irmãos e a criada da casa. Enquanto as meninas lavavam a roupa, sua mãe preparava o “tutu de feijão com torresmo e arroz” com a lenha que Renato havia colhido no campo. Enquanto isso Nhonhô apreendia passarinhos. Renato aproveitava para pescar e as meninas para tomar banho de rio (*ibi.*, p. 19).

Era costume também a ida aos campos, da Venda Nova, Bicas, Pedra Grande, Palha ou do Rio Grande, os jovens estudantes do seminário acompanhados dos padres regentes, aos domingos, quintas-feiras e feriados.

A prática dos passeios não se limitava ao tempo diurno. Durante a noite, as ruas da cidade de Diamantina eram movimentadas pelas

serenatas noturnas, ao maravilho luar de Diamantina, os castelos, como se chamavam.

Naquela cidade, dizia-se então "bater um castelo", em vez de "fazer uma serenata". Seria esta expressão uma reminiscência dos tempos medievais (levados ao Tijuco pelos antigos portugueses), quando os trovadores iam bater aos castelos de suas Dulcinéias e entoar canções amorosas?

Diamantina possuía antigamente esplêndidos cantores de modinhas e exímios artistas no violão.

Uma serenata ao luar naquela cidade era um espetáculo tão belo e atraente, que, quando o saudoso Afonso Arinos ali foi estudar o local em que ia fazer desenrolar-se o seu apreciado drama sobre o Contratador Felisberto Caldeira Brant, o primeiro pedido que fez aos rapazes diamantinosenses foi a organização de um castelo.

O diamantinense tem inclinação pela cultura literária e vocação e gosto especial para o canto e arte musical (Arno, 1949, p. 81).

Arno descreve esse divertimento dos diamantinosenses de modo apaixonado e na intenção de valorizar um costume antigo na cidade, ao mesmo tempo em que se pergunta se é uma herança dos portugueses que ali se instalaram no tempo da colônia. Menciona também a ida de Afonso Arinos, que foi realizar estudos sobre o contratador do qual é descendente.

Em outra obra, Arno descreve o Gastão adulto como um rapaz da boemia e das noites em "serenatas pelas ruas com Odilon Queiroga, Zeca Mota, Lulú Vidinha, Nicanor Diniz e outros rapazes" (Arno, 1951, p.143). Outro personagem que gostava das serenatas era o Lúcio Pitanga. Em uma noite que este estava deitado a lembrar-se de sua mãe e da vida que tinham no Serro,

chegou-lhe depois nos ouvidos a modinha de uma serenata, com violões, entoada um pouco distante, talvez no largo do Curral [...]

Penso em ti, nestas horas de tristeza,

Quando o sol ao acaso se conduz

E que o mocho solitário adeja e poussa

Nos braços carcomidos de uma cruz.

Lúcio sentiu violentas palpitações. Aquela era sua modinha predileta, por ser a preferida e mais cantada pela Carmita... o cantor da serenata continuava:

Penso em ti, quando vejo no céu negro

Os raios duma estrela cintilar,

E que a lua alta noite frouxos raios

Derrama merencória sobre o mar.

Lúcio não pode conter-se. Vestiu-se às pressas, apagou a luz, abriu sorratamente a janela e saltou para a rua, correndo de encontro dos rapazes que batiam castelo (Arno, s/d, p. 99)

Não era apenas por gostar tanto da serenata, que não pensou duas vezes e foi encontrar os seresteiros sem que acordasse os demais da casa, Lúcio Pitanga estava apaixonado por Carmem Guimarães, que estudava na Escola Normal. Em uma noite resolveu declarar-se, chamando seus amigos para uma serenata em porta da casa da moça, na rua do Amparo, onde “cantaram diversas modinhas apaixonadas”. Mas o pai da moça não gostou e tratou de dispersar logo todos eles.

Rabello também registrou em seu romance a realização de uma serenata dedicada a jovem Amália. Após o rompimento do noivado entre Amália e Arnaldo, Olívio, um rapaz diamantinense que era apaixonado pela moça, teve a oportunidade de conquistar a moça. Silvinha, que realizava serenatas pela cidade, o contou do rompimento e o chamou para retomar as serenatas para a jovem Amália.

À meia-noite, perturbou-se este primeiro sono: no meio torpor, ouviu uma linda música de violões e flautas, tão doce, como se as ouvisse num sonho.... Quando foi, lentamente, tomando posse de si mesma, nesta fantástica, indefinível sensação que as músicas das serenatas infiltram na alma de quem está no leito, entre o sono e o despertar, Amália compreendeu, enternecida, que vinham da rua, à porta de sua casa, aquelas harmonias embaladoras, celestialmente balsâmicas. E quando o último acorde da peça sentimental morria, ela já prestava toda a atenção à música: e assim ouviu que se puseram a afinar novamente os violões, no sinal de alguém ia cantar.

E a voz de Olívio, já muito sua conhecida, pôs-se a entoar em seu timbre apaixonado, num compasso lento e elegíaco:

Tudo no mundo é passageiro,

Tarde ou ligeiro, tudo tem fim!

[...]

Não mais suspiro, nem triste choro,

E nem deploro, que tudo é assim! (Rabello, 1978, p. 202)

A jovem Amália ouvia a canção ainda deitada, e acabou por voltar a dormir e sonhar com sua amiga do colégio Nossa Senhora das Dores, que estava doente, com tuberculose, e sem perspectiva de sobreviver. Amália estava triste por ter desfeito seu noivado e por isso não deu tanta importância a declaração que recebia por meio da serenata.

Podemos concluir com esses relatos dos memorialistas que, as ruas e campos da cidade de Diamantina eram tomadas, principalmente, pela musicalidade. Nos piqueniques organizados previamente a banda de música era quase que obrigatória, e as serestas garantiam as boêmios um passeio alegre pelas ruas da cidade.

4.3 Os Espetáculos

Chamava-se cartaz em Diamantina o anúncio do espetáculo que se devia realizar à noite (teatro ou circo de cavalinhos), feito pela banda de música, que ao meio dia saía tocando em várias ruas e praças da cidade. Havia então em Diamantina duas bandas de música rivais: o "Corão" e o "Corinho", esta última dirigida pelo saudoso maestro Antônio Efigênio de Souza, vulgo "Paraguai", falecido posteriormente em 1905 ou 1906 (Arno, 1951, p 8).

Os circos na segunda metade XIX se apresentavam em muitas cidades pelo interior do Brasil. Conforme Duarte (1993), por mais que a nomenclatura deles se diversificasse em *Circo Equestre*, *Companhia Gymnastica*, *Circo de Cavalinhos*, ou ainda outra referência a algum número que era executado por seus artistas, nesse período a grande maioria dos circos se configurava pelos espetáculos hípicos. Estudos como o de Bibbó (2017), referentes a Ouro Preto e Nogueira Júnior (2017) direcionado ao sul mineiro, revelam uma concentração de espetáculos de circos ao final do século XIX, sendo estes importantes agentes de disseminação de novidades da capital e do exterior para o interior do Brasil.

E pesquisas como as de Xavier (2019) sobre Oliveira em Minas Gerais e Nunes (2021) sobre Feira de Santana, demonstram que a variedade dos circos era importante ferramenta comercial para o circo. Ambos apontam que a chegada do circo movimentava também a cidade, pela curiosidade, pela montagem que demandava dias, e pelo aspecto desinteressado que esse tipo de espetáculo tinha com relação as normas e aspectos "civilizatórios".

Arno menciona que o circo era o divertimento que mais o encantava quando criança. Tudo para ele era extraordinário

O circo de cavalinhos é uma das mais saudosas recordações de minha infância. Ir ao espetáculo era para mim uma felicidade inaudita; eu julgava as pessoas mais felizes do mundo os pretos, empregados subalternos das companhias equestres, porque assistiam a todas as funções.

Quando a banda musical do Corinho começava a tocar, depois do meio dia, pelas esquinas das ruas anunciando o espetáculo da noite (o "cartaz", como se dizia), eu ficava completamente desorientado.

Achava deslumbrante o passeio a cavalo do palhaço pelas ruas, anunciando a função noturna, acompanhado de uma turma de meninos, a responderem a suas perguntas e piadas:

- _ Hoje tem espetáculo?
- _ Tem, sim senhô!
- _ Oito horas da noite?
- _ É sim sinhô!
- _ Olha a negra na janela!
- _ Com a carinha de panela!

_ Olha a negra no portão!
 _ Com carinho de sabão!
 _ A canjica queimou!
 _ Duma banda só!
 _ O tatu sobe pau!
 _ é mentira d'ocê!
 Como eu invejava os garotos que acompanhavam o palhaço! (Arno, 1949, p.17)

Arno se admirava tanto com o circo que fez questão de mencionar as duas vezes que ele mais se admirou com o espetáculo

Das companhias de cavalinhos, a cujos espetáculos assisti, quando criança, duas me deixaram impressões mais vivazes: uma delas (a Companhia Furneaux, salvo engano), onde havia dança do gigante, cuja música especial até hoje me está gravada na memória, a outra, uma companhia que esteve em Diamantina, em 1887 ou 1888, onde se exibia "o homem-bala" (*ibid.*, p.18).

Nestas duas menções ao circo feitas por Arno, é apresentado uma variedade de funções que o circo exibia. Os cavalos, o homem bomba, a presença da música, do palhaço, a dança, as pessoas fora do que se esperava "normal", o envolvimento da comunidade e as brincadeiras.

Não era apenas o circo que comercializava o diferente para a comunidade. Arno revela que algumas "novidades" ou situações que fugiam ao natural da cidade. A notícia se espalhava e as pessoas pagavam para ver o "diferente". Foi assim com a chegada de um anão na cidade. "_Papai, Isabel disse que chegou na cidade um anãozinho engraçado, uma belezinha! Parece um menininho!" O pai, Pedro Jatobá, concordou com a filha, que havia sim o anão e que este se encontrava na casa do Cícero Diniz. Combinando de mandar leva-la para vê-lo, completou: "De dia ele fica nos fundos no negócio do Cícero. Paga-se duzentos réis por pessoa, para entrar" (*Id.*, 1951, p. 67).

Às vezes os circos utilizavam do Teatro de Santa Isabel para realização de seus espetáculos. Quando havia cavalos ou o teatro já estava alugado à alguma outra companhia, este era montado na Cavalhada,

Nos circos de então não se colocavam cadeiras; só havia arquibancadas de tábuas. As famílias que pretendiam ir ao espetáculo compravam de dia as entradas (boletos, como se chamava), e mandavam previamente preparar nessas arquibancadas divisões, com colchas brancas ou de cores (os camarotes), o que dava ao circo um aspecto muito pitoresco e interessante (*id.*, 1949, p. 18-19).

Mesmo se tratando de um divertimento mais lúdico, sem a pretensão da educação para o útil e/ou civilizado como era associado os teatros ao final do século XIX, a distinção social ainda aparecia nesse espaço, mesmo que ainda de modo bem improvisado. A distinção também aparece quando Arno menciona quem eram os contratados a trabalhar nesse ambiente, os pretos, do qual ele tinha inveja, não pelo serviço, mas porque trabalhando eles, eles não perdiam nenhum espetáculo.

O encantamento pelo circo era tanto, que novamente Arno relata que sempre que o circo ia embora, tinha-se a notícia que ficava em Diamantina uma mãe dessolada, pois, com o circo, seu filho havia ido embora.

Outro espetáculo realizado em palcos improvisados que muito alegravam os diamantinenses eram os de bonecos.

Que noite boa! Nunca vi coisa mais engraçada que a dança daqueles bonecos. Parecem gente. Então os dois, Briguela e Maricota, são impagáveis. A gente fica até duvidando que sejam bonecos. Seu Benfica nos levou, no meio do espetáculo um pacotão de luminárias e canudos, que fomos comendo enquanto assistíamos aos fantoches (Morley, 1998, p. 28)

Também nesse período (1894 ou 1895), um cidadão mexicano montou, num pequeno Circo, à Cavalhada Nova, um teatrinho de bonecos, os Fantoches, cujo personagem mais querido da meninada era o endiabrado boneco Briguela, que fazia coisas do arco da velha, espancando e vencendo os outros (Arno, 1949, p 73).

Os primos Morley e Arno fazem menção ao espetáculo realizado no mesmo ano. O Briguela, no entanto, esteve em Diamantina mais de uma vez, tendo boa receptividade em todas elas, conforme os jornais locais publicaram à época. As brincadeiras dos bonecos foram imitadas pelos primos de Helena Morley

No teatrinho de Lucas ele pôs um lençol no escuro e pregou uma porção de bonecos. Vinha depois com uma vela e fazia os bonecos dançarem. Depois Nico virou cambalhotas no palco. No fim ele chamou Emídio e perguntou se queríamos ver um negro virar branco, e virou farinha de trigo na cara de Emídio. Depois ele ainda fez uma coisa que aprendeu com o palhaço, quebrou um ovo na cabeça de Emídio (Morley, 1998, p.62).

O periódico local *O Municipio* relatou as apresentações do boneco *Briguela* em Diamantina no ano de 1895. O texto publicado indica que o gosto do diamantinense por esse tipo de espetáculo de fato era satisfatório, visto que muitas pessoas se deslocaram para o teatro improvisado na Cavalhada para a apresentação.

Contra a expectativa pública, estranha em sua maioria ao modo de ser da companhia, os bonecos do sr. Henrique têm obrado maravilhas no proscênio, chamando à plateia uma concorrência numerosa de espectadores. E tal tem sido essa concorrência que por duas vezes, a polícia suspendeu a entrada, com a intenção louvável de evitar o que se passa lá dentro, onde apesar da proibição, o auditório se confunde numa massa negra, cerrada e compacta, ficando os espectadores uns sobre os outros, colados as paredes, à bancada da música, as costas dos vizinhos, inclinando-se, movendo-se, desenvolvendo tal calor, que em plena estação fria, fica-se ali como se estivesse num forno, com as honras de biscoito (O Município. Diamantina. 22 jun. 1895. n. 33. p. 2).

O relato demonstra também que as camadas menos favorecidas da população frequentava esse espaço de divertimento, o que incomodava a força policial e as elites locais. Vinte anos depois a mesma companhia retorna a Diamantina. A participação nas apresentações continuou sendo numerosa, mas o tom de descrição nos periódicos locais havia mudado.

A companhia de Fantoques tem fornecido ao público boas noitadas, fazendo o impagável *Briguela* delicias da meninada que não cessa de aplaudir as suas diabruras.

O sr. Fornero, sempre cavalheiro, tem oferecido alguns benefícios: o da sociedade de N. S. do Perpetuo Socorro e o do Batalhão Patriota Olavo Bilac, realizaram-se a semana atrasada. (A Estrella Polar. Diamantina. 14 nov. 1915. n. 52. p. 2).

No teatro Santa Isabel realizava-se os bailes de máscaras durante o carnaval, recebiam mágicos, companhias teatrais do país e do exterior, e também companhias locais. De acordo com os estudos de Conceição (2022) o teatro Santa Isabel possuía palco com alçapão para a realização de mágicas, havia porão, corredores, camarins amplos e apetrechos para as cenas.

Em uma ida da família Pitanga ao teatro, no entanto, é revelado um outro espaço do teatro do qual não encontrei referências nas publicações dos jornais que dele tratava, que era o bar do teatro. No dia relatado,

la ser levada à cena a comédia de Martins Pena " Os Irmãos das Lamas", representada por uma companhia de amadores, constituída por pessoas de destaque, cujos principais atores eram: Cosme Alves do Couto, português, proprietário de uma ourivesaria local; José da Cunha Valle Laport, secretário da Escola Normal e professor de desenho e de caligrafia; Assis Moreira da Silva, negociante e joalheiro, e outro cavalheiros e senhoras de família.

Na parte superior do teatro, o poleiro ou torrinhãs, alguns rapazes trocistas e endiabrados debicavam diversas pessoas que entravam (Arno, s/d, p. 72)

Lúcio saiu do camarote onde estavam e seguiu pelo corredor, “continuou a andar, parando, afinal, no botequim do teatro. Ali diversos sujeitos, recostados a mesas palestravam, bebendo vinho ou cerveja. Alguns deles estavam meio embriagados” (*Ibid.*, p. 75).

Estas apresentações mobilizavam os jovens da cidade a tentarem interpretar também, e/ou se ariscarem em algumas manobras. O que acontecia na rua acabava sendo projetado dentro de casa.

Tia Aurélia ontem mandou convidar a família para ir lá jantar. Fomos. Era aniversário dela e as filhas quiseram festejar com um teatro. Fizeram um palco de verdade e elas e os irmãos representaram como se fossem atores. Representaram muito bem e com muita graça (Morley, 1998, p. 61).

Amália sentia saudades de passar o dia no quintal com seus irmãos, “fazendo casinhas de barro, imitando os palhações e artistas do circo de *cavalinhos*, saltando pelos galhos das arvores, apanhando passarinhos e montando em carneiros” (Rabello, 1978, p. 22).

Em dia de passeio aos arredores de Diamantina, Gastão Jatobá e alguns amigos foram colher jabuticabas, ao chegarem lá, haviam lá alguns meninos. Um deles, o Salatiel acabou caindo de cima da jabuticabeira. Quando os demais perguntaram se este havia se machucado, o mesmo disse que não, pois havia aprendido a cair com os artistas do circo de cavalinhos.

_Os artistas de circo não sabem cair tão bem como você diz, comentou Manoel Petelica. _ Não se lembra, há alguns anos, quando, no circo da Cavahada Nova, caíram do alto do trapézio dois artistas, Deolindo e um outro? Ficaram muito feridos, só escapando o Deolindo, depois de ficar na Caridade muitas semanas (Arno, 1951, p. 126).

A fala do garoto sobre o artista que caiu durante a apresentação remete a acontecimentos que ocorriam nos circos. Um desses fatos foi narrado pelo jornal local em 1896

Tem trabalhado no teatro desta cidade a companhia equestre de que é diretor o Sr. Arthur de Figueiredo. No espetáculo da noite do 6 uma artista que trabalhava em trapézio alto, ao executar um salto, levou uma queda de altura de 6 metros, felizmente sem consequências funestas. Chegou também a esta cidade uma outra companhia equestre da direção do Sr. Antônio Vieira da Silva, de que hoje iniciará os seus trabalhos na Cavahada Nova (O Município. Diamantina. Ano 1. 09 abr. 1896. n. 70, p. 2).

Arno pode vivenciar os circos equestres em outras cidades pelas quais passou. Em uma delas, Barbacena, Minas Gerais, onde havia ido fazer alguns exames escolares, viram passar na rua da cidade o anúncio do espetáculo que ocorreria a noite, e comentou a diferença que notou do que ocorria em sua cidade natal

Em Barbacena estava funcionando nessa ocasião um Circo de Cavalinhos. O palhaço anunciava o espetáculo noturno, percorrendo de dia a cidade, em pernas de pau, dizendo graçolas aos transeuntes. Eu e Sales Mourão, vendo este original reclame, comentamos a diferença dos circos de Diamantina, onde o espetáculo era anunciado pelo “cartaz” (músicas nas ruas) e pelo palhaço, andando pela cidade, montado num burro (Arno, 1949, p.118).

Em Ouro Preto os estudantes se divertiam com os espetáculos de cavalinho, e cada grupo escolhia uma moça da plateia para aplaudir e ovacionar, o que gerava briga e conflitos na maioria das vezes.

Os espetáculos eram outro modo com o qual as famílias diamantinenses gostavam de se divertir. Não importava muito para a comunidade se o local de apresentação era refinado ou improvisado, a falta de normas de comportamentos nesses espaços é o que contribuía para a diversão. Mesmo que isso não agradasse à elite letrada de Diamantina, que censura os espaços improvisados e reclamavam da estrutura do Teatro Santa Isabel em seus periódicos.

Ademais, os espetáculos de circo ou teatro encantavam os jovens de tal forma que eles levavam esta ideia para dentro de casa, em reuniões comuns até à festejos mais elaborados e requintados.

CONSIDERAÇÕES DA PESQUISA

A garotada diamantinense salientava-se então pela inteligência, vivacidade e estroinices, às vezes brutais e perigosas. Suas diversões prediletas eram: tomar banho no Glória e no Prata; atacar bombões e soltar foguetes nas procissões; fabricar pequenas armas de fogo com canudos de ferro; tocar sinos nas igrejas; perseguir impiedosamente os loucos que vagavam pelas ruas; montar em carneiros e cabritos; saltar os muros dos quintais, para roubar frutas (Arno, 1949, p.13).

Esse é o resumo apresentado por Ciro Arno para descrever os divertimentos prediletos da garotada diamantinense de sua época na cidade. Porém, esta pesquisa pode encontrar outras práticas de diversão relatadas por ele e pelos demais memorialistas Helena Morley e Aristides Rabello.

As considerações dessa pesquisa não são finais visto que não abrangem, e não há esta pretensão, todas as formas de divertimento e de fontes possíveis para o tema proposto. Também houve um viés de interpretação, sobretudo na leitura de textos de apoio para o desenvolvimento da mesma. Assim, as conclusões aqui delineadas dizem respeito a esta pesquisa, aos divertimentos que a partir dela foi possível estabelecer relações e comparações.

Nascidos na década de 1880, os três memorialistas viveram as ruas, os campos e a cidade de Diamantina. Ora estiveram em ambientes comuns, ora em espaços específicos da individualidade de cada família.

Helena projeta boa parte da sua juventude à chácara da avó no Largo do Rosário. Lá ela se reunia com os primos no jardim ou no quintal para brincar, apanhar frutas. Na sala as reuniões familiares eram fartas em comidas e no vinho do Porto. Os jogos de cartas era o preferido dos tios e tias da menina.

A casa dos tios também era outro espaço do qual Helena gostava de ir. Em alguns deles, os jogos de trinta e um ou víspera eram quase que obrigatórios. Os tios faziam questão de passear com os filhos e sobrinhos pelos campos da cidade, e sempre levavam Helena consigo. Ela gostava não só por poder correr livremente no campo, mas pelos quitutes que suas tias preparavam e ela gostava muito.

Ela se divertia junto aos primos e também aos pretos que viviam com sua avó. Elogia muito a alegria da cultura deles e o trabalho das pretas na cozinha. Mas criticava o afeto de sua avó a elas e ficava incomodada com isso. Tinha o sentimento de superioridade a eles, e demonstrou o lugar deles na sociedade diamantinense era

ainda, bem demarcado na sociedade nos anos iniciais da Primeira República, e ela mesma era conivente com isso.

Arno revela uma Diamantina embalada pelas festas religiosas nas ruas e dentro das casas. Demonstra que independente do espaço e dos recursos havia a colaboração para que o festejo ocorresse com organização e ornamentação.

As casas de família ditavam os banquetes com porco, galinha, arroz, feijão, angu, cervejas e vinhos. Vinhos locais ou importados. Banquetes animados por banda de músicas, brincadeiras de adivinhas, motes e declamações.

As ruas animavam pelos músicos não apenas nas procissões de Santo, mas pela paixão de algum rapaz que ia se declarar na porta de sua amada a luz da lua e ao toque dos instrumentos. As serestas atraíam o comparecimento dos jovens.

Durante o dia ou a noite, os botequins com tira gosto e cachaça recebiam homens e jovens para o degustar e boa proza. Os jogos de visporas jogados a valer era apreciado pelas famílias que organizavam banquetes prevendo a longa duração desse divertimento.

Rabello percorreu por diversões parecidas às de Ciro Arno. Destacou a vida noturna, os bilhares, o truco e o pôquer. Falou dos banquetes, da música, da pesca, dos campos. Revelou maiores conflitos entre as normas paroquiais e gosto pelo namoro, pela bebida e pelos jogos.

Destacou a valorização da capital e do capital estrangeiro. Demonstrou, assim como Helena Morley que o ritmo da cidade era lento, calmo, sem muita adversidade. Ao mesmo tempo em que revelou ser o ritmo da cidade ditado pelos sinos das igrejas e pelo quartel.

Os três revelaram que a mocidade se divertia com o que possuía em mãos e deixava a criatividade criar novos brinquedos e brincadeiras. Os livros inspiravam modos de divertir e sonhos para o futuro. A escola podia dar lições, mas oferecia amizades e espaços para a diversão entre colegas e o vínculo com outras famílias.

Os memorialistas aqui estudados, demonstraram uma Diamantina permeada dos valores políticos e da participação das famílias na política local e nacional. Mas também reuniões que a conversa animava-se com a presença das bandas de música e do jantar farto e da bebedeira.

Os homens eram privilegiados para os divertimentos noturnos, a bebida e os botequins. Mas as mulheres garantiam que muitos eventos fossem realizados e/ou que esses rapazes tivessem os devidos recursos financeiros para desfrutar desses

divertimentos. Seus divertimentos, no entanto, eram mais limitados e com posturas previamente definidas.

As pretas, mesmo que ainda subordinadas ao trabalho na cozinha, aproveitavam-se dele para garantir seu dinheiro, e participavam, mesmo que de modo secundário, dos bailes no teatro, das apresentações teatrais, das rodas de conversa após as missas, e dos banquetes nas casas das famílias.

Os pretos podiam vivenciar os circos e as companhias de teatro, pois neles trabalhavam, mas não deixavam de ver o que a plateia pagava para assistir. Eles e elas ganhavam o prestígio e se orgulhavam por desfilar e organizarem as riquíssimas festas do Rosário e das Mercês.

As proibições impostas pelo catolicismo à população geravam conflitos internos de saber como agir, como namorar, quais perspectivas almejar. O colégio do seminário exigia dos alunos muita disciplina e pudor, e momentos longos de silêncio e preces. Quando era permitido brincar e festejar, os alunos não poupavam tempo nem esforços para darem o melhor.

O divertimento doméstico refletia nos divertimentos públicos. E os divertimentos públicos inspiravam em incrementar os domésticos. A casa e a rua, a rua e casa se confundiram nos divertimentos relatados por Arno, Morley e Rabello. Assim, as bebidas tomadas nos banquetes, poderiam tornar o vício da bebida e dos botecos. A ida nos teatros e nos circos poderiam estimular as crianças a tentar fazer o mesmo, e buscar o agrado de seus familiares.

Fossem jovens ou adultos, casados ou solteiros, viúvos ou sem lar próprio, abastados ou não, o divertimento era uma prática que fazia parte do diamantinense. Poderia ter requinte, ou uma simples reunião, tudo era festa, tudo era diversão.

Enquanto os jornais locais estavam preocupados em ditar os divertimentos das elites locais, os memorialistas daquela época revelaram momentos de divertimento que não dependia do que se achava moderno ou não. Por vezes, Rabello e Helena, principalmente, criticavam o velho e os costumes das massas, mas mesmo assim não deixaram de contar como era. O que tornou possível esse trabalho de ser realizado e de encontrar nessas fontes modos autênticos de diversão.

Por fim, este trabalho concluiu que a difusão dos ideários de projeção de Diamantina para uma cidade moderna, civilizada e centro regional do norte mineiro, influenciou em alguns relatos dos memorialistas nascidos na década de 1880 em Diamantina. Porém, não foi suficiente para que estes dispusessem desses discursos

ao invés de dos acontecimentos que lhes pareceram marcar suas infâncias e juventudes.

O comum entre esses jovens se mostrou ser os espaços de convívio, na família, inclusive no parentesco. Porém, quando se trata dos divertimentos noturnos e/ou das ruas da cidade, a mulher, Helena, não vivenciou a boemia das ruas como Ciro e Aristides. Podendo concluir a partir dessa pesquisa que os divertimentos diamantinenses nem sempre eram pra todos, o gênero sexual importava, e no caso do feminino, o limitava.

Espero com esta pesquisa ter contribuído com os estudos históricos do lazer pelo interior do Brasil e suscitado a pesquisadores a investigar o lazer das mulheres, dos pretas e pretas, que ainda se demonstra superficial e não fundamentado.

Aproveito para expor aqui uma vivência proporcionada pesquisa em campo da qual não pude deixar de registrar e refletir, e da qual espero que esta pesquisa ajuda a trabalhar. A Biblioteca Antônio Torres está localizada no centro histórico de Diamantina, região que era tida com espaço chic no período aqui estudado. Em minhas visitas pude observar que há queixas da população local, que já existiam quando me graduei em turismo (2008-2011).

Queixas que dizem respeito a utilização do espaço central da cidade pelos moradores locais. Os moradores mais periféricos da cidade têm um sentimento de exclusão do centro histórico, proporcionado por contextos históricos, mas principalmente por contextos políticos. Os espaços são culturais e precisam ser ocupados/vivenciados por diamantinenses do presente. O passado existe enquanto monumento, enquanto registro e costumes, mas o cotidiano dele também faz parte.

Ao buscar embasamento teórico para a utilização de literatura como fonte da escrita histórica, me deparei com antigos questionamentos a respeito da utilização da História pela atividade turística. O uso de espaços “históricos” pela conjuntura exclusivamente do passado, excluído, por vezes ou na maioria delas, os movimentos do presente, o cotidiano de quem ali reside, de quem ali transita ou deveria transitar. Da falta de pertencimento com o qual as comunidades se vêm em espaços intitulados turísticos.

Me encontrei com as reflexões de José Newton de Coelho Meneses, na obra de 2007, intitulada “História & Turismo Cultural”, cujas reflexões se mantêm atuais. Será que esse estudo e outros como esse, se se trabalhados na comunidade

local, tornando esses relatos acessíveis, na intenção de demonstrar que os espaços narrados pelos jovens memorialistas são genuinamente dos diamantinenses, poderia contribuir com um maior sentimento de pertencimento desse espaço?

REFERÊNCIAS

_ Jornais

A Estrella Polar. 1903-1916 / 1922

A Idea Nova. 1905-1912

Cidade Diamantina. 1893-1903

O Jequitinhonha. 1868-1906

O Municipio. 1893-1903

O Norte. 1906-1909

Pão de Santo Antonio. 1906-1913 / 1915-1922

Sete de Setembro. 1886-1889

_ Memorialistas

ARNO, Ciro. **Memórias dum Estudante.** 2ª. ed. Belo Horizonte: Olympica, 1949.

ARNO, Ciro. **Os Jatobás:** cenas do norte-mineiro. Rio de Janeiro, 1951.

ARNO, Ciro. **Os enteados:** cenas do norte-mineiro (manuscrito, s/d).

MORLEY, Helena. **Minha Vida de Menina.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RABELLO, Aristides. **O Hóspede.** Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, 1978.

_ Referências

ACADEMIA DE POLÍCIA DE MINAS GERAIS. Uma das maiores epopeias da história do Brasil. **O Alferes.** V.9, n. 29, abr.-jun. 1991

ADICHE, C. N. **O Perigo de uma história única.** Tradução Julia Romeu. 1 ed, São Paulo: Companhia das Letras. 2019.

ALCÂNTARA, C. P. **“Princesa do Norte”:** contradições da modernidade em **Diamantina (1889-1930).** 2015. 170f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. 2015.

ARAÚJO, Patrícia. **Folganças populares:** festejos de entrudo e carnaval em Minas Gerais no século XIX. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH/UFMG; FAPEMIG; FCC, 2008.

ARAÚJO, P. V.L. Outros tempos, outros carnavais: brincadeiras de entrudo no Brasil (século XIX). **Revista Territórios e Fronteiras**. V. 13, n. 1, 2020.

ARIÉS, P. (1981). **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC.

ASSIS, A. A.. **Milagre em Diamantina**. Belo Horizonte, Editora Littera Maciel, 1974.

BIBBÓ, C. B. **Divertimentos em Ouro Preto no final do século XIX**. [manuscrito] 2017. 140f., enc.: il. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, 2017.

BORGES, V. R. História e Literatura: Algumas Considerações. In: **Revista de Teoria da História**, v. 1, nº 3, jun/2010.

CONCEIÇÃO, W. **Desafinado: das cinzas da Acayaca à bossa-nova**. Belo Horizonte, Mazza Edições, 2022. 636p.

COTTA, Francis Albet. **Breve História da Polícia Militar de Minas Gerais**. 2ª ed, Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2014.

COUTO, Sóter Ramos. **Vultos e Fatos de Diamantina**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1954. 394p.

CPDOC/FGV. Mário Brant. s/d. Disponível em: <<https://jk.cpdoc.fgv.br/biografia/mario-brant>>. Acesso em: 07 ago. 2022.

DUARTE, R. H. **Noites Circenses: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no Século XIX**. Campinas, SP, Editora da UNICAMP, 1995.

FERNANDES, A. C.; CONCEIÇÃO, W. **La Mezza Notte: o lugar do músico Diamantinense e as origens da Vesperata**. 2ª. ed. Diamantina: UFVJM, 2005.

FURTADO, D.; TABAK, F. M. MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO FEMININA NO DIÁRIO DE HELENA MORLEY. **InterteXto**, Uberaba, v. 10, n. 2, 2017. DOI: 10.18554/ri.v10i2.2781. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/intertexto/article/view/2781>. Acesso em: 22 ago. 2022.

GAFFO, B. C. A nova história cultural e a utilização da literatura para a pesquisa historiográfica. Anais **VI Congresso Internacional de História**. 2013. Disponível em: < http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/444_trabalho.pdf > Acesso em: 10 set. 2022.

Genea Minas. Disponível em: <<https://www.gneaminas.com.br/>>. Acesso em: 10 ago. 2022.

MARTINI, C. O. P. **Festas, bailes, partidas e contradanças: as danças de sala do Bello Horizonte de 1897 a 1936**. [manuscrito] / Cristiane Oliveira Pisani Martini – 2010. Dissertação (Mestrado). – Universidade Federal de Minas Gerais – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, 2010.

MARTINS, M. L. Comércio, indústria e projeção regional da Diamantina oitocentista: as fragilidades do “grande empório do Norte”. **Anais XI Congresso Brasileiro de História Econômica**. UFES, Vitória, 2015.

_____. **Breviário de Diamantina**: uma história do garimpo de diamantes nas Minas Gerais (século XIX). Belo Horizonte: Fino Traço, 2014.

_____. A Crise dos Negócios do Diamante e as Respostas dos Homens de Fortuna no Alto Jequitinhonha, Décadas de 1870-1890. **Est. Econ.**, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 611-638, jul.-set., 2008.

MENESES, J. N. C. **Historia & Turismo Cultural**. Autêntica, 2007.

MOLLIER, J.Y. História Cultural e História Literária. In: **Revista Sociedade e Estado** – V. 31, nº 3. Set/dez 2016.

MOURÃO, P. K. C. **O Seminário de Diamantina: 1867 a 1930**. Belo Horizonte, Tipografia Marília Editora, 1971.

MOTA, A. G. R. **Divirta-se quem puder: História e lazer em Belo Horizonte através da revista Semana Ilustrada, 1927-1928**. 2018. (Dissertação de mestrado) Mestrado em Estudos Do Lazer, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, 2018.

NOGUEIRA JUNIOR, J. M. **UMA HISTÓRIA DOS DIVERTIMENTOS DO SUL MINEIRO**: Itajubá, Pouso Alegre e Campanha entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX (1891-1930). [MANUSCRITO] 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, 2017.

NUNES, F. S. **Pelos Vapores e Trens, do Hipódromo ao Stadium**: Esporte e Lazer em Feira de Santana – BA (1857-1922). [Manuscrito], 2022. (Tese) – Doutorado. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, 2022.

OLIVEIRA, R. C. S. D. **As Diversões em Diamantina**: uma história registrada pela imprensa (1888-1915) (Dissertação). Mestrado em Estudos Do Lazer, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. **Revista História da Educação**, Número 14, 2003. Disponível em: <<http://seer.ufg.br/asphe/article/view/30220>>. Acesso em: 16 jul. 2022.

_____. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PINTO, H. de M. **Entre a Casa e a Rua**: Uma história da mocidade de Diamantina-MG no final do século XIX. [Manuscrito], 2016. (Tese) – Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais – Faculdade de Educação, 2016.

RAMOS, D. da S. **Resistir para se divertir, se divertir para existir**: os “selvagens divertimentos” das pessoas negras em Salvador (BA) na virada do século (1890-1910). [manuscrito] 2022. 174 f.: il. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, 2022.

RECCHIA, C. R; LEONEL, M. C. de M. Diamantina: Cenário do primeiro diário escrito por uma mulher no Brasil – *Minha Vida de Menina de Helena Morley*. **Recorte – Revista Eletrônica**, Ano 8, n. 2.

SANTOS, F. P. dos. Capitalismo Histórico e Formas de Sociabilidade: uma hipótese sobre a formação do Brasil contemporâneo. In: **Revista da sociedade Brasileira de Economia Política**. Jan. 2019 – abr. 2019.

SANTOS, D. L. S. **Entre a Norma e o Desejo: estudo das tensões na vida conjugal diamantinense no processo de mudança social. (1863 a 1933)**. Dissertação de Mestrado. UFMG, 2003.

_____. **Cidades de Vidro: a fotografia de Chiichico Alkimim e o registro da tradição e da mudança em Diamantina: 1900 a 1940**. 2015. 330f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. 2015.

SANTOS, J. F dos. **Acayaca, 1729**. Belo Horizonte, Traquitana e Puc Minas, 2004.

_____. **Memórias do Distrito Diamantino**. 5ª ed. Petrópolis, Vozes; Brasília, INL, 1978.

SANTOS Jr., N. J. **A vida divertida suburbana: representações, identidades e tensões em um arrabalde chamado Bangu (1895-1929)**. 2017. (Tese). Doutorado. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, Belo Horizonte, 2017.

Sarat, M., & Sarat, L. Histórias de viajantes e suas missões civilizadora. **Anais do X Simpósio Internacional Processo Civilizador**, 2007. (pp. 1-8). Campinas: UNICAMP. Disponível em: <<http://www.fef.unicamp.br/sipc/anais8/Magda%20Sarat%20UNIMEP%20.pdf>>. Acesso em: 29 dez. 2022.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena. AZNAR-FARIAS, Maria. SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. Adolescência através dos Séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, Abr-Jun 2010, Vol. 26 n. 2, pp. 227-234.

SILVA, R. B. O Tema da Sensibilidade na Produção Historiográfica Contemporânea. In: **Anais do VI Simpósio Nacional de História Cultural – Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar**. Universidade Federal do Piauí. 2012. Disponível em: <<chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcglclefindmkaj/http://gthistoriacultural.com.br/VIsimpósio/anais/Raniery%20Bezerra%20da%20Silva%20&%20Joedna%20Reis%20de%20Meneses.pdf>>

SOARES, SR., and CUNHA, MI. Formação do professor: a docência universitária em busca de legitimidade [online]. **SciELO Books**. Salvador: EDUFBA, 2010. 134 p. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/cb/pdf/soares-9788523206772.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2022.

SOUZA, J. M. **Cidade:** Momentos e Processos - Serro e Diamantina na formação do Norte Mineiro no século XIX. São Paulo: ANPOCS - Editora Marco Zero, 1993.

SOUZA JÚNIOR. R. F. **Santificado seja vosso tempo livre:** a influência do catolicismo nas práticas de divertimento em Diamantina (1903-1930) [manuscrito] 2021. (Tese) Doutorado. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, Belo Horizonte, 2021.

SOUZA, G. M. de. **Entre diamantes e cascalhos: a Escola Normal de Diamantina, 1878-1905.** 2021. (Tese) Doutorado em Educação. Faculdade de Educação, UFU, Uberlândia, 2021.

VIEIRA, F. C. F; THOMÉ, L. M. Cícero Arpino Caldeira Brant: Primeiro diretor do grupo escolar em Diamantina (1907-1909). **IX CBHE – História da Educação Global, Nacional e Regional – Universidade Federal da Paraíba, 2017.**